



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**Programa de Pós-graduação em Psicologia**

**SENTIDOS ATRIBUÍDOS POR ADOLESCENTES DA REGIÃO MEIO-  
OESTE CATARINENSE AO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS**

**ANA PATRÍCIA PARIZOTTO**

**FLORIANÓPOLIS**  
**2005**

**ANA PATRÍCIA PARIZOTTO**

**SENTIDOS ATRIBUÍDOS POR ADOLESCENTES DA REGIÃO MEIO-  
OESTE CATARINENSE AO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS**

**Dissertação apresentada como requisito  
parcial para obtenção do grau de Mestre em  
Psicologia, Programa de Pós-graduação em  
Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências  
Humanas da Universidade Federal de Santa  
Catarina.**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Juracy  
Filgueiras Toneli.**

**FLORIANÓPOLIS  
2005**

**“A emoção é como uma concha: quando aberta, encontra-se um tesouro infinito”.**

**Sueli Salgado Figueiredo**

Dedico esse trabalho de dissertação de mestrado em Psicologia, a todas as pessoas que foram significativas e que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a sua concretização. A minha família pelo incentivo ao meu marido Orides Parizotto, companheiro de toda a vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Esta dissertação foi escrita graças à sabedoria e à ajuda de muitas pessoas. Sou extremamente grata a todas elas.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina, à Universidade do Oeste de Santa Catarina e à Universidade do Contestado, por proporcionarem a concretização deste sonho.

Sou grata aos seguintes colegas de grupo de orientação que cooperaram comigo neste trabalho: Gustavo, Maris Stela, Franciane e Marinea.

A todos os colegas de turma do mestrado.

Aos professores José Carlos Zanelli, Silvio Botomé e Olga Kubo.

Sou grata à minha orientadora Maria Juracy Filgueiras Tonelli por sua inteligência, clareza e grande coração e por ter me conduzido ao tema da dissertação, por suas críticas muito valiosas aos meus primeiros esboços.

Agradeço as minhas amigas Tainara e Adriana por estarem sempre disponíveis para trocar experiências e oferecer encorajamento.

À amiga Sandra Regina Coimbra pelo apoio e momentos agradáveis ao seu lado.

Sou grata Tercia Detófono pelo compartilhar comigo diversas etapas da realização deste trabalho.

À Carla Ribeiro pela convivência solidária e tão carinhosa.

Finalmente, agradeço aos adolescentes e pais que não podem ser mencionados por seus nomes e cujas experiências são descritas neste trabalho e cuja privacidade prometi proteger.

## SUMÁRIO

### Resumo

### *Abstract*

	<b>SENTIDOS ATRIBUÍDOS POR ADOLESCENTES DA REGIÃO MEIO-OESTE CATARINENSE AO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS</b>	<b>01</b>
<b>1</b>	<b>As etapas da vida: adolescência e suas implicações com o consumo de bebidas alcoólicas</b>	<b>04</b>
	1.1 Sentidos atribuídos por adolescentes ao consumo de bebidas alcoólicas.....	04
	1.1.1 Adolescência ou adolescências.....	09
	1.1.2 O adolescente na contemporaneidade.....	11
	1.1.3 Relações do adolescente com o consumo de álcool.....	14
<b>2</b>	<b>MÉTODO.....</b>	<b>17</b>
	2.1 Sujeitos.....	17
	2.2 Fontes de informação.....	18
	2.3 Equipamento e material.....	18
	2.4 Procedimentos.....	19
	2.4.1 Escolha dos sujeitos.....	19
	2.4.2 Elaboração do roteiro de entrevista.....	19
	2.5 Contato com os sujeitos.....	20
	2.6 Realização das entrevistas.....	21
	2.7 Registro das entrevistas.....	22
	2.8 Análise dos dados.....	23
	2.9 Apresentação dos sujeitos.....	24
<b>3</b>	<b>ANÁLISE DO MATERIAL OBTIDO NA PESQUISA DE CAMPO.....</b>	<b>35</b>
	3.1 Adolescência .....	35
	3.2 Visão que os adolescentes têm em relação ao que eles acreditam que os adultos pensam deles.....	42
	3.3 Visão que os adolescentes têm em relação ao que eles acreditam que os pais pensam eles.....	48
	3.4 Visão que os adolescentes têm em relação ao que eles acreditam que os professores pensam deles.....	52

3.5 Adolescentes da cidade.....	56
3.6 Rotina de convívio com os amigos.....	62
3.7 Amizade.....	67
3.8 Primeira experiência com bebidas alcoólicas.....	71
3.9 Bebida na família de origem.....	77
3.10 motivos que levam os adolescentes a consumir bebidas alcoólicas.....	82
 <b>4    CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	 <b>89</b>
 <b>5    REFERÊNCIAS.....</b>	 <b>94</b>
 <b>6    ANEXO.....</b>	 <b>98</b>

## **Lista de Quadros**

<b>QUADRO 1</b> – Verbalizações dos entrevistados sobre o que é a adolescência.....	36
<b>QUADRO 2</b> – Verbalizações dos entrevistados sobre o que pensam ser a visão dos adultos sobre os adolescentes.....	42
<b>QUADRO 3</b> – Verbalizações dos entrevistados sobre o que pensam ser a visão dos pais sobre os adolescentes.....	48
<b>QUADRO 4</b> – Verbalizações dos entrevistados sobre o que pensam ser a visão dos professores sobre os adolescentes.....	53
<b>QUADRO 5</b> – Verbalizações dos entrevistados sobre como são os adolescentes da sua cidade.....	57
<b>QUADRO 6</b> – Verbalizações dos entrevistados sobre as suas rotinas de convívio com os amigos.....	63
<b>QUADRO 7</b> – Verbalizações dos entrevistados sobre o aspecto amizade.....	68
<b>QUADRO 8</b> – Verbalizações dos entrevistados sobre a primeira experiência com bebidas alcoólicas.....	72
<b>QUADRO 9</b> – Verbalizações dos entrevistados sobre o consumo de bebidas alcoólicas na família de origem.....	79
<b>QUADRO 10</b> – Verbalizações dos entrevistados sobre os motivos que levam os adolescentes a consumir bebidas alcoólicas.....	83



## **RESUMO**

### **SENTIDOS ATRIBUÍDOS POR ADOLESCENTES DA REGIÃO MEIO-OESTE CATARINENSE AO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS**

Ana Patrícia Alves Vieira Parizotto  
(Mestrado em Psicologia – UFSC)

Orientadora: Professora Dra. Maria Juracy Filgueiras Toneli

Área de Ciências Humanas e Sociais

A presente pesquisa de dissertação de Mestrado em Psicologia - UFSC, fundamentada na teoria histórico-cultural em Psicologia, teve como objetivo investigar os sentidos atribuídos por adolescentes da região Meio-Oeste catarinense ao consumo de bebidas alcoólicas. Embora existam inúmeros trabalhos relacionados ao tema em questão, cabe ressaltar que não foram encontrados, durante o período da pesquisa, estudos que tivessem estreita relação com o consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes em município de pequeno porte. A maioria dos trabalhos encontrados aborda o consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes relacionados a outros tipos de drogas, tanto lícitas (tabaco e medicamentos), quanto ilícitas (maconha, cocaína, êxtase). Essa situação remete a pensar não somente sobre os aspectos relacionados à adolescência como período importante do desenvolvimento humano, mas também sobre as diversas situações a ela relacionadas, dentre elas os sentidos atribuídos ao consumo de bebidas alcoólicas. Para a realização da pesquisa, foram entrevistados seis adolescentes com idades entre 15 a 19 anos. As entrevistas semi-estruturadas foram organizadas em torno dos eixos temáticos: adolescência, consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes e consumo de bebidas alcoólicas na família de origem. Os dados obtidos nas entrevistas foram submetidos à análise do conteúdo do discurso, levando em consideração os apontamentos existentes na literatura científica. Foi possível identificar que o consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes é associado à facilitação para a sua socialização e ao enfrentamento de situações novas. Outro aspecto apontado relaciona-se à solidão e à falta de companhia feminina, no caso dos meninos. Ainda, no que se refere aos meninos, aparece o consumo de bebidas alcoólicas associado à identificação com o modelo masculino e à sociabilidade masculina. Também evidencia-se a relação entre o consumo e o fato de os pais beberem habitualmente, bem como se identificou tal consumo associado a sofrimento e à fuga da realidade. Apesar dos vários estudos e pesquisas nesse campo, o estereótipo de uma adolescência conturbada e de um adolescente rebelde ainda persiste, merecendo, dessa forma, um olhar mais cuidadoso.

**Palavras-chave:** Adolescência. Consumo de bebidas alcoólicas. Consumo de bebidas alcoólicas na família de origem.

## **ABSTRACT**

### **MEANING ATTRIBUTED BY ADOLESCENTS OF THE REGION HALF-WEST CATARINENSE TO THE ALCOHOLIC BEVERAGE CONSUMPTION**

Ana Patricia Alves Vieira Parizotto (mestrado in Psychology - UFSC)  
Orienting: Dra. teacher Maria Juracy Filgueiras Toneli

Area of Sciences Social Human beings Meanings related by adolescents for the consumption of alcoholic drinks of the mid-west region of Santa Catarina State.

The present Master's degree research in Psychology UFSC, based in the historical-cultural theory in Psychology, had as a target to investigate the meanings attributed to the consumption of alcohol by adolescents in the mid-west region of Santa Catarina State.

Although there are many papers related to the theme in question, it's worth mentioning that not many were found during the research period that deal with the consumption of alcohol by adolescents in a small city. The majority of the papers found deal with the use of alcoholic drinks related to other kinds of drugs, legal ones (tabacco and medicine) as well as illegal ones (marijuana, cocaine, ecstasy). This situation makes us think not only about aspects related to adolescence as an important period of human development, but about many situations related to it, among them, the meanings related to the consumption of alcoholic drinks. For this research, six teenagers were interviewed with ages between 15 and 19. Semi-structured interviews were organized in the following themes: adolescents, consumption of alcoholic drinks by adolescents and consumption of alcoholic drinks in the family of origin.

The contents of the data collected in the interviews were analyzed taking into consideration the existing scientific literature. It was possible to identify that the consumption of alcoholic drinks by adolescents is associated to making it easier for them to socialize and to face new situations. Another aspect pointed out is related to loneliness, and in the boy's case, lack of female company. In relation to the boys, the consumption of alcohol is also associated to the identification of with the male model and male sociability. It's also evident the relation between the consumption and the fact that the parents usually drink. The consumption of alcohol was also associated to suffering and hiding from reality. Although there are many studies and researches done in this area, the stereotype of a troubled and rebellious teenager still persists, deserving a careful look.

**Key-words:** Adolescents; Consumption of alcoholic drink; Consumption of alcoholic drink in the family of origin.

## **SENTIDOS ATRIBUÍDOS POR ADOLESCENTES DA REGIÃO MEIO-OESTE CATARINENSE AO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS**

Nos últimos anos, mais especificamente a partir dos anos sessenta, o consumo de substâncias psicoativas transformou-se em uma preocupação mundial, particularmente nos países industrializados. Os problemas decorrentes do consumo indevido dessas substâncias preocupam tanto a sociedade, como também os órgãos públicos e as políticas de saúde. O fenômeno vem sendo relacionado, em certa medida, a situações que vão desde a busca do prazer, quanto ao alívio do sofrimento.

Segundo Bucher (1991), o tema relativo às substâncias psicoativas apresenta-se como um dos mais freqüentes nos meios de comunicação. Para o autor, no entanto, a mídia não o trata de forma séria, nem, tampouco, com o devido embasamento científico. Ele aponta que, no Brasil, essa questão não é diferente, posto que discorrer sobre tais substâncias transformou-se em modismo que é partilhado por uma vasta faixa da sociedade em geral. Nesse cenário, surge a população adolescente com todas as características que lhe são peculiares, sendo o consumo de substâncias psicoativas um dos comportamentos adotados por uma grande parte deles.

É importante salientar que a noção de adolescência não deve unicamente ser definida por critérios etários, visto que é um período socialmente construído, que está intimamente relacionado às referências históricas típicas de cada sociedade e à pertinência de papéis sociais, própria de cada cultura. Dessa forma, é mister salientar que, ao se definir a adolescência utilizando características diversificadas, significações são estabelecidas, ou seja, a realidade de cada sujeito é interpretada. Tais significações são formuladas a partir de realidades sociais e de marcas que são apontadas para a constituição dos sujeitos.

A presente pesquisa utiliza um recorte etário entre os 14 e 19 anos. Essa demarcação acompanha o que estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente, o qual estabelece como adolescente todo o indivíduo na faixa etária de 12 a 18 anos, e a Organização Mundial da Saúde que considera adolescente todo indivíduo na faixa etária de 10 a 19 anos.

Esta pesquisa busca abordar a temática “consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes” por meio de um olhar pautado na teoria histórico-cultural de Vygotsky, pois se sabe que essa teoria busca compreender o ser humano a partir do contexto no qual ele está inserido.

Este trabalho de dissertação tem como objetivo obter maior compreensão sobre o fenômeno relativo ao consumo de bebidas alcoólicas na adolescência. Para isso, buscou investigar o consumo de bebidas alcoólicas sob uma perspectiva histórica, ou seja, se tal consumo se constitui em um problema para os adolescentes e quais as concepções desse fato nas suas vidas.

Tendo em vista o objetivo acima mencionado, a questão que norteou esta pesquisa foi: quais os sentidos atribuídos por adolescentes da região Meio-Oeste catarinense ao consumo de bebidas alcoólicas?

Para atingir o objetivo proposto e responder a essa questão, realizaram-se os procedimentos metodológicos adequados para uma pesquisa dessa natureza. Os dados foram coletados por meio de observações de campo e entrevistas semi-estruturadas com seis adolescentes, as quais foram realizadas, transcritas e analisadas com os devidos rigores metodológicos.

Esta dissertação está organizada em três capítulos. Cada um traz em seu bojo a essência e o respeito a cada uma das etapas constitutivas que possibilitaram a realização deste trabalho de pesquisa.

O primeiro capítulo apresenta reflexões teóricas, discutindo as concepções dos autores que serviram de sustentação para a análise do material obtido no estudo em questão. Temas como adolescência, adolescência na contemporaneidade, consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes e bebida alcoólica na família de origem embasaram a discussão dos resultados da pesquisa.

O segundo capítulo descreve os procedimentos metodológicos utilizados, respeitando desde o momento em que o roteiro de entrevista foi elaborado, o momento da validação do instrumento até a sua aplicação e análise.

O terceiro capítulo apresenta e analisa as informações contidas no material obtido durante a investigação. Essa análise apóia-se em quadros sinópticos de verbalizações significativas dos sujeitos entrevistados que permitiram a categorização do material.

Subseqüentemente, apresentam-se as considerações finais, nas quais são observados alguns dados relevantes e ao mesmo tempo inquietantes levantados na pesquisa, que sinalizam a necessidade imperiosa de repensar os conceitos relativos à adolescência e às situações ligadas a ela, nesse caso o consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes.

Em anexo, encontram-se o roteiro de entrevista semi-estruturada, uma tabela e a caracterização sociodemográfica relativa aos sujeitos da pesquisa, o termo de consentimento assinado pelos adolescentes, o termo de consentimento assinado pelos responsáveis, a declaração de anuência do diretor de área e a declaração do responsável pela pesquisa.

# CAPÍTULO 1

## 1. AS ETAPAS DA VIDA: ADOLESCÊNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES COM O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

### 1.1 Sentidos atribuídos por adolescentes da região Meio–Oeste de Santa Catarina consumo de bebidas alcoólicas

O consumo de drogas<sup>1</sup> pela humanidade não é recente. Há indícios de que o uso de substâncias psicoativas de forma ritualística sempre existiu na história da humanidade. Nas décadas de 60 e 70 do século XX, no entanto, as sociedades urbanas e ocidentais vivenciaram uma explosão em relação ao consumo de drogas pelos adolescentes (MUZA, *et al.*, 1997). Nos países industrializados, a partir de então, o consumo de substâncias psicoativas passou a constituir uma preocupação mundial em função de sua alta frequência e dos riscos que acarreta à saúde física e mental. O álcool – talvez a substância psicoativa mais presente na vida das pessoas – e seu consumo por adolescentes é o objeto de investigação nesta dissertação de Mestrado.

Muza *et al.* (1997) postulam que a adolescência é o grupo etário que maior preocupação demanda quanto ao consumo dessas substâncias, pois os anos adolescentes constituem, segundo Tavares, Béria e Lima (2001), uma época de exposição e vulnerabilidade<sup>2</sup> às substâncias psicoativas. Diversas pesquisas têm sido realizadas em torno do fenômeno (TOROSSIAN, RIBEIROL & PERGHER, 1998; ARAÚJO e GOMES, 1998; SCHENKER e MINAYO, 2003; BAUS, KUPEK e PIRES, 2002, entre outros) e sugerem sua atualidade e importância. Demonstram, outrossim, a necessidade e a relevância científica da continuidade de investigações que permitam um maior e/ou melhor entendimento do fenômeno. A pergunta de pesquisa que orientou o presente trabalho de dissertação foi: quais os sentidos atribuídos por adolescentes da região

---

<sup>1</sup> Droga: é toda e qualquer substância que atua no sistema nervoso central, provocando modificação ou alteração no humor, comportamento ou cognição, sendo passível de auto-administração. (Silva, Mylton Severino, *et al.* p. 48, 1998).

<sup>2</sup> Vulnerabilidade: que se pode vulnerar ou penetrar; designativo do lado fraco de um assunto ou questão e do ponto por onde alguém pode ser atacado ou ferido. Qualidade daquilo que é vulnerável. (BUENO, p. 60, 2000).

Meio-Oeste de Santa Catarina ao consumo de bebidas alcoólicas? Este estudo aspirou contribuir para que a adolescência e suas relações com o consumo de álcool sejam pensadas a partir dos próprios adolescentes, bem como fornecer pistas para as políticas públicas voltadas para essas populações.

Ao eleger o termo sentido como uma forma de compreender a relação entre a adolescência e o consumo de bebidas alcoólicas, cabe salientar que se trata de conceito relativo à teoria de Vygotsky e que ele referencia o processo de constituição do sujeito e tem a sua origem no processo histórico e cultural. Molon (1999) refere-se ao termo sentido como um modo de sentir, significar as experiências vividas que o sujeito estabelece como significados próprios. Relaciona-se ao resultado da trajetória do sujeito no mundo, incluindo-se, nesse processo, aspectos associados à origem de classe, raça e/ou etnia, tradições culturais, nível de escolaridade, momentos históricos, dentre outros. Observa-se, portanto, que um dos grandes contra-sensos quanto à significação do sujeito pode se basear no próprio sujeito, que questiona a sua existência. Por exemplo: quem sou eu? Para quem sou? Qual o meu papel na sociedade? Ou também a influência de outros fatores que vêm a contribuir na construção desse sujeito.

Na tentativa de compreender o processo de constituição do sujeito, Bock, Marcichina e Furtado (2001) afirmam que é necessário superar as visões naturalizantes e perceber a adolescência como constituída socialmente a partir de necessidades sociais e econômicas dos grupos nos quais os adolescentes estão inseridos, bem como olhar e compreender suas características como algo que vai se constituindo processualmente. Partindo dessa proposição, tentou-se desenvolver um estudo relativo ao adolescente no sentido de buscar compreendê-lo, tendo como parâmetro a sua própria maneira de significar o que ocorre ao seu redor e, ao mesmo tempo, imaginando que somente o próprio adolescente pode discorrer de maneira legítima sobre ele mesmo e que tais considerações se modificam de acordo com o momento histórico e o contexto sociocultural.

O interesse pela temática surgiu a partir da experiência profissional da pesquisadora no atendimento psicológico a dependentes químicos em clínica de recuperação. Além disso, atualmente desenvolve projeto de extensão em uma universidade situada na região Oeste catarinense, na qual conta com o auxílio de quatro estagiárias da décima fase do curso de Psicologia, desenvolvendo atendimento clínico e

de orientação a dependentes químicos e familiares – duas na clínica-escola da universidade e duas em hospital psiquiátrico. Orienta, também, oito bolsistas que desenvolvem atividades relativas à orientação sobre o consumo indevido de drogas em cinco escolas da rede pública, tendo como público-alvo os adolescentes. Trabalhando com essa temática e considerando os pressupostos mencionados, foi possível problematizar e levantar alguns questionamentos sobre os sentidos atribuídos ao consumo de álcool entre adolescentes. Algumas perguntas que motivaram a realização deste estudo são:

- *A adolescência existe?*
- *O que é a adolescência?*
- *É singular? Plural?*
- *Quem são os adolescentes da atualidade?*
- *Existem comportamentos típicos da adolescência?*
- *Quais são esses comportamentos?*
- *O que leva o adolescente a fazer uso de bebidas alcoólicas?*
- *Existe alguma relação direta entre a adolescência e o consumo de bebidas alcoólicas?*

Ante as questões mencionadas, convém salientar que, na passagem do século XX para o século XXI, incontáveis foram os acontecimentos que assinalaram as transformações ocorridas na contemporaneidade como: mudanças nas estruturas familiares, valores de consumo cada vez mais presentes, alterações nos papéis sociais representados tanto pelos homens quanto pelas mulheres, aumento do nível de escolaridade dos indivíduos e a busca por melhores colocações no mercado de trabalho. Nesse universo de transformações, cabe mencionar a necessidade de acréscimo de estudos por parte de pesquisadores das ciências humanas, sociais, da saúde e da educação, acerca do fenômeno relacionado à adolescência e suas relações com o consumo de álcool. Em pesquisa realizada com estudantes secundaristas de uma escola pública de Porto Alegre, RS, por Araújo e Gomes (1998), foi constatado que a permissividade do álcool como uma droga genuinamente utilizada por adolescentes



denuncia o quanto a sociedade é complacente e, talvez mesmo, estimuladora desse comportamento de uso. Os resultados revelam que o consumo precoce é um facilitador para o enfrentamento de novas situações pelos jovens, decorrentes do processo de maturação relativo ao momento evolutivo.

Em estudo realizado com um grupo de adolescentes de camadas populares por Lyra *et al.* (2002), uma dentre as várias concepções a respeito da adolescência se relaciona à idéia de que ela está vinculada a uma certa indefinição, que ocorre entre a infância e a fase adulta e, por isso, estariam os adolescentes propensos a enfrentar uma crise de identidade. Nessa crise, estariam implícitas dificuldades como falta de clareza relativa a seus posicionamentos, projetos e aspirações. Tal ocorrência tende a conduzi-los a manifestarem comportamentos transgressores, rebeldes, inadequação a regras, busca constante por emancipação e liberdade. Todos esses fatores ajudam na conservação de idéias estigmatizantes e, ao mesmo tempo, na manutenção de teorias psicologizantes que caracterizam a adolescência como um período descrito unicamente por termos pejorativos, que impossibilitam, dessa forma, seu entendimento como um período rico em experiências. Tais experiências, no entanto, irão contribuir para o seu desenvolvimento e não necessariamente cristalizarem-se como algo determinante na sua existência.

A revisão da literatura sobre a relação entre a adolescência e o consumo de bebidas alcoólicas começou pelo banco de dados [www.bvs-psi.org.br](http://www.bvs-psi.org.br), através do indexpsi-periódicos. As consultas foram realizadas durante os meses de agosto e setembro de 2003, utilizando os seguintes descritores: adolescência e juventude, adolescência e álcool, adolescência e drogas.

Com os descritores “adolescência e juventude”, foram obtidos trezentos e cinquenta e sete publicações, com os descritores “adolescência e álcool”, quatro resumos, e com “adolescência e drogas”, oito resumos. Foram encontrados doze artigos científicos que oferecem contribuições para o trabalho em pauta. Tais artigos são fruto de pesquisas realizadas no eixo Sul e Sudeste, mais especificamente nos estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Dentre eles, alguns abordavam o uso de álcool associado a outros tipos de drogas, especialmente maconha, cocaína, tabaco e medicamentos. Cabe apontar que, durante a revisão das publicações, houve uma certa dificuldade em encontrar pesquisas relativas especificamente ao

consumo de álcool na adolescência, pois quando esse tema aparece vem relacionado a questões de ordem familiar, bem como ao consumo de outras drogas, tanto lícitas quanto ilícitas.

Em pesquisas realizadas por Tavares, Béria e Lima (2001), observa-se que, quanto ao consumo de drogas, o álcool apareceu como a substância mais consumida pelos jovens, estando à frente do consumo do tabaco. Outros estudos citados pelo autor demonstram que, tanto no Brasil quanto em outros países, o álcool é a droga mais utilizada entre adolescentes escolares. Esse comportamento de uso inicia-se precocemente, tendo em vista que quase metade dos estudantes na faixa etária entre dez e doze anos já fez uso de álcool. No entanto, verifica-se que o álcool, por ser uma droga lícita e de fácil acesso, parece tornar-se a “porta de entrada” para o uso de outras drogas. Dessa forma, é ressaltada a necessidade de trabalhos relativos ao uso de álcool na adolescência pelos transtornos que pode ocasionar à saúde e pela sua associação com outras substâncias psicoativas.

Um artigo, em especial, foi destacado entre os encontrados, pelo fenômeno investigado: “Adolescência e as expectativas em relação aos efeitos do álcool” (ARAÚJO e GOMES, 1998). A pesquisa desses autores constatou que aspectos como faixa etária, frequência de uso, influência do meio, locais que os adolescentes frequentam, efeitos sentidos após a ingestão e quantidade de bebida ingerida são fatores que influenciam o uso de álcool. Foram realizados dois estudos interdependentes e os resultados assinalam para o uso do álcool como parte do desenvolvimento psicológico do adolescente na sociedade e para o impacto da orientação e do modelo familiar não somente nos hábitos de consumo, mas também nas escolhas da bebida dos filhos adolescentes. Os estudos revelam um fator de suma importância: o consumo abusivo de álcool na adolescência como forma de amenizar a transição desse período para a fase adulta, na qual o jovem é chamado a desempenhar um papel social que exige dele uma maior responsabilidade.

Diante das proposições expostas, foi observada a importância de compreender o fenômeno da adolescência e as temáticas que se relacionam a ela, tendo como ponto de partida analisar o que a literatura tem disponível a respeito. Para tanto, é necessário revisar os conceitos produzidos em torno do tema da adolescência sob a visão de diferentes autores. Cabe ressaltar que o que se apresenta aqui é o resultado obtido desde

quando da elaboração do projeto de mestrado, o qual resultou da seleção de doze artigos científicos que apresentavam alguma aproximação com o problema de pesquisa, alguns já mencionados e outros que serão descritos no decorrer deste trabalho de dissertação.

### **1.1.1 Adolescência ou adolescências?**

Algumas concepções acerca da adolescência vêm sendo pensadas a partir de uma visão generalista, ou seja, como se pudesse ser percebida e vivida da mesma forma em todos os contextos, como se fosse um fenômeno universal. Sabe-se, no entanto, que o sujeito constitui-se de forma diferenciada de acordo com o ambiente no qual está inserido e, portanto, o adolescente apresenta suas próprias singularidades. Groppo (2000) menciona que o adolescente, dependendo da situação na qual vive, vai dar significado a suas escolhas, comportamentos, atitudes e valores. Tais significados mostram-se intimamente relacionados ao momento histórico, social, cultural, regional e têm relação direta com o processo de constituição do sujeito.

Na sociedade urbana ocidental contemporânea, a adolescência é tida como uma fase do desenvolvimento humano, composta por uma série de transformações que abrangem os níveis psicológico, biológico e social. Salienta-se que a adolescência é caracterizada como uma transição, ou seja, uma fase da existência humana que tem início na puberdade finalizando com a juventude<sup>3</sup>. De acordo com Torossian, Ribeiro e Pergher (1998), a adolescência é um momento de crescimento pessoal, trazendo em seu bojo diversos aspectos, dentre eles observa-se a busca pela identidade sexual, social e psíquica. Como está vivenciando esse processo de transformação, o jovem torna-se vulnerável, ficando então sujeito a inúmeras manifestações de comportamentos e vivências, já que está à mercê de influências dos pais e amigos, os quais têm uma grande importância para a formação de um código de valores típicos da adolescência.

Ao pensar, e ao mesmo tempo falar, sobre a adolescência, é possível também considerar um conceito baseado na sociologia segundo o qual:

---

<sup>3</sup> Cabe aqui apresentar duas definições baseadas em critérios etários: a da Organização Mundial de Saúde (OMS) para jovens de 15 a 24 anos; e a do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), para adolescentes de 12 a 18 anos. Tendo em vista que esta pesquisa será realizada com sujeitos de 14 a 19 anos, o uso dos termos, tanto adolescente, quanto jovens, justifica-se, sabendo-se que tais sujeitos tanto podem ser considerados adolescentes, quanto jovens.

A próxima tarefa será a desmistificação deste fundamento natural da juventude, mostrando que a faixa etária juvenil, assim como os demais grupos de idade, são uma criação sócio-cultural própria, marcante e fundamental dos processos de modernização e da configuração das sociedades contemporâneas. Essa criação surge ao lado ou em conjunto com outras categorias sociais essenciais, como estruturas e estratificações sociais, relações de gênero, relações étnicas e outras, bem como junto a fenômenos históricos cruciais, como o capitalismo, o imperialismo, o ocidentalismo (GROPPO, 2000, p. 27).

A adolescência pode apresentar-se sob diferentes perspectivas. Isso se evidencia no conceito estabelecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 1997), que propõe a subdivisão: puberdade, adolescência e juventude. A *puberdade* está relacionada ao conjunto de transformações corporais, a *adolescência* compreende a trajetória biopsicossocial que ocorre entre a infância e a idade adulta e a *juventude* engloba períodos intermediários e finais da adolescência e os primeiros da maturidade, podendo se estender dos 15 aos 24 anos.

A análise das divisões propostas pela OMS contrapõe aquela estabelecida por Sillamy (1998), segundo o qual a adolescência é caracterizada por ser uma época da vida situada entre a infância e a idade adulta, não aparecendo subdivisões. Trata-se de um período difícil, marcado por transformações corporais e psicológicas, que se inicia por volta dos 12 ou 13 anos e finaliza entre 18 e 20 anos. Vê-se que os limites se mostram pouco definidos, já que o aparecimento e a duração da adolescência variam conforme o sexo, a raça, as condições geográficas e os meios socioeconômicos. Na esfera psicológica, a adolescência é demarcada pela reativação e eclosão do instinto sexual, a confirmação dos interesses profissionais e sociais, o desejo de liberdade e de autonomia e a riqueza das experiências da vida afetiva, concepção esta que advém da Psicanálise clássica.

Diante das idéias expostas, é fundamental enfatizar que a adolescência não deve ser compreendida de maneira universal, visto que o sujeito irá significar as suas vivências a partir daquilo que foi transmitido pelo meio, bem como pelo próprio processo de subjetivação desse sujeito. Essas considerações tornam-se essenciais para o entendimento do processo de construção da identidade do adolescente. Sabendo que a adolescência é vivenciada de forma diferente e especial por cada indivíduo, vê-se a

necessidade de repensar tais conceitos, para uma melhor compreensão dos comportamentos do indivíduo adolescente.

Os teóricos, usualmente, de uma forma mais específica no caso da Psicologia, tendem a caracterizar o adolescente como um indivíduo mutável e incerto, tornando-o assim suscetível e vulnerável. Observa-se a necessidade de considerar o fato de que os significados atribuídos à adolescência terminam por extrapolar os limites do ambiente acadêmico e científico, passando a fazer parte do imaginário popular. A banalização de temas científicos sobre a adolescência possibilitou que fossem criadas representações acerca do adolescente que tendem a afirmar a tese de que esse período da vida é caracterizado por uma certa descontinuidade, por conflitos e tensões no âmbito psicológico, contribuindo para que o senso comum faça uso do termo *aborrecente* para sintetizar esse processo (SIQUEIRA, 2000, p. 22). Siqueira (2000), investigando as representações em torno da adolescência, alerta para a origem histórica e social das prescrições morais:

Esta visão que aponta a irregularidade, a inconstância, o conflito e as tensões como características próprias da adolescência nos contextos sociais ocidentais urbanos, é a mesma que aponta a “irregularidade” do adolescente. Da mesma maneira que a adolescência deve ser tematizada como uma produção social e histórica, produção essa oriunda da modernidade e de determinados contextos sociais e culturais, pode-se considerar que as prescrições morais que determinam os critérios para considerar um comportamento responsável ou não também são histórica e socialmente produzidas. (SIQUEIRA, 2000, p. 22).

Existem visões diversificadas para justificar a natureza, a gênese e a função da adolescência e da juventude. Do ponto de vista cronológico, a adolescência constitui um período de interconexão com a infância propriamente dita. Todavia, no campo dos sentidos, a adolescência pode ser desprendida do orgânico, por meio de uma maior ênfase na forma de como o adolescente vive suas experiências e o significado histórico e social que ele fornece àquilo que vivencia. Isso pode ser observado na sua saída cada vez mais tardia de casa, na escolha da profissão, nos relacionamentos afetivos, na convivência com o grupo com o qual se identifica. É possível, por exemplo, conforme salientam Lyra *et al.* (2002), falar de um prolongamento da juventude metaforizado nas expressões “adullescência”, “geração canguru” ou “pós-adolescência”.

### 1.1.2 O adolescente na contemporaneidade

O lugar que os adolescentes ocupam no mundo contemporâneo aponta para uma reflexão constante no que se refere à sua função como seres humanos. Essa idéia remete a pensar a adolescência constituída sob diversos olhares. Melucci (apud Lyra *et al.* 2002) salienta que, do ponto de vista do mundo adulto, convive-se com a idéia de um sujeito responsável pela gerência do seu presente e futuro, buscando concretizar seus projetos pessoais, cada vez mais individualizado. Se, por um lado, cresce essa responsabilização individual pela concretização ou não de tais projetos, por outro, ampliam-se as alternativas possíveis em apresentar os diferentes perfis observados em indivíduos adolescentes na contemporaneidade. Qual o lugar dos adolescentes nesse contexto?

Atualmente, a adolescência é tida como um período da vida no qual o sujeito pode transitar livremente pelos códigos morais com maior autonomia. Em outras épocas, exigia-se que o adolescente manifestasse um comportamento adulto; a possibilidade de viver esse período de uma maneira mais tranqüila era, então, dificultada. Segundo Abramo (1997, apud Lyra *et al.* 2002), essa é uma retórica encontrada nas propagandas dirigidas aos jovens que valorizam liberdade, vigor, ousadia. Isso pode ser observado em propagandas nas quais o adolescente aparece fazendo uso de bebidas alcoólicas. Tais propagandas fazem alusão a essas substâncias como se elas fossem revestidas somente por características positivas, quando, na verdade, é sabido que existe todo um conjunto de interesses embutido na tentativa de comercializar tais produtos.

As idéias atuais sobre a adolescência se assentam sobre a noção de crise, desordem e irresponsabilidade e são freqüentemente consideradas questões que merecem atenção pública. A juventude é, pois, vista como um problema social sob o prisma do medo, da violência e do horror. Lyra *et al.* (2002) denunciam expressões absurdas usadas para se referir aos aspectos relativos a esse período da vida como *prevenção da adolescência*. Há outras expressões freqüentemente usadas que denotam a definição negativa que se dá à adolescência: gravidez de risco, risco de contrair HIV, risco de uso de drogas lícitas e ilícitas, risco de vida frente à violência. Há, então, uma crença em um risco generalizado durante a juventude.

Em contraposição à irresponsabilidade atribuída ao jovem, observam-se movimentos de jovens que têm como finalidade mudanças sociais amplas. Dois dos exemplos no Brasil que ilustram esse fato foram a adesão dos jovens ao movimento das *Diretas Já* e a destituição de um Presidente da República. Frequentemente, os jovens vêm se reunindo em fóruns especiais com o objetivo de lutar contra o *status quo* e contra ideais conservadores. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)<sup>4</sup> vem endossando esses movimentos. Melucci (1997) afirma, entretanto, que esses movimentos aparecem dissolvidos em meio a diversos fatores: a pobreza, o desemprego e a imigração. Segundo o autor, não há ainda espaço para que as vozes juvenis sejam ouvidas. Sendo assim, não seria esse um momento oportuno para que os adolescentes possam expor as suas idéias e posicionamentos diante de temas que se referem a ele?

Abramo (1997) reflete sobre a juventude e observa que, de uma maneira genérica, salienta-se que ela, de uma forma ou de outra, tem estado presente na opinião pública e no pensamento acadêmico, relacionada a uma categoria favorável para simbolizar os dilemas da contemporaneidade. A juventude, vista como categoria geracional, aparece como retrato projetivo da sociedade. Dessa forma, sintetiza os medos, as angústias e, do mesmo modo, as esperanças em relação às convergências sociais percebidas no momento presente e aos rumos que essas convergências transmitem para a adequação social futura. Abramo (1997, p.29) faz a seguinte observação:

A tematização da juventude pela ótica do problema social é histórica e já foi assinalada por muitos autores: a juventude só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria ou para a sociedade. Seja porque o indivíduo jovem se desvia do seu caminho em direção à integração social, por problemas localizados no próprio indivíduo ou nas instituições encarregadas de sua socialização ou ainda por anomalia do próprio sistema social, seja porque um grupo ou movimento juvenil propõe ou produz transformações na ordem social ou ainda porque uma geração ameaça romper com a transmissão da herança cultural.

A partir dessas reflexões, é válido salientar a necessidade de apoio aos jovens na criação de espaços de acolhimento e exercício de autonomia e responsabilidade. Dessa

---

<sup>4</sup> O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado em 1990, completou 14 anos em 2004. Pinto.

forma, os adolescentes, ao invés de simplesmente sofrerem ou ignorarem os problemas sociais, tornam-se sujeitos ativos na solução de tais problemas. Segundo Sawaia (1994, *apud* Lyra *et al.*, 2002), esse é um princípio ético de respeito às jovens gerações, suportado por uma lógica baseada na compreensão de um sujeito capaz de assentar a própria noção de adolescência no palco das possíveis (re) significações, numa ação propositiva.

A partir dessas reflexões, cabe salientar que, neste trabalho de dissertação, a proposta não é fazer uma crítica genérica aos trabalhos existentes acerca dos adolescentes, mas busca-se abalizar premissas, de certa maneira problemáticas, que podem acarretar a atuação ou diretrizes desvirtuadas no que se refere à população adolescente; elas, conseqüentemente, poderão resultar em atuações e/ou ações pouco efetivas e, desse modo, podem ajudar na repetição desse modelo equivocado existente, acerca dos adolescentes, modelo que se deve repensar, no sentido de modificar as distorções existentes em relação à referida população.

### **1.1.3 Relações do adolescente com o consumo de álcool**

Torossian, Ribeiró e Pergher (1998) alertam que a ingestão de bebida alcoólica, freqüentemente, inicia-se no período da adolescência e vem se constituindo um dos graves problemas que mobilizam profissionais da saúde e da educação. Há também uma crescente discussão sobre o tema nos meios de comunicação de massa. Esse fato, por si só, já justifica a importância de estudar os significados atribuídos por adolescentes ao consumo de bebidas alcoólicas. Trata-se de tentar identificar as significações que sustentam os comportamentos para poder auxiliar os programas de promoção à saúde a estabelecer estratégias mais eficazes nos trabalhos voltados às populações jovens.

Christiansen *et al.* (1998), Cooper *et al.* (1992) e Smith *et al.* (1995), citados por Araújo e Gomes (1998), observam que as expectativas em relação aos efeitos do uso do álcool exercem influências significativas no início do consumo, na manutenção do seu uso e na emissão de comportamentos a ele relacionados. Araújo e Gomes (1998), embasados em pesquisas de vários autores postulam que, antes mesmo de o indivíduo consumir qualquer tipo de bebida alcoólica, vão se formando expectativas claras a respeito dos efeitos do álcool. Essas expectativas vão sendo desenvolvidas por meio dos



modelos parentais e do grupo de pares, de vivências diretas e indiretas com bebidas alcoólicas, bem como de exposição freqüente à propaganda.

No mesmo estudo, Araújo e Gomes (1998) postulam que as expectativas em relação aos efeitos do álcool entre adolescentes podem ser clarificadas por meio de suas histórias pessoais em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, privilegiando-se, assim, as expectativas dominantes de cada indivíduo. Destaca-se que, nesse estudo, houve preocupação no sentido de investigar como as expectativas estão relacionadas ao contexto da experiência de adolescentes com o álcool e quais as funções que o álcool pode desempenhar na adolescência. Observa-se que o uso de álcool, nesse período merece atenção especial, visto que tal uso nem sempre está relacionado a questões somente de ordem individual, mas também a questões de ordem familiar e social, ou seja, ao contexto no qual o adolescente está inserido.

As peculiaridades de cada história de consumo de álcool trazem, paralelamente, um conjunto de expectativas de efeitos que refletem essa história. Inicialmente, as relações entre o uso do álcool e suas conseqüências são aprendidas vicariamente, existindo antes da experiência direta com bebidas alcoólicas (Christiansen, Smith, Roheling & Goldman, 1989; Smith, Goldman, Greenbaum & Christiansen, 1995). Essas expectativas de conseqüências influenciam a decisão de beber. Expectativas de confiança e bem-estar podem ser confirmadas pela experiência com o álcool e fortalecer aquelas previamente existentes, especificando-as. A partir daí, as expectativas passam a influenciar a atenção, de modo que eventos consistentes com as expectativas são selecionados e registrados. Essa influência recíproca entre as expectativas e experiências com álcool é observada em adolescentes com expectativas altas. Eles tendem a beber mais e a experimentar mais conseqüências confirmatórias de suas expectativas, em uma retroalimentação positiva. Indivíduos com baixa expectativa em relação aos efeitos do álcool, especialmente quanto à facilitação social, têm menor probabilidade de serem submetidos a essas influências.

Em pesquisa realizada por Baus, Kupek e Pires (2002), observa-se que o uso de álcool mostrou-se fator de risco entre alunos pertencentes às camadas socioeconômicas mais altas. Nesse caso, de acordo com os pesquisadores, determinantes econômicos e culturais podem estar relacionados à grande oferta de *festas de cerveja* realizadas na região Sul do Brasil e à disposição maior de experimentar e consumir mais cerveja do

que outros tipos de bebidas alcoólicas. O aspecto relativo ao preço da cerveja pode ser um fator que contribua para o consumo daqueles pertencentes aos segmentos sociais mais abastados.

Seguindo essa proposição, ressalta-se que Muza *et al.* (1997) observam que, nos Estados Unidos da América, o projeto “Monitoring the Future” realiza inquéritos nacionais com o propósito de produzir informações a respeito do consumo de substâncias psicoativas em amostras representativas da população de estudantes “seniores”. Dados proporcionados pelo projeto revelam que o álcool e o tabaco são as duas substâncias mais consumidas seguidas pela maconha e pelos medicamentos. Outras pesquisas realizadas em Ontário e Londres identificam que as substâncias lícitas mais consumidas pelos adolescentes são o álcool e o tabaco; de uso ilícito, revelam as pesquisas que a mais consumida é a maconha (Muza, *et al.*, 1997). Diante do exposto, torna-se relevante conhecer os sentidos atribuídos ao consumo de bebidas alcoólicas pelos adolescentes e identificar as implicações relativas a esse comportamento.

## CAPÍTULO 2

### 2. Método

#### 2.1 Sujeitos

A presente <sup>5</sup>pesquisa teve como objetivo investigar “Os sentidos atribuídos por adolescentes da região Meio-Oeste catarinense ao consumo de bebidas alcoólicas.” O intento partiu de experiências profissionais da pesquisadora em atividades realizadas em uma clínica de recuperação de alcoolismo e drogas por um período de aproximadamente cinco anos, bem como na coordenação de projeto de extensão realizado em uma das universidades onde a pesquisadora trabalha.

O interesse inicial da pesquisadora era investigar quais os impactos do alcoolismo em mulheres nas suas relações de trabalho, pensando que as mulheres a serem investigadas seriam alcoolistas. No entanto, ao conversar com algumas pessoas da região que trabalham em empresas e tentando compreender de que forma poderia entrar em contato com essas mulheres, foi possível perceber a complexidade do tema e as possíveis resistências que poderiam ocorrer, uma vez que seria difícil garantir o anonimato delas. Foi então que, resgatando experiências de trabalho com adolescentes em escolas do município, optou-se por ter como população-alvo aquela constituída por essa faixa etária.

O município onde a pesquisa foi realizada fica localizado a 500 quilômetros da capital catarinense, situado no Meio-Oeste de Santa Catarina. Sua economia básica gira em torno da agricultura, pecuária, indústria e comércio. Sua população atual é de aproximadamente 4.196 habitantes. As primeiras famílias que ali aportaram eram constituídas por colonos vindos do Rio Grande do Sul, de origem italiana, motivados pela fertilidade da terra e pelos imensos pinheirais de araucária.

---

<sup>5</sup> Cabe esclarecer que o projeto de pesquisa que deu origem a esta dissertação de mestrado, foi devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Os sujeitos entrevistados foram seis<sup>6</sup> adolescentes na faixa etária de 14 a 19 anos, três do sexo masculino e três do sexo feminino, sendo dois deles de religião evangélica e os demais católicos, estudantes da rede pública e particular de ensino médio e superior. Dos seis adolescentes entrevistados, cinco residem em casa própria da família, e um reside em casa alugada. Dois dentre eles são filhos únicos, sendo um de cada sexo.

## **2.2 Fontes de informação**

A fonte de informação fundamental foi o discurso dos adolescentes acerca do consumo de bebidas alcoólicas. Teve-se o cuidado de observar o conteúdo dos relatos dos sujeitos, como também os indicadores não-verbais como: pausas, mudanças nos tempos dos verbos, o conteúdo das falas, o não-dito, os silêncios, o surgimento de expressões corporais, as recorrências de termos. O surgimento desses aspectos foi considerado fonte de informações para a compreensão dos sentidos atribuídos ao consumo de bebidas alcoólicas pelos sujeitos pesquisados.

Cabe esclarecer que também foram realizadas observações, nas quais foi utilizado diário de campo com o objetivo de registrar as impressões obtidas acerca do comportamento de consumo de álcool pelos adolescentes. Para tanto, foram observados os horários e os locais freqüentados por adolescentes, os comportamentos de consumo de álcool, os hábitos de consumo, quantidades de bebida ingerida, com quem bebem e que tipo de bebida alcoólica consomem. As observações de campo ocorreram em horários noturnos, em locais públicos freqüentados por adolescentes como: bares, praça, lanchonete e imediações da escola.

## **2.3 Equipamento e material**

Os equipamentos e materiais utilizados foram:

- diário de campo com o objetivo de registrar as observações e percepções, como também os depoimentos no período que antecedeu as entrevistas,

---

<sup>6</sup> O critério utilizado para estabelecer o número de entrevistados foi às repetições das falas dos sujeitos, ou seja, no momento em que as falas começaram a se tornar repetitivas, observou-se a necessidade de encerrar (saturação das informações).

durante a sua realização e após a sua finalização; (as informações registradas no diário de campo foram importantes para a pesquisadora, tendo em vista que ela utilizou-se para delas para uma melhor análise dos resultados obtidos);

- roteiro de entrevista semi-estruturada, organizado em cinco blocos temáticos: o primeiro relaciona-se à identificação do sujeito, seguido pelo bloco relativo à família de origem. O terceiro bloco refere-se à adolescência. O quarto ao consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes e, o último, ao consumo de bebidas alcoólicas na família de origem. Todos os blocos foram compostos por perguntas padronizadas. Elas foram organizadas por itens que nortearam o tema em pauta, auxiliando, desta forma, a pesquisadora no processo de coleta de informações;
- o roteiro de entrevista foi submetido a um pré-teste, tendo sido avaliado por uma pesquisadora na área da Psicologia e por um adolescente, com o objetivo de obter *feedback* quanto ao esclarecimento, ao entendimento e à clareza das perguntas elaboradas, e, nesse sentido, foi aprimorado;
- foi utilizado gravador, com a devida autorização do sujeito. O gravador foi colocado ao alcance visual de ambos, pesquisadora e sujeito entrevistado.

## **2.4 Procedimentos**

### **2.4.1 Escolha dos sujeitos**

A pesquisadora, ao freqüentar os locais citados anteriormente, onde os adolescentes costumam estar, abordou alguns para participar da pesquisa, tomando o cuidado de lhes esclarecer os objetivos dela e, após o aceite, aqueles que se dispuseram foram entrevistados. Foram selecionados paritariamente adolescentes de ambos os sexos. O número de sujeitos entrevistados foi avaliado de acordo com a análise dos dados, ou seja, no momento em que os dados começaram a se tornar repetitivos (saturação das informações), foi avaliada a necessidade de prosseguimento. Cabe

comentar que foi realizado contato com dois adolescentes do sexo masculino para fazerem parte da pesquisa, ambos aceitaram; porém, sempre que a pesquisadora marcava os dias e horários para a realização da entrevista, acontecia algum tipo de imprevisto com eles, o que os fazia desmarcar o compromisso. Devido ao tempo que foi estabelecido para a coleta de dados pela pesquisadora, ela optou por entrar em contato com ambos, agradecer pela aceitação em participar da pesquisa e informá-los de que precisava concluir essa etapa até o final daquela semana. Não havendo possibilidade por parte deles, a pesquisadora entrou em contato com outros dois adolescentes.

#### **2.4.2 Elaboração do roteiro de entrevista**

O roteiro de entrevista foi elaborado a partir de indicadores obtidos através da revisão da literatura e da definição das variáveis que constituem o fenômeno investigado. Os aspectos considerados relevantes e selecionados para serem objeto de levantamento para a análise foram os seguintes: características gerais dos sujeitos entrevistados (nome, data de nascimento, sexo, etnia, religião, escolaridade, município de residência, estado civil, ocupação, naturalidade); história familiar (com quem mora, se tem irmãos, quantos irmãos, qual a posição que ocupa dentre eles, profissão do pai, profissão da mãe, religião, nível de escolaridade dos pais, relações familiares); consumo de bebida alcoólica (como se sente bebendo, quantidade de bebida ingerida, porque bebe, onde bebe, efeitos sentidos quando da ingestão de bebidas alcoólicas); consumo de bebidas alcoólicas na família de origem (a sua família sabe sobre o seu consumo de bebida alcoólica, o que os seus pais dizem quando você bebe, o que os seus pais pensam sobre o consumo de bebidas alcoólicas, costuma conversar com os pais sobre assuntos relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas na adolescência); o que esses sujeitos pensam sobre a adolescência.

Uma vez formuladas as questões que nortearam o roteiro de entrevista, elas foram submetidas à pré-teste, com o objetivo de correção, reformulação ou aperfeiçoamento das perguntas. Essa decisão teve o objetivo de obtenção de dados que possibilitassem responder as perguntas de pesquisa, diminuindo, assim, as possibilidades de indução de respostas, bem como problemas de interpretação. O processo de reelaboração das questões possibilitou tornar o roteiro de entrevista mais

conciso. Cabe informar que o pré-teste foi submetido à discussão entre colegas e professores orientadores do mestrado durante a sua validação até chegar à versão final.

## **2.5 Contato com os sujeitos**

A pesquisadora entrou em contato com os sujeitos em lanchonetes, fruteira, praça, festa junina, ou por telefone, com o objetivo de pedir a sua permissão para que pudessem ser realizadas as entrevistas. Com uma das adolescentes pesquisadas, que reside na zona rural, fez-se o contato na festa junina da cidade. Na ocasião, já se aproveitou para falar tanto com ela como com a sua mãe, solicitando o consentimento, o qual foi fornecido imediatamente. Nessa etapa da pesquisa, a pesquisadora explicou os objetivos dela, bem como a necessidade da aplicação desse instrumento para proceder a coleta de dados.

Observou-se a necessidade de explicar aos sujeitos quais são as necessidades da entrevista, quais os assuntos que deveriam ser tratados, que procedimentos seriam utilizados para a sua realização, bem como a duração aproximada. Os aspectos relativos à ética e ao sigilo das informações prestadas foram informados aos sujeitos e foi solicitado que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Notou-se que, após essa informação, os sujeitos demonstraram ficar mais à vontade em participar da pesquisa.

## **2.6 Realização das entrevistas**

As entrevistas foram realizadas em dias, horários e locais previamente agendados, de acordo com a disponibilidade dos adolescentes. Ao iniciar a entrevista, a pesquisadora sentou-se próxima ao sujeito, lembrando-o dos objetivos da pesquisa e dos aspectos constantes no roteiro. Antes de iniciar, ela leu as perguntas com o objetivo de esclarecer qualquer dúvida que porventura surgisse. Foi solicitada a permissão do entrevistado para que a entrevista fosse gravada, informando os motivos que fizeram com que a pesquisadora escolhesse a gravação como forma de registro dos depoimentos obtidos no trabalho de pesquisa realizado, dentre eles: economia de tempo na realização da pesquisa, número e tipo de questões que constavam no roteiro, melhor

aproveitamento do tempo na realização da entrevista, evitando assim pausas para anotar as respostas, importância da pesquisadora empregar sua atenção nos conteúdos presentes na fala de cada um deles e não no registro dos dados. Após a obtenção da permissão para o uso do gravador, ele foi colocado de forma que o entrevistado pudesse iniciar a sua fala.

Das seis entrevistas realizadas, quatro ocorreram na escadaria da igreja, local freqüentado por adolescentes da cidade, principalmente nos finais de semana. Ali eles se encontram para conversar, conviver, alguns deles tocam violão e cantam. É freqüente os adolescentes e jovens nos finais de semana permanecerem ali por horas realizando tais práticas, dentre outras. Uma das entrevistas ocorreu nas imediações da escola, onde a pesquisadora e a entrevistada sentaram-se no muro da escola para então proceder a entrevista, cabendo esclarecer que ela ocorreu nesse local, porque o dia e o horário combinados coincidiram com o dia e o horário da missa, sendo assim o movimento das pessoas chegando na igreja e a própria realização da missa poderiam atrapalhar a entrevista. Finalmente, uma das entrevistas aconteceu na varanda da residência de uma das vizinhas da pesquisadora, pois, no dia combinado, essa vizinha estava viajando. Dessa forma, o local ficou disponível e a entrevista foi realizada na varanda, facilitando, assim, a sua realização sem interferências.

## **2.7 Registro das entrevistas**

O registro das entrevistas com as perguntas que foram formuladas pela entrevistadora e com as respostas obtidas, com as observações e com os comentários estabelecidos pelos sujeitos foi feito em fitas cassetes, com o uso de um gravador. No período que antecedeu cada entrevista, o gravador foi testado e a fita que foi utilizada para a gravação foi identificada com selo adesivo, em que foi escrito o nome do sujeito pesquisado. Mesmo com todos esses cuidados, quando da realização da segunda entrevista, ocorreu um imprevisto, pois, após dez minutos do início da entrevista, o gravador travou, impossibilitando, dessa forma, o prosseguimento dela. Sendo assim, foram combinados um novo dia e horário para que se pudesse retomar, como de fato foi feito.



As fitas onde os registros estão contidos foram transcritas em folhas de papel ofício, organizadas em blocos conforme o roteiro prévio. As transcrições foram realizadas pela própria pesquisadora e duraram cerca de quatro horas cada. Utilizou-se de fone de ouvido com o objetivo de facilitar a compreensão das falas de cada sujeito, respeitando o ritmo, o tom de voz, a maneira como falavam. Após a conclusão da transcrição de cada entrevista, foi realizada a conferência dela com o registro feito na gravação.

No que se refere ao método de arquivamento e descarte dos materiais coletados nas entrevistas realizadas, tanto as transcrições quanto as fitas cassetes serão guardadas em arquivo na residência da pesquisadora, devendo permanecer ali por um período de aproximadamente cinco anos. Após esse período, tal material será incinerado.

Os resultados da pesquisa deverão se tornar públicos e, posteriormente, serão veiculados através da elaboração de artigos científicos em revistas especializadas, bem como em eventos científicos. Cabe relatar que a participação dos sujeitos na pesquisa não envolveu custos para eles, como também nenhum ressarcimento de ordem financeira. Todos os sujeitos que participaram desta pesquisa têm direitos acerca dos seus resultados.

## **2.8 Análise dos dados**

As informações foram organizadas, tratadas e analisadas de acordo com a técnica de análise do discurso, tendo como objetivo primordial trazer à tona os sentidos atribuídos pelos adolescentes ao consumo de bebidas alcoólicas. Conforme Coutinho (1998), cabe assinalar que a análise do discurso preocupa-se com a forma, com a configuração de como a experiência é narrada. Isso implica diretamente em analisar o motivo pelo qual os acontecimentos foram contados de determinada maneira e não somente o conteúdo lingüístico. Cada sujeito, dependendo da sua história de vida, tende a dar sentido aos acontecimentos ocorridos nas suas vidas, utilizando-se de recursos lingüísticos e culturais para convencer o ouvinte da veracidade e da imagem que pretende passar de si. Levando-se em consideração tais fatores, a interpretação do pesquisador, conseqüentemente, deverá ser diferenciada, observando-se a importância dessas diferenças ditas formais.

Vale argumentar que a abordagem utilizada nesta pesquisa é a abordagem histórico-cultural, que se refere à teoria de Vygotsky, com interconexões na análise dos discursos dos sujeitos, conforme citado anteriormente. As categorias de análise surgiram das falas dos adolescentes. Isso implica em pensar que elas não foram definidas *a priori*, embora o roteiro de entrevista já contivesse alguns blocos norteadores. Tal situação provocou um trabalho de ir e vir constantemente tanto ao material de análise quanto à teoria.

Parte-se do princípio, conforme Góes (2000), da necessidade de observar a extensão histórica, não apenas no que se refere ao resgate de acontecimentos passados da vida do sujeito, mas também ao curso de modificações que investiga o presente, o passado e os aspectos relativos ao presente e as suas relações com o futuro.

Cabe relatar que, neste trabalho de pesquisa, o teste dos instrumentos que foram utilizados permitiu à pesquisadora a indicação dos tipos de informações que foram obtidas a partir das observações de campo, como também das entrevistas. Inicialmente, foi efetivada a transcrição das gravações da entrevista, não desconsiderando as informações das observações realizadas. Em seguida, as informações foram reorganizadas por meio da leitura exaustiva do material coletado. Ao final, as categorias criadas a partir do discurso dos adolescentes possibilitaram uma retomada do diálogo com a literatura consultada e estudada, com o objetivo de demonstrar o que se conserva na pesquisa em questão, o que apresenta divergências e, conseqüentemente, o que avançou em relação ao conhecimento científico relacionado ao tema em pauta.

## **2.9 Apresentação dos sujeitos**

A seguir, apresentamos uma tabela sociodemográfica relativa à apresentação dos sujeitos entrevistados<sup>7</sup>, descrevendo informações importantes sobre cada um deles, bem como alguns dados acerca da história de vida de cada um. Em seguida, apresenta-se a descrição, análise e interpretação dos dados obtidos.

---

<sup>7</sup> Cabe informar que os nomes dos entrevistados nesta pesquisa e que aparecem ao longo do texto são nomes fictícios.

**TABELA 1** - Apresentação sociodemográfica dos entrevistados.

Nome	<b>Roberto</b>	<b>Cleide</b>	<b>Paulo</b>	<b>Júlia</b>	<b>Mariana</b>	<b>Juliano</b>
Sexo	M	F	M	F	F	M
Idade	17	19	15	16	15	18
Tipo de escola	Pública	Particular	Pública	Pública	Pública	Pública
Série	Cursando 3ª série do ensino médio	Cursando 5ª fase Educação Física	Cursando 2ª série do ensino médio	Cursando 3ª série do ensino médio	Cursando 2ª série do ensino médio	Concluiu a 3ª série ensino médio
Turno	Noturno	Noturno	Noturno	Noturno	Noturno	Diurno
Trabalho	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
Filiação religiosa	Evangélica	Católica	Católica	Católica	Evangélica	Católico
Renda familiar	2 salários mínimos	2 salários mínimos	7 salários mínimos	4 salários mínimos	15 salários mínimos	5 salários mínimos
Raça	Branca	Branca	Branca	Branca	Branca	Branca
Residência	Alugada	Própria	Própria	Própria	Própria	Própria
Nº família	3	5	4	5	3	4
Com quem mora	Mãe e irmã	Avó, tio, tia e prima	Pai, mãe e irmã	Pai, mãe, e um irmão	Pai e mãe	Pai e mãe e avô
Nº de irmãos	1	4	1	2	-	-
Localização entre irmãos	Mais velho	Mais velho	Mais novo	Do meio	-	-
Profissão do pai	Motorista	Gerente de consórcio	Desempregado	Dono de fruteira	Gerente dos correios	Vigilante do anco do Brasil
Profissão da mãe	Auxiliar de enfermagem	Doméstica	Pedagoga	Dona de fruteira	Diretora de escola Estadual	Atendente de lanchonete
Religião do pai	Católica	Católica	Católica	Católica	Evangélica	Católica
Religião mãe	Evangélica	Católica	Católica	Católica	Evangélica	Católica
Idade pai	39 anos	42	42	53	42	40
Idade da mãe	41	48	40	43	43	39
Nível de escolaridade pai	Ensino fundamental completo	?*	4ª série do 1 grau	4ª série do 1 grau	2º grau médio completo	1º grau ensino fundamental completo

Nível escolaridade mãe	Ensino fundamental completo	1ª série do 2º grau	Ensino superior completo Pós-graduação	4ª série do 1º grau ensino fundamental	3º grau completo (pós-graduada)	1º grau completo
------------------------	-----------------------------	---------------------	--	--	---------------------------------	------------------

\* Não foi possível colher a informação relativa ao aspecto em questão, pois Cleide não soube informar o nível de escolaridade do seu pai.

A seguir, será apresentado cada sujeito entrevistado neste trabalho. Será descrita a forma como foram realizados os contatos com eles, as dificuldades vivenciadas durante o período de agendamento dos horários da realização das entrevistas, entre outros aspectos. Vale salientar que os nomes que aparecem para cada entrevistado são nomes fictícios, respeitando, conforme citado anteriormente, a não identificação dos sujeitos, como também aspectos relativos à ética na pesquisa e, conseqüentemente, o respeito às individualidades.

## **JULIANO**

Juliano é filho único. Seu pai é vigilante da agência do Banco do Brasil do município e proprietário de uma lanchonete na cidade, onde a sua esposa trabalha, assim como o seu pai nos horários de folga no banco. Juliano também trabalha na lanchonete, atendendo ao público. É interessante notar que Juliano, ao ser indagado sobre a profissão da sua mãe, respondeu que ela é doméstica, apesar de trabalhar na lanchonete. Ele parece não perceber tal tarefa como profissão. Juliano terminou o nível médio no ano passado. A festa de formatura seria realizada na semana subsequente à semana em que a entrevista foi realizada. Estudou em escola profissionalizante, formou-se em Técnico em Agropecuária.

O contato com o sujeito foi realizado na própria lanchonete da qual os seus pais são proprietários. Ele mostrou-se interessado pelo tema a ser pesquisado, inclusive seus pais questionaram quando a pesquisadora defenderia a dissertação de mestrado e em seguida, sua mãe comentou: “(...) é bom saber que existem pesquisas realizadas com esse tema, pois pra quem já passou por esse problema sabe o quanto é delicado”. O pai de Juliano já esteve internado em clínica de recuperação de alcoolismo por duas vezes. Na ocasião, aproveitei para comunicar que a entrevista iria ser gravada, solicitando tanto permissão do sujeito, quanto dos seus pais. Tanto Juliano, quanto os seus pais aceitaram que o gravador pudesse ser utilizado. Após o aceite, combinamos dia e lugar para a

realização da entrevista. No dia e horário combinados, fui até a lanchonete e, como ele ainda não havia chegado, fiquei conversando com os seus pais por algum tempo. O pai de Juliano comentou que poderíamos sentar ali, já que era um domingo pela manhã e o movimento estava tranqüilo. Agradei pela hospitalidade, no entanto, disse-lhe que preferia realizar a entrevista na praça, conforme combinado anteriormente com Juliano. Em alguns minutos ele chegou.

Fomos caminhando juntos até a praça, pois a lanchonete fica próxima a ela. Lá chegando, procuramos um banco para nos acomodar; porém, os bancos onde não batia sol estavam molhados de orvalho. Fomos então até a escadaria da igreja. Era um dia bonito, o céu estava claro apesar do frio. Lá iniciamos a entrevista, falei sobre a minha pesquisa, li as perguntas do roteiro, com o objetivo de esclarecer qualquer dúvida que porventura pudesse estar surgindo, testei o gravador e procuramos nos sentar de forma que ficássemos bem acomodados. A entrevista transcorreu bem. Inicialmente ele mostrou-se tenso e perguntou se eu já havia entrevistado outros adolescentes. Falei que ele era o primeiro e que eu já havia realizado uma entrevista para testar o roteiro e, conseqüentemente, melhorá-lo caso fosse necessário. No dia da realização da entrevista, aconteceria um almoço beneficente no município, promovido pelo Lions Clube. O lucro seria revertido para o hospital do local. Juliano comentou que iria ao almoço com os seus pais. Perguntei ao entrevistado se, caso sentisse necessidade, poderia procurá-lo novamente para esclarecer alguma dúvida ou mesmo retomar alguma questão sobre os assuntos que iríamos conversar e ele respondeu que sim. Comentou que, provavelmente, as próximas entrevistas iriam ser cada vez mais interessantes, fato esse que me chamou atenção, mas não questionei o porquê dessa sua percepção. Durante o transcorrer da entrevista, algumas pessoas que passavam ali por perto nos olhavam de uma maneira curiosa. Inicialmente, ele me olhou como que me perguntando se prosseguiríamos ou não. Eu demonstrei que não havia necessidade de interromper a entrevista e ele, ao notar isso, pareceu não se incomodar mais com o fato. Percebi que o entrevistado foi se mostrando mais à vontade e, aos poucos, aquela “tensão” inicial foi se dissipando. Ao final da entrevista, ele colocou-se à disposição caso eu sentisse necessidade de conversar com ele novamente e comentou da sua satisfação em participar da pesquisa. A entrevista durou aproximadamente 45 minutos.

## JÚLIA

Júlia foi a segunda entrevistada. É a filha do meio de uma prole de três irmãos e tem 16 anos. A irmã mais velha mora em Florianópolis, estuda Serviço Social na UFSC, e o irmão mais novo estuda na mesma cidade onde reside com os seus pais. Júlia estuda no terceiro ano do ensino médio no colégio estadual do município. É descendente de italianos. Quando indagada sobre a sua raça e religião se diz italiana, católica e frequenta a igreja “quando tem vontade de ir”. Os seus pais são proprietários de um local onde se vendem frutas no município. O pai já está aposentado como motorista. Da mesma forma como ocorreu com o primeiro entrevistado, Júlia, quando indagada sobre a profissão da mãe, apesar dela trabalhar no negócio da família, imediatamente respondeu “doméstica”. É interessante ressaltar que Júlia não comenta, durante a realização da entrevista, que os seus pais são responsáveis pela entrega de revistas e jornais em residências de assinantes, pois sou assinante de uma revista e semanalmente a sua mãe a entrega em meu domicílio.

O contato inicial com Júlia foi realizado no comércio do qual seus pais são proprietários, numa das ocasiões em que fui comprar frutas. O convite foi feito na presença dos seus pais e irmãos. O aceite foi imediato e Júlia mostrou-se bastante empolgada com o convite. Percebi que ela sentiu-se orgulhosa por ser convidada, assim como os seus pais e irmãos. A irmã mais velha estava na cidade na ocasião, pois era feriado nacional. A mãe fez o seguinte comentário: “(...) veja lá filha o que você vai falar, fale claramente o que você pensa e responda bem as perguntas”. A preocupação da mãe parecia estar relacionada ao desempenho da filha em relação à utilização das palavras corretas já que é uma pesquisa de mestrado.

Combinei com Júlia o dia e o horário para a realização da entrevista: num sábado após o seu curso de computação. Eu iria buscá-la na escola. No dia e horário combinados, fui até a escola de computação. Fiquei por alguns minutos aguardando em frente a ela, porém, ao perceber que o horário que havia sido combinado havia extrapolado, fui até a entrada e constatei que ela já havia saído. Então fui até a fruteria e ela estava lá me aguardando: houve, portanto um desencontro. Fomos de carro até o local onde seria realizada a entrevista. Novamente ela aconteceu na escadaria da igreja, por ser esse um local frequentado pelos adolescentes e jovens da cidade para conversar e conviver. Expliquei sobre a minha pesquisa, li as perguntas do roteiro de entrevista

para possíveis esclarecimentos que se fizessem necessários, testei o gravador, solicitei a sua permissão para utilizá-lo e, após a sua concessão, iniciamos a entrevista. Após mais ou menos uns dez minutos de gravação, aconteceu uma situação inesperada: apesar de ter testado anteriormente o gravador, ele travou, impossibilitando-nos de dar continuidade a entrevista. Pedi-lhe desculpas pelo ocorrido, ela compreendeu e combinamos um novo dia e horário para darmos continuidade à entrevista. No dia e horário combinados, fui buscá-la na fruteria e fomos até o mesmo local. A entrevista fluiu tranqüilamente. Dessa vez, combinamos em uma tarde durante a semana, uma tarde tranqüila com pouco movimento ao redor da igreja. Esse fato facilitou a realização da entrevista, já que havia poucos transeuntes e aqueles que por ali passaram não atrapalharam a nossa conversa, tal o envolvimento de ambas, pesquisadora e entrevistada. Júlia, inicialmente, pareceu apreensiva, porém, com o desenrolar da entrevista, foi ficando mais à vontade e a preocupação da entrevistada com o que estava sendo dito era evidente. Ela demonstrou envolvimento durante todo o tempo, pareceu preocupada com o conteúdo das suas respostas, chegando a indagar se seriam importantes e se iriam me ajudar, pois gostaria de colaborar com o meu trabalho. A entrevista durou aproximadamente 45 minutos, não havendo durante a sua realização nenhuma intercorrência. Agradei-lhe pela participação na pesquisa, comentei da possibilidade de retomarmos contato para possíveis esclarecimentos. Júlia respondeu que não haveria problema algum e que, se fosse necessário, ela estaria disposta a um próximo encontro.

## **ROBERTO**

Roberto foi o terceiro entrevistado. Tem 17 anos e uma irmã de 13 anos. É de religião evangélica, seus pais são separados, mora com a mãe e a irmã. Diz-se italiano quando indagado sobre a sua raça. Atualmente, cursa a terceira série do ensino médio. O pai mora no Norte do Brasil, é católico, trabalha como motorista do prefeito da cidade onde mora. A mãe é auxiliar de enfermagem, trabalha em um hospital de uma cidade vizinha, é evangélica. Sua mãe é namorada de meu vizinho. O namoro é recente, aproximadamente de três meses.

O contato com Roberto foi realizado na casa do namorado da sua mãe. Inicialmente, pareceu um tanto resistente em aceitar o convite, talvez pelo fato de não

me conhecer. Apresentei-me, falei sobre a pesquisa que estou realizando e do que se trata. A sua mãe e o namorado dela comentaram com ele que seria interessante que ele participasse. O interesse da mãe e do namorado ficou evidente e tal atitude parece ter influenciado na aceitação de Roberto em participar. Ficou pensativo por alguns minutos e me perguntou se poderia pensar por algum tempo, respondi-lhe que sim e que ele teria o tempo que fosse necessário, respeitando obviamente o meu tempo para escolher um novo entrevistado, caso ele não aceitasse. Na ocasião do referido contato, Roberto estava lavando o carro do namorado da sua mãe com um amigo de uma cidade vizinha, na qual ele morava antes de vir para onde reside atualmente. Fui para casa e após, aproximadamente, uns quarenta minutos retornei onde ele estava. Ele já havia terminado de lavar o carro e, quando lhe perguntei a resposta, ele me respondeu positivamente, dizendo que participaria da pesquisa. Perguntei se haveria possibilidade de gravar a entrevista, ele respondeu que sim, então nos despedimos e combinamos de nos falar em alguns minutos. Após algum tempo, fui até a casa do namorado da sua mãe conforme combinado e ali mesmo na presença do amigo, da irmã, mãe e namorado da sua mãe, resolvemos onde realizar a entrevista. Ao perceber que outros vizinhos meus não estavam em casa, estavam viajando, sugeri a ele que realizássemos a entrevista na varanda da casa deles, já que é a última casa da rua e um lugar bem tranquilo e aconchegante. Ele concordou e ficamos ali na varanda da frente da casa, um ambiente calmo e, naquele momento, neutro e conveniente.

Antes de iniciar a entrevista, expliquei do que se tratava, pedi a sua permissão para que pudesse gravar, ele aceitou, li o roteiro de entrevista com o objetivo de esclarecer dúvidas que porventura surgissem, testei o gravador, posicionei-o de forma que tanto eu quanto ele ficássemos à vontade e então começamos. Inicialmente ele pareceu um pouco tenso, porém, com o desenvolvimento da entrevista, Roberto foi se mostrando mais à vontade, demonstrando, dessa forma, envolvimento com o tema que estava sendo tratado. Roberto apresentava boa comunicação e preocupação com o que estava falando como se estivesse com receio que algo que falasse não fosse conveniente. A entrevista transcorreu por aproximadamente 40 minutos, não havendo durante a sua realização nenhuma intercorrência. Agradei-lhe pela participação, perguntei se poderia, caso tivesse necessidade, retomar contato para esclarecimentos e ele respondeu que sim, que estaria à disposição caso eu precisasse.



## **CLEIDE**

Cleide foi a quarta entrevistada. É a filha mais velha dentre cinco irmãs, duas irmãs por parte de pai e duas por parte de mãe. Tem 19 anos. Atualmente, está na universidade, cursando a quinta fase de Educação Física em uma cidade vizinha da cidade onde reside. Mora com a avó materna desde o seu nascimento. Quando a mãe de Cleide engravidou, era solteira. Houve uma certa dificuldade de relacionamento entre a sua mãe e o seu pai biológico: a família do seu pai não aceitou a gravidez e eles terminaram por romper o relacionamento. Atualmente, a sua mãe é casada e, dessa união, tem duas filhas, assim como o seu pai, que também se casou e tem duas filhas dessa união. Quando indagada sobre a sua raça, informa ser branca. Cleide é descendente de italianos, de religião católica. Trabalha no colégio municipal e reside na zona rural com a avó, um tio, uma tia e uma prima pequena.

O contato com Cleide foi realizado na festa junina que acontecia no pavilhão da igreja. Na ocasião, falei tanto com Cleide, quanto com a sua mãe. Cleide se mostrou interessada e prontamente aceitou o convite. Falei um pouco sobre a minha pesquisa e, ao mesmo tempo em que ela aceitou, demonstrou preocupação relacionada ao fato das suas respostas contribuírem de maneira adequada. Combinamos então dia e horário para a realização da entrevista. No dia e hora marcados, dirigi-me até a zona rural para buscá-la em sua casa. Fomos até a cidade e nos dirigimos ao local onde eu já havia realizado outras entrevistas. Ao nos aproximarmos do local ainda de carro, percebemos que uma mulher estava sentada justamente onde nós havíamos combinado. Era uma doente mental moradora da cidade e que eventualmente costuma sentar-se nas escadarias da igreja. Resolvemos então dar uma volta de carro e aguardarmos para que pudessemos sentar. Após alguns minutos, voltamos e a mulher já não mais se encontrava ali, o que nos permitiu sentar para dar início à entrevista. Falei para ela sobre a minha pesquisa, esclarecendo-a, li o roteiro de entrevista com o intuito de tirar possíveis dúvidas que pudessem estar surgindo, pedi permissão para gravar a entrevista, ela aceitou e então iniciamos. Mostrou-se tensa nos momentos iniciais, mas em alguns minutos parecia bem à vontade. A entrevista fluiu com facilidade, tendo em vista que Cleide é uma moça comunicativa e agradável. Deixou transparecer que estava gostando da situação, apesar de no início demonstrar preocupação com o conteúdo que iria trazer, no sentido dele ser importante para a minha pesquisa. A entrevista teve duração de

aproximadamente 50 minutos. Cabe ressaltar que a entrevista realizada com Cleide foi a que teve maior duração. Ela é uma adolescente que tem uma história de vida marcada por experiências tristes. Em um determinado momento da entrevista, ela relatou o casamento da sua mãe, com a qual ela pensava que iria morar. Ela lembrou que, no dia do casamento, foi a dama de honra e estava com sete anos de idade na época. No entanto, sua mãe comunicou que ela permaneceria com a avó. Um momento marcante da entrevista foi o relato da seguinte situação:

*“(...) eu estava toda feliz da vida pensando, bah! Eu vou morar com a minha mãe na casa dela com o marido dela, tudo fácil para mim, não importava quem era o marido, o importante era que eu ia morar com ela, eu lembro que eu levei uns brinquedinhos, levei umas bonecas, umas coisinhas assim na casa dela. Daí eu pedi para ela, mãe quando é que eu vou morar contigo? Aí ela me explicou, você vai ficar morando com a avó”.*

Esse momento foi forte e marcado por emoção. Após esse relato, ela permaneceu em silêncio por alguns instantes. Ao final da entrevista, agradeceu-lhe pela participação, não houve nenhuma intercorrência durante a sua realização, a não ser pela passagem de transeuntes na rua; porém, a entrevistada não pareceu se incomodar com isso. Encerramos em clima agradável e tranquilo. Comentei da possibilidade de nos encontrarmos para possíveis esclarecimentos sobre os assuntos tratados na entrevista, ela concordou imediatamente.

## **MARIANA**

Mariana foi a quinta entrevistada. É filha única, mora com os pais e tem 15 anos de idade. Seu pai é gerente da agência dos correios do município onde reside, sua mãe é diretora da escola estadual da cidade. Mariana é de religião evangélica, assim como os seus pais. Quando indagada sobre qual é a sua raça, respondeu italiana. Mariana é descendente de italianos tanto por parte de pai, quanto de mãe. Moram em casa própria, de alvenaria, com dois pavimentos, piscina e outros confortos compatíveis com a situação socioeconômica de sua família. Estuda na segunda série do ensino médio e sempre estudou na cidade onde reside com os pais. Mariana não trabalha. O seu pai tem o segundo grau completo e a sua mãe tem o terceiro grau completo, é pós-graduada em Letras-Inglês.

O primeiro contato com Mariana foi realizado por telefone. Em uma das ocasiões em que estive na agência dos correios, comentei com o seu pai sobre a minha pesquisa de mestrado e perguntei a ele da possibilidade da sua filha participar. Ele respondeu positivamente, dizendo que por ele não teria problema. No entanto, comentou que a decisão deveria partir de Mariana. O pai sugeriu que eu telefonasse para sua residência para conversar com ela. Foi ela quem atendeu ao telefone. Identifiquei-me, expliquei sobre a minha pesquisa e convidei-a para participar dela. A resposta foi positiva. Em seguida, combinamos dia e horário para que a entrevista fosse realizada. No dia combinado, fui até a sua casa, era um sábado à tarde e, justamente nesse dia e horário combinados acontece a missa na igreja católica, ficando as proximidades da igreja ocupadas com movimentação dos fiéis que vão assistir à celebração. Na realidade, eu não havia previsto essa situação. Coincidentemente, os dois adolescentes evangélicos não foram entrevistados na escadaria da igreja católica, como ocorreu com os demais. Fomos, então, até as proximidades da escola onde Mariana estuda, sentamo-nos no muro da escola e ali aconteceu a entrevista. Expliquei para ela o objetivo da minha pesquisa, pedi autorização para gravar, ela aceitou e perguntou se o seu nome iria aparecer. Expliquei que não e que o sigilo seria resguardado. Mariana, dentre os sujeitos entrevistados, foi a única que demonstrou preocupação por esse fato. Inicialmente, ela mostrou-se tensa e intimidada, no entanto, no decorrer da entrevista, foi se mostrando mais a vontade. Houve um momento em que um carro passou bem próximo ao local onde estávamos. O carro passou numa velocidade lenta, provavelmente por ter observado a nossa presença no local. Entendemos que naquele momento deveríamos fazer uma pausa, como de fato aconteceu. Travei o gravador e, após o distanciamento do carro, retomamos de onde havíamos parado. Depois de aproximadamente uns quinze minutos do início da realização da entrevista, ocorreu uma segunda intercorrência, o gravador travou, impossibilitando o prosseguimento. Sugeri que fôssemos até a minha residência com o objetivo de buscar outro gravador e então retornamos ao local citado anteriormente para darmos continuidade a entrevista. A entrevista teve um tempo de duração de aproximadamente 40 minutos. Ao final, agradei-lhe pela sua participação, perguntei-lhe sobre a possibilidade de retomarmos contato para possíveis esclarecimentos sobre os assuntos que havíamos conversado, ela imediatamente

respondeu-me que sim e que estaria à disposição caso eu precisasse. Levei-lhe até a sua residência e ali nos despedimos.

## **PAULO**

Paulo foi o sexto e último sujeito entrevistado. Tem 15 anos de idade e uma irmã mais velha. O pai é mecânico e atualmente está desempregado. Sua mãe é pedagoga e pós-graduada. Paulo estuda na segunda série do ensino médio, trabalha como servente de pedreiro, estuda no período noturno. É católico, assim como sua irmã e os seus pais. Moram em casa própria. Quando indagado sobre qual é a sua raça, responde que é italiano. Paulo, assim como todos os sujeitos entrevistados, é descendente de italianos. Paulo é descendente tanto por parte de pai, quanto de mãe. Já estudou fora em Colégio Agrícola, porém voltou para a sua cidade de origem pelo fato de, na ocasião, os pais terem comprado um depósito de bebidas, necessitando da sua ajuda para auxiliar no negócio. A irmã, assim como ele, também auxiliava na esfera administrativa. Dessa forma, ele comenta que voltou para a cidade de origem atendendo ao pedido dos seus pais.

O primeiro contato com Paulo foi realizado por telefone. Antes havia comentado com a sua mãe sobre a possibilidade da participação do seu filho na pesquisa, ela respondeu que se dependesse dela tudo bem. Sugeriu telefonar para ele fazendo o convite. Ao conversarmos pessoalmente, expliquei-lhe sobre a minha pesquisa e, após o aceite, combinamos dia e horário onde a mesma iria ocorrer: um sábado após a sua aula de computação, da mesma forma como aconteceu com Julia. No dia e horário combinado, ocorreu uma situação imprevista comigo, quando estava saindo para ir buscá-lo. No momento em que estava me preparando para telefonar para ele e explicar o que estava acontecendo, o telefone tocou. Era sua mãe perguntando se eu iria, pois ele estava ansioso e, caso eu não fosse, ele iria encontrar com os amigos. Sugerí que adiássemos a entrevista e combinamos que eu retomaria um contato telefônico para agendarmos uma nova data e horário. A mãe me pediu que aguardasse um pouco que ela iria perguntar para ele o que resolveu, e o mesmo respondeu que ficaria me aguardando. Portanto, a entrevista aconteceu no mesmo dia. Após uns vinte minutos fui até a casa dele e então fomos até a escadaria da igreja onde pedi a sua permissão para

gravar a entrevista. Após o seu aceite, iniciamos a entrevista. Ela fluiu com tranquilidade. Durante a sua realização, pelo local, passaram algumas pessoas, na sua maioria adolescentes e jovens passeando, pois era um sábado e esse é um dos dias em que os adolescentes e jovens da cidade costumam passear pelo local; porém, esse não foi fator impeditivo para que pudéssemos continuar. Ele pareceu não se importar com as pessoas que por ali passavam. A entrevista teve um tempo aproximado de 25 minutos. De todas as entrevistas realizadas, essa foi a que teve o menor tempo de duração. Ao final, agradei-lhe pela participação na pesquisa, perguntei se poderíamos manter contato caso tivesse necessidade de retomar a entrevista para possíveis esclarecimentos sobre o tema que havíamos acabado de conversar, ele respondeu positivamente. Nos despedimos e, quando o convidei para levá-lo de volta para casa, ele me agradeceu dizendo que ficaria na rua e iria encontrar com os seus amigos na praça, tal atitude de Paulo condiz com o que foi dito por ele anteriormente e que é parte integrante do comportamento dos adolescentes que residem no município onde a pesquisa foi realizada.

## CAPÍTULO 3

### 3 ANÁLISE DO MATERIAL OBTIDO NA PESQUISA DE CAMPO

Serão apresentadas, a seguir, as categorias oriundas das respostas dos entrevistados às questões da entrevista. São elas: adolescência, visão dos adultos sobre os adolescentes, visão dos pais sobre os adolescentes, visão dos professores sobre os adolescentes, adolescentes da cidade, rotina de convívio com amigos, amizade, primeira experiência com bebidas alcoólicas, bebida alcoólica na família de origem e motivos que levam os adolescentes a consumir bebidas alcoólicas. O entendimento, a elaboração e a reflexão acerca das categorias acima relacionadas ajudam na compreensão do fenômeno que se mostra como objeto de estudo nesta pesquisa. Em seguida, apresenta-se a análise do conteúdo das entrevistas.

#### 3.1 Adolescência

<p>“É uma das melhores fases da vida.”</p> <p>“É um pouco complicado.”</p> <p>“Uma etapa da vida totalmente diferente.”</p> <p>“Vê as coisas num ângulo diferente como os adultos vêem.”</p> <p>“Tem que ter uma responsabilidade enorme em cada ato que você vai fazer.”</p> <p>“Tem aquela liberdade contínua e sempre buscando mais riscos.”</p> <p>“Um pouquinho mais de liberdade ou um pouco mais de contato com as pessoas.”</p> <p>“Aquele convívio com as pessoas da mesma idade. ”</p> <p>“(…) pra se divertir.”</p> <p>“É uma fase da vida mais importante.”</p> <p>“Onde desenvolve tudo da vida.”</p> <p>“Por pensar que essa fase é só pra curtir, acabam estragando a vida para sempre.”</p> <p>“A pessoa tem que aproveitar. É uma fase boa não tem tantas preocupações.”</p>
---

#### QUADRO 1 – Verbalizações dos entrevistados sobre o que é a adolescência

Observam-se, diante das verbalizações trazidas pelos seis sujeitos entrevistados, as consonâncias e discordâncias nos seus discursos, no que se refere ao tema adolescência. Tais sujeitos atribuem sentidos a esse período das suas vidas a partir das suas vivências e as significações atribuídas estão relacionadas às suas subjetividades.

Cada um, à sua própria maneira, traz na sua fala significados singulares e, ao mesmo tempo, demonstra o quanto à adolescência é permeada por adjetivações atribuídas por eles próprios, bem como por aquilo que os seus pais e a sociedade pensam a respeito deles. Tais vivências são tanto positivas, quanto negativas. Os adolescentes constroem e re-significam a visão de si por intermédio de suas percepções pessoais acerca de si próprios e das percepções transmitidas pelo meio social circundante.

Juliano demonstra claramente na sua fala a visão que possui sobre a adolescência: “(...) *ser adolescente é poder curtir a vida, é ter amigos, é praticar esportes (...) É uma fase boa da vida*<sup>8</sup>”. Essas palavras foram respaldadas por sua expressão facial, que era de satisfação e tranquilidade. Ao falar sobre a adolescência, ele evidencia que esse período da sua vida é visto de maneira positiva, ou seja, não somente se reporta ao fato de que é um período bom, bem como destaca que as práticas estabelecidas pelos adolescentes são agradáveis.

A visão sobre o que é ser adolescente para Júlia difere da de Juliano. Na sua concepção, ser adolescente é uma etapa da vida em que o adolescente é privado de poder fazer algumas escolhas. Isso fica evidenciado na seguinte fala:

*Para mim, ser adolescente é um pouco complicado né... Porque... tipo assim, você tem que ter sempre a tua liberdade. E... eu sou assim. Se a mãe diz, vai lá e volta tal hora, a gente tem que sempre seguir, porque uma vez que a gente, tipo assim abusou daquela liberdade que você tem com os pais vai ser difícil eles confiarem novamente em você e dar certa permissão pra ir em alguns lugares (Júlia, 16 anos, 3ª ano do ensino médio).*

Com esse trecho, observa-se que Júlia sente-se privada de poder realizar “coisas” que tem vontade, por receio de que os seus pais percam a confiança nela e limitem ainda mais sua liberdade, impedindo-a de realizar atividades que gostaria de desenvolver. A sua fala denota um certo inconformismo, dando a impressão de que já se sente preparada para fazer as suas próprias escolhas. Júlia não cita a quais locais especificamente gostaria de poder ir. No entanto, nota-se uma certa contradição na sua fala, pois, ao mesmo tempo em que ela relata sobre a atitude adotada pelos pais a respeito das possíveis punições advindas do não cumprimento dos horários para chegar em casa, como não ter permissão para sair novamente, ela deixa transparecer o seu

---

<sup>8</sup> Os trechos das verbalizações dos entrevistados serão apresentados em itálico ao longo do texto, como forma de diferenciá-los das citações dos autores cujas obras auxiliam na condução da análise.

desejo de poder ter a sua liberdade. Essa fala de Júlia remete a pensar que, provavelmente por esse comportamento dos pais, ela atribua o adjetivo complicado ao fato de ser adolescente.

É importante ressaltar que essas verbalizações trazidas por Júlia nos reportam diretamente a uma pesquisa/intervenção realizada com um grupo formado por adolescentes atendidos pelo Núcleo do Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD) no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco, por Lyra *et al.* (2002, p. 20), em que os autores trazem a seguinte reflexão:

A gente não pode fazer nada, só podemos decidir sabor de sorvete. Essa fala de uma das adolescentes do grupo remete à insatisfação diante da autoridade dos pais, num momento em que falávamos sobre liberdade e sobre o modo como os pais educam os filhos. Surge aqui um adolescente que quer ser livre para fazer o que quiser, sem ter que dar satisfação a ninguém, corroborando a idéia da privação, na qual se questiona a autoridade paterna, apontando suas contradições: Um dia eles deixam, outro dia não deixam e não explicam porque. Um pai deve ter voz firme e não dizer uma coisa e depois outra. O próprio espaço de discussão foi apontado em momentos de avaliação como uma experiência positiva, exatamente por constituir um lugar de liberdade que o ambiente doméstico não proporcionava.

Para Roberto, a adolescência é uma etapa da vida diferente da vida adulta. Para ele, adolescentes vivem de modo mais descontraído, há o gosto pela prática de correr riscos, praticando esportes radicais, ao passo que os adultos são mais comedidos, ou seja, são menos suscetíveis às práticas citadas anteriormente:

*É tipo uma etapa da vida totalmente diferente, você tipo vê as coisas assim... num ângulo diferente, como os adultos, os adultos já vêem as coisas assim tudo tem que ter uma responsabilidade enorme, cada coisa, cada ato que vai fazer, então o adolescente não, ele ficar até as 23:00 h na rua só conversando, pra ele não tá nem aí, né. Já o adulto não. Ah! Tem preocupações. Ah! Vai que acontece isso, vai que acontece aquele outro. Então já o adolescente não. O adolescente já... não tá nem aí, jogar bola na rua pra ele tanto faz. Já o adulto, vai vir um carro, vão ser atropelados. Os adolescentes não têm aquele livre... aquele livre arbítrio contínuo, têm aquela liberdade contínua e sempre buscando mais riscos né. Tipo fazendo esportes radicais, essas coisas assim (Roberto, 17 anos, 3ª série do ensino médio).*

Roberto ainda faz o seguinte comentário sobre a adolescência, em um determinado momento da entrevista que não se referia especificamente a esse período:



*Tipo a adolescência é a pessoa que se acha sempre na vontade de fazer coisas novas, sempre mudando, sempre buscando algo novo, diferente a cada dia, tipo..., não vamos..., não sei o que vamos fazer isso, vamos fazer aquilo outro, né. Tendo trabalho e tudo né, tentar sempre se divertir também, não ficar só naquela monotonia da vida, mesmice né (Roberto, 17 anos, 3ª série do ensino médio).*

As diferenças que Roberto percebe entre adolescentes e adultos baseiam-se, sobretudo, na responsabilidade. Destaca-se, no seu contexto de vida, a recente gravidez de sua irmã de doze anos de idade, fato que remete a pensar que o seu discurso no momento atual pode estar relacionado a esse episódio do presente, principalmente quando ele estabelece comentários relativos ao que ele denomina responsabilidade.

Na concepção de Roberto, ser adolescente representa um período da vida que difere de pessoa para pessoa. Os adolescentes, segundo ele, vêem as coisas de maneira diferente do adulto, que tem responsabilidades por cada ato que realiza, diferente dos adolescentes, que permanecem até tarde da noite na rua conversando com os amigos: “(...) pra eles não estão nem aí”. Para Roberto, os adultos percebem esse ato de forma negativa, pois consideram essa prática uma exposição aos riscos que permeiam a vida noturna. Eles se preocupam com o que poderá acontecer com o fato dos adolescentes adotarem esse comportamento considerado de risco. Com essa fala, percebe-se que, na visão de Roberto, existem diferenças significativas na percepção dos adultos, que não compreendem a conduta dos adolescentes.

Para Cleide, uma adolescente que reside na zona rural, cursa universidade e trabalha fora, ser adolescente representa adquirir mais liberdade. Ela aprecia o contato com pessoas da mesma idade:

*Adolescente... talvez eu penso, seja um pouquinho mais de liberdade, ou pouco mais de contato com as pessoas, aquele contato, aquele convívio com as pessoas da mesma idade né. Adolescente de combinar, de sair em tal lugar, ahmm... pra se divertir né, aquela coisa de ter pai, mãe por perto, adolescente é esse negócio assim mais aberto, mais contato de pessoas da mesma idade, tal seja, sei lá, uma coisa assim (Cleide, 19 anos, estudante da 5ª fase de Educação Física).*

No entanto, nem sempre foi assim, ponto em que seu discurso assemelha-se ao de Júlia, no que se refere ao aspecto da privação de liberdade. Destaca-se, no contexto de Cleide, que ela se sentiu privada da mãe, mas isso mudou:

*Isso tipo assim né, eu posso te explicar assim mais detalhado até... eu fui bem, bastante privada, minha mãe sempre, sabe aquela mãe protetora? Como a gente usa, né, então ela sempre me segurou bastante, então eu sempre fui..., pouco eu fui de sair, me divertir, ter esse contato e tal falando com os amigos, com as pessoas da mesma idade. Então a partir do momento que ela me deixou, eu percebi que esse contato foi a minha convivência, eu aprendi muito com os meus próprios amigos da minha idade, muitas coisas que até minha mãe própria não pôde me repassar, eu aprendi com as minhas amigas da minha idade, coisas até relacionadas com a gente mesma, adolescente (Cleide, 19 anos, estudante da 5ª fase de Educação Física).*

Cleide relata que esse período poderia representar um pouco mais de liberdade, valendo lembrar que essa visão se contrapõe ao discurso de Julia. Ela ainda comenta sobre a importância do contato com as pessoas. Ela se refere ao convívio com as pessoas da mesma idade que saem para se divertir juntas, sem estar na companhia dos pais em determinadas ocasiões. Quando ela salienta que, “(...) *ser adolescente é ser mais aberto(...)*”, ela retoma a importância de estar junto com o grupo de pares, ou seja, os adolescentes. Sendo assim, fica confirmado o que já foi observado por alguns estudiosos a respeito do comportamento de adolescentes. A construção social é permeada pela interação entre os pares, a qual é benéfica no construto da identidade adolescente: nas trocas, nas experiências compartilhadas, nas vivências estabelecidas. Ainda é importante lembrar da adolescência como decorrência de uma construção social, associada às relações sociais constituídas durante o processo de vivência e/ou relacional do sujeito, sabe-se que o sujeito já é social, ou seja, ele nasce social e somente após se individualiza, podendo incluir aqui, conforme salienta Ozella (2003), fatores sociais, religiosos, econômicos, educacionais, culturais, políticos etc. Esses apontamentos elucidam o entendimento de Cleide acerca do que é ser adolescente.

Mariana traz a seguinte percepção a respeito da adolescência:

*Adolescência para mim é uma fase da vida mais importante, creio eu. Onde desenvolve tudo na vida, tanto de criança, tudo..., até o adulto e tu aprende, erra, aprende assim vai apreendendo muitas coisas na tua vida nessa fase da adolescência, o que faz com que os adolescentes hoje em dia se perdem aí, por pensar que essa fase é só para curtir, acabam estragando a vida para sempre (Mariana, 15 anos, 2ª série do ensino médio).*

Com relação à Mariana, percebemos que a adolescência é o período da vida mais importante. Para ela, essa ocasião representa o momento em que ocorrem vivências

significativas e que elas terão uma estreita relação com o futuro. Ao mesmo tempo em que ela chama a atenção para esse período como o “mais importante” devido às aprendizagens e vivências obtidas, ela deixa transparecer que a adolescência não deve deixar de ser enfrentada com uma certa responsabilidade, uma vez que, no final da sua fala, ela denuncia que as conseqüências de uma adolescência vivida somente por diversão poderão ser prejudiciais para o desenvolvimento futuro. Nesse sentido, cabe-nos trazer uma reflexão que se encontra no artigo intitulado: “O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural”, que se refere aos aspectos abordados por ela no que se relaciona ao tema adolescência.

A adolescência, então, deve ser entendida como um período e um processo psicossociológico de transição entre a infância e fase adulta e que depende das circunstâncias sociais e históricas para a formação do sujeito. Sendo assim, a adolescência é um período/processo em que o adolescente é convidado a participar, dinamicamente, da construção de um projeto seu, o seu projeto de vida. Nesse processo, a identidade, a sexualidade, o grupo de amigos, os valores, a experiência e a experimentação de novos papéis tornam-se importantes nas relações do adolescente com o seu mundo. Nessa fase, o adolescente procura se definir por meio de suas atividades, de suas inclinações, de suas aspirações e de suas relações afetivas. (MARTINS *et al.*, 2003, p. 556).

Na concepção de Paulo, a adolescência é um período da vida em que a pessoa tem que “aproveitar”. No entanto, essa sua argumentação guarda uma certa contradição, pois ao mesmo tempo em que ele informa que o adolescente tem que aproveitar o máximo, ele também se refere aos cuidados que o adolescente deve tomar para que as suas ações presentes não repercutam negativamente no seu futuro, ponto este que guarda uma estreita relação com o que foi apontado anteriormente por Mariana. Isso fica evidenciado na seguinte fala: “(...) *erros né, é uma fase boa, não tem tantas preocupações e... aproveitar o máximo essa fase, porque o que passou não volta mais depois que o cara passou ele vê os erros, cuidar para não cometer muitos erros né, porque depois ele passa, ele vê o que fez de errado*” .

Diante do exposto, podemos perceber que esses adolescentes entrevistados atribuem simultaneamente sentidos tanto positivos como negativos à adolescência e aos adolescentes. A ambigüidade está presente na forma de perdas e ganhos como por exemplo: mais abertura, mais liberdade, mais diversão *versus* mais controle, mais responsabilidade.

### 3.2 Visão que os adolescentes têm em relação ao que eles acreditam que os adultos pensam deles

“Eles sempre têm medo, quase sempre tem uma desconfiança que o adolescente está envolvido com drogas, folia e baderna.”  
“Os adolescentes são quase todos iguais.”  
“Já ensinam a gente, tipo que não é pra ficar perto dessas pessoas, porque mais tarde acaba sendo mal falada, que eu acho que é tipo ao contrário, você tem que conhecer a pessoa e depois falar, né?”  
“Revoltados.”  
“Não têm responsabilidade nenhuma, que não têm uma visão para o futuro nenhuma e são aqueles travados que só querem curtir a vida naquele momento.”  
“Que o adolescente é drogado, que para ela nenhum adolescente, ela usa essa frase maconheiro, falando bem direto.”  
“Esses aí são maconheiros.”  
“Porque saem.”  
“Não é porque um ou dois ou um grupinho é ou usa drogas, que tem esse contato mais com essas coisas, que todos os jovens, os adolescentes fazem isso.”  
“É aquela fase que a gente só aborrece.”  
“Não dá pra gente querer algumas coisas, ser mais independente, eles não deixam.”  
“Aborrecência.”  
“Que nós não se preocupamos tanto com a vida e coisa... vão levando mais livres.”  
“Eles pensam que a gente... sei lá... não tem responsabilidade nessa fase.”

#### QUADRO 2 – Verbalizações dos entrevistados sobre o que pensam ser a visão dos adultos sobre os adolescentes

Observamos que, na visão dos entrevistados, as percepções que os adultos têm sobre os adolescentes, em geral, guardam semelhanças, ou seja, sem exceção, acham que os adultos os vêem como jovens numa fase caracterizada por qualificações negativas, na qual parecem não ter responsabilidade sobre os seus atos. É como se não estivessem preparados para assumir tarefas futuras. Os adolescentes, por sua vez, não concordam, especialmente no caso de Júlia, e se acham preparados para assumir determinadas tarefas. Ao mesmo tempo, percebem que precisam viver certas experiências que são “inerentes” a esse momento de suas vidas e que os adultos parecem ter dificuldade em compreender tais necessidades.

Para Juliano, os adultos pensam que adolescentes, em geral, são vulneráveis a drogas, à folia e a badernas:

*(...) eu acho que eles pensam que o adolescente tem que ter cabeça pra não cair no mundo das drogas, eles sempre tem medo quase sempre tem uma desconfiança..., estão sempre desconfiados mesmo,*

*que o adolescente está envolvido com drogas, folia, baderna (Juliano, 18 anos, ensino médio completo).*

Juliano percebe que os adultos demonstram não confiar nos adolescentes. Na sua fala, fica evidente a desconfiança demonstrada pelos adultos relativa ao receio de um provável envolvimento dos adolescentes com o consumo de drogas, bem como ao que ele denomina de folias e badernas. Dessa forma, fica evidenciado um certo descontentamento em relação a essa percepção que os adultos têm sobre os adolescentes, ou seja, ele deixa transparecer durante a sua fala, e também na pausa observada ao verbalizar a palavra “*desconfiança*”, que não se sente confortável por esse fato; a sua expressão facial também denuncia tal desconforto.

Júlia, por sua vez, acha que os adultos pensam que os adolescentes são influenciáveis:

*Bom... a maioria dos adultos eles pensam que os adolescentes são quase todos iguais né, tipo assim, por você estar com uma companhia: Ah! Ela está com uma pessoa mal falada, daqui uns dias vai tá igual a ele, fumando, bebendo, essas coisas né, mas eu acho que nem sempre pensam assim. Já minha mãe disse, me criou assim, filha não fique perto daquela pessoa porque depois vai sair um dia com ele vão dizer o quê? Que você começou fumar, beber e essas coisas né, vai ser mal falada na cidade né, então isso já vem desde quando a gente é pequenininha, já ensinam a gente, tipo que não é pra ficar perto dessas pessoas, porque mais tarde acaba sendo mal falada, que eu acho que é tipo ao contrário, você tem que conhecer a pessoa e depois falar né (Júlia, 16 anos, 3ª série do ensino médio).*

Notamos, no depoimento de Júlia, que ela discorda dos seus pais nesse aspecto, uma vez que ela pensa e defende a posição de que, antes da elaboração de qualquer juízo sobre o outro, devemos conhecê-lo. Entretanto, em seu relato, aparece o quanto ela sofre influência dos pais em relação ao que faz. Essa influência parece vir principalmente da figura materna, é como se as suas escolhas não pudessem ser assertivas e autônomas, ou seja, os pais fazem determinadas escolhas por ela. Em contrapartida, ela também pensa que pode realizar algumas tarefas e fazer escolhas sem necessariamente os pais resolverem por ela. Comenta que recebeu ensinamentos deles, principalmente da mãe, sobre como agir em determinadas ocasiões como: a mãe orientou desde que era pequena para que não estivesse na companhia de alguns colegas para não ser “*ma falada*” na cidade, tais companhias estariam fumando ou consumindo

bebidas alcoólicas. Os pais a orientaram evitar o contato com tais pessoas. Cabe-nos comentar que as atitudes adotadas pelos pais de Julia ocorrem no sentido de defendê-la e evitar situações geradoras de sofrimento para ela. No entanto, ela contesta as atitudes dos pais, demonstrando com isso que ela pode fazer as suas próprias escolhas, mesmo que equivocadas. Tal atitude, tipicamente adotada pelos adolescentes, parece contribuir para a criação e manutenção de estereótipos sobre a adolescência de que eles não têm capacidade de discernimento para optar pelo que é bom e/ou pelo que é ruim para eles. No entanto, Julia tem um discurso não-coerente com as suas ações e acaba reproduzindo o discurso da mãe no seu cotidiano.

Segundo Ozella (2003, p. 39), os teóricos, de uma maneira genérica, notadamente na própria Psicologia, terminam caracterizando o adolescente como uma pessoa mutável e também inconstante.

Faz-se necessário abandonar a visão romântica que vem permeando o estudo da adolescência, como fase caracterizada por comportamentos típicos estereotipados que não correspondem aos fatos e ao adolescente concreto com os quais nos deparamos. Se na aparência ele corresponde, isto pode caracterizar uma profecia auto-realizadora que leva os jovens a se comportar de determinadas maneiras para se adaptar às expectativas colocadas pela sociedade, expectativas estas muitas vezes produzidas e incentivadas pelos próprios profissionais da Psicologia.

O autor discute a necessidade de se considerar o fato de que os sentidos atribuídos à adolescência acabam rompendo os muros dos espaços acadêmicos, indo conseqüentemente circular no imaginário popular. Nesse universo, encontramos as percepções trazidas por Julia, ratificando o que a literatura tradicional aponta sobre essa questão.

Dessa forma, observamos que, dentre as várias questões assinaladas acerca da adolescência e das características que a constituem, cabe-nos trazer, de acordo com Bock (2004, p. 8): a seguinte reflexão:

(...) Ao se pensar a problemática da adolescência não se toma qualquer questão social como referência. A falta de políticas para a juventude em nossa sociedade, a desqualificação e inadequação das atividades escolares para a cultura jovem, o sentimento de apropriação que os pais têm, em nossa sociedade, com relação aos filhos, as contradições vividas, a distância entre o mundo adulto e o mundo jovem, a

impossibilidade de autonomia financeira dos jovens que ou não trabalham ou sustentam a família, nenhuma destas questões é tomada como elemento importante para compreender a forma como se apresenta a adolescência em nossa sociedade.

Essas questões acima assinaladas pela referida autora guardam, em certa medida, estreita relação com o que observamos no discurso de Júlia, mais especificamente no que se refere ao sentimento de apropriação que os pais têm em relação aos seus filhos, como também no discurso dos demais entrevistados, em que ficou evidente a questão relacionada às contradições vividas nesse momento das suas vidas.

Roberto menciona a visão da mãe para se referir ao que os adultos pensam a respeito dos adolescentes:

*Revoltados. Eles acham que adolescentes são tudo revoltados, tudo rebelde, que não têm responsabilidade nenhuma, que não têm uma visão pro futuro nenhuma, e são aqueles travados que só querem curtir a vida naquele momento. É isso, é o que minha mãe pensa (Roberto, 17 anos, 3ª série do ensino médio).*

Roberto relata que os adolescentes, na visão dos adultos, são revoltados, rebeldes e irresponsáveis. Comenta ainda que os adultos pensam que os adolescentes não têm projeções para o futuro, fala que os adultos acham os adolescentes “travados” e parecem pensar somente no momento presente. É importante relatarmos que, ao final da sua fala em relação a esses aspectos ele salienta: “(...) é o que minha mãe pensa”. Com esse relato, notamos que Roberto reduz a percepção dos adultos sobre os adolescentes à visão da sua mãe, dando a impressão de que a percepção da sua mãe ocupa lugar de destaque para ele.

Na concepção de Cleide, a influência da avó materna, com quem mora, é marcante, tanto que, ao ser indagada nesse sentido, ela imediatamente respondeu:

*Eu acho assim, eu não sei se é pouco que eu conheço eu vou me basear pela minha vó, o que ela pensa dos adolescentes. Pra ela é assim, eu sou completamente contra com certeza do uso excessivo de bebidas alcoólicas, tanto cigarro, sabe essas coisas que realmente né, só que ela usa sempre um termo assim, que o adolescente é drogado, que para ela nenhum adolescente, ela usa essa frase, maconheiro, falando bem direto: Ah! Esses aí são maconheiros (Cleide, 19 anos, estudante da 5ª fase de Educação Física).*

Cleide ainda ressalta que pensa diferentemente da sua avó. Quando indagado o motivo, faz o seguinte comentário:

*Eu penso, mas por quê? Não porque não fazem as coisas corretas. Mas eu pergunto que coisas? Ahmm... porque saem. Sair eu acho uma coisa natural, é uma coisa que qualquer adolescente vai ter, isso eu acho que qualquer adulto já passou, e deve saber como é que é. Então só que ela no ponto de ver dela, que eu percebi e de alguns outros também, esse ponto de maconheiro, usar esse termo de eles terem assim... sabe, sei lá... só que eu já tentei repassar pra ela, mas, meu Deus! Não é porque um ou dois ou um grupinho é ou usa drogas, que tem esse contato com essas coisas, que todos os jovens, os adolescentes fazem isso (Cleide, 19 anos, estudante da 5ª fase de Educação Física).*

Observamos que Cleide, da mesma forma que Roberto, reporta-se a uma figura parental próxima, no seu caso a avó, para verbalizar a respeito do que os adultos pensam sobre os adolescentes. Fica evidenciada, na sua fala, a função que a avó exerce na sua vida, ou seja, apesar dela não se dar conta, os ensinamentos da avó permeiam toda a sua fala, ainda que demonstre que se sente incomodada com isso. O rótulo que a avó de Cleide emprega para os adolescentes, assim como discutido anteriormente, novamente demonstra a visão que homogeniza os adolescentes. A fala da entrevistada denuncia claramente a visão generalista atribuída pelos adultos.

Para Mariana, os adultos pensam que a adolescência é um momento da vida em que os indivíduos aborrecem. No entanto, ela não concorda com essa visão:

*Acho que eles pensam que é aquela fase em que a gente só aborrece, por qualquer coisinha a gente aborrece, não é bem assim gente, porque tem pais que querem que fique só na barra da saia, não dá pra gente querer fazer algumas coisas, ser mais independente, eles não deixam, ficam tristes que a gente só aborrece, sempre assim hoje em dia os professores estão tentando incentivar em não usar drogas e essas coisa (Mariana, 15 anos, 2ª série do ensino médio).*

Mariana fala da sua percepção, no tocante ao aspecto em questão, revelando uma das visões que circundam no imaginário social e que acabaram se popularizando nos últimos anos: a denominação “aborrescência”, atribuída aos adolescentes. Entretanto, fica manifestada na sua fala a discordância, posto que a percepção dos adultos a respeito dos adolescentes, segundo ela, apresenta-se distante da realidade. Isso fica evidenciado no momento em que ela anuncia o desejo de obter mais independência.



Paulo tem uma percepção semelhante àquela apresentada por Mariana, quando comenta sobre a questão da visão dos adultos sobre os adolescentes informando o seguinte:

*Eles pensam... eles falam que é aborrescência, eles se aborrecem muito com a gente porque nós não nos preocupamos tanto com... a vida e coisa vão levando mais livre né, eles pensam que a gente, sei lá... não tem responsabilidade nessa fase (Paulo, 15 anos, 2ª série do ensino médio).*

Dessa forma, notamos que o discurso de Paulo vem mais uma vez denunciar o modo como a sociedade vem cristalizando os conceitos até então apresentados acerca da adolescência. Durante o seu relato, no que se refere a esse aspecto, notamos uma certa tristeza em perceber que os adultos têm essa visão sobre os adolescentes, já que ele estuda, trabalha e, dessa maneira, não se sente merecedor desse tipo de adjetivação atribuída aos adolescentes.

Sendo assim, podemos observar que os discursos dos adolescentes pesquisados, relativos à visão que os adultos têm deles, apresentam várias facetas, algumas delas nos reportam a visões positivas, outras não. Entretanto, é importante comentarmos que todas as verbalizações apresentadas têm um sentido singular para cada um deles. Nesse sentido, cabe-nos trazer uma contribuição de Bock (2004), que aparece em um artigo intitulado “A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão”, no qual a autora organizou o seu trabalho a partir da definição de adolescência presente na Psicologia, para em seguida analisar as diferentes concepções presentes na literatura especializada. Especificamente, quatro livros foram analisados:

A adolescência foi apresentada, nos quatro livros estudados, por meio de elementos, em geral, negativos. Negativos porque são características desvalorizadas na sociedade; negativos porque aparecem como incompletude, imaturidade, algo que ainda não acabou de acontecer e de se desenvolver. As características positivas que aparecem na descrição da adolescência são tomadas como “algo da fase”, fruto da imaturidade. É definida em oposição com o adulto, o qual aparece como meta deste desenvolvimento, como estágio a ser atingido, como a etapa que apresenta as características que a adolescência ainda não possui. Adolescência é fase do desenvolvimento e encaminha-se para a vida adulta. Por isso a adolescência aparece como fase passageira (BOCK, 2004, p. 7).

Em síntese, essa reflexão de Bock aproxima-se de alguns dos sentidos atribuídos pelos adolescentes pesquisados e das percepções que eles têm a respeito da visão dos adultos sobre eles. A autora, ao discorrer sobre essa temática, demonstra os equívocos que existem em torno desse tema, os quais aparecem claramente no momento em que a adolescência é entendida e/ou vista numa perspectiva reducionista, minimizando, dessa forma, as características apresentadas nesse período da vida. Como tal, devem ser compreendidas de maneira adequada, ou seja, respeitando os adolescentes e tentando compreendê-los na sua subjetividade.

### **3.3 Visão que os adolescentes têm em relação ao que eles acreditam que os pais pensam deles**

<p>“Eles sempre falam e dão apoio para que tu sejas um adolescente exemplo.”</p> <p>“Eles pensam que a adolescência é uma coisa complicada.”</p> <p>“Bom minha mãe eu já falei né. Meu pai já não, é um cara tipo assim irresponsável né, é um cara muito irresponsável, então ele..., pra ele... acho que adolescente é... a mesma coisa que eu, mais ou menos.”</p> <p>“Eu acho que o ver da minha mãe sobre os adolescentes é essa coisa legal, essa coisa”.</p> <p>“Como eu posso dizer, jovens, diversão, convívio, trocar experiências, trocar conhecimento.”</p> <p>“Meus pais sempre me apoiaram muito, nunca foram mau comigo, sempre conversam comigo.”</p> <p>“Quando crescer quero ser assim com meu filho.”</p> <p>“Meus pais, eles até confiam em mim.”</p> <p>“É uma confiança que o cara tem que conquistar também.”</p>
--

**QUADRO 3** – Verbalizações dos entrevistados sobre o que pensam ser a visão dos pais sobre os adolescentes

Quando perguntados acerca do que seus pais pensam sobre os adolescentes em geral, os entrevistados mostram concepções diversificadas. Em geral, os pais são vistos como aqueles que devem orientar e apoiar. Surge, simultaneamente, a impressão de que os pais não os consideram capazes ou suficientemente preparados para tomar decisões. Os adolescentes discordam dessa visão.

No discurso de uma das adolescentes entrevistadas, fica evidente a forma prazerosa com a qual ela lida com os seus pais. Ela aceita e compreende quando eles agem de maneira mais rígida com ela, identificando-se de maneira positiva com eles, chegando a comentar: “(...) *quando crescer quero ser assim com meu filho*”. Outro adolescente entrevistado apresenta uma visão negativa da figura paterna, vendo este último como alguém que ele denomina de “irresponsável”, dando a impressão de que

ele se comporta como adolescente, o que ele não aprova no comportamento do pai. Evidenciamos no seu discurso a relação que estabelece entre adolescência e irresponsabilidade.

A visão que Juliano apresenta sobre as percepções que os pais têm acerca dos adolescentes evidencia a preocupação que eles têm de que seus filhos tenham um comportamento adequado:

*Os pais são os que mais querem ajudar os filhos adolescentes, eles sempre falam e dão apoio para que tu sejas um adolescente exemplo, não seja um que os outros fiquem falando mal, que seja um adolescente que os outros tenham coisas boas para falar (Juliano, 18 anos, ensino médio completo).*

Notamos que, no discurso de Juliano, fica evidente o quanto a visão dos seus pais a respeito dos adolescentes é importante para ele. Juliano fala sobre os pais como as pessoas que mais sentem necessidade de ajudar os filhos, no sentido de que esses venham a ser exemplo para os demais. Percebemos na sua fala a preocupação dos seus pais para que ele seja identificado entre os adolescentes como exemplo positivo, não venha a ser o que ele refere como “malfalado”. Ou seja, um padrão moral normativo mantém-se na relação pais-filhos.

Júlia, em contrapartida, demonstra, na sua fala, uma percepção que se diferencia daquela apresentada por Juliano:

*Eles pensam que a adolescência é uma coisa complicada né, tipo assim se você quer alguma coisa, você vai lá e bate o pé, mesmo sabendo que você está errada, não, você quer, vai lá bate o pé. É tipo assim dependendo das ocasiões você vai lá dá com a cara na parede, mas, mesmo assim você acha que tá certa (Julia, 16 anos, 3ª série do ensino médio).*

Para ela, os pais pensam que a adolescência é algo complicado. O adolescente, quando quer algo, não mede as consequências para obtê-lo, mesmo que a forma utilizada não seja a mais adequada. No entanto, o adolescente precisa viver tais consequências para perceber que a maneira que adotou não era a mais apropriada. Julia pensa que esse fato de “quebrar a cara”, como ela denomina, parece ser a forma que o adolescente encontra para administrar sua vida. Ela parece perceber que tais dificuldades ocorrem, porém, ainda assim, demonstra que é válido correr o risco.

Roberto, ao se referir à visão que os pais têm sobre os adolescentes, diferentemente de Juliano e Julia, apresenta características distintas tanto da percepção apresentada pela sua mãe, quanto daquela apresentada pelo pai:

*Bom..., minha mãe eu já falei né, aquilo ali. Meu pai já não, é um cara tipo assim irresponsável, é um cara muito irresponsável, então ele..., acho que adolescente é..., a mesma coisa que eu, mais ou menos. Ele gosta de sair, de se divertir, gosta de ir a bailes, essas coisas assim. Então ele acha que adolescentes são todos amigos dele, o pessoal assim (Roberto, 17 anos, 3ª série do ensino médio).*

Roberto, ao contrário do que Júlia relata, demonstra uma certa indignação ao falar sobre a visão dos pais sobre os adolescentes. Ele parece demonstrar uma certa ambigüidade ao falar sobre essa questão, levando-se em consideração o aspecto negativo trazido por ele nesse momento da entrevista. Essa percepção fica implícita no momento em que ele faz uma pausa relativamente reflexiva ao falar desse aspecto, em seguida, remete-se ao pai utilizando um adjetivo contundente no momento em que ele frisa que o pai “(...) é um cara muito irresponsável”, em outras palavras, ele percebe o pai como alguém que ainda se comporta como adolescente. Para ele, o pai “(...) gosta de sair, de ir a bailes, de se divertir”, talvez por esse motivo a sua resposta tenha sido aparentemente confusa. Essa percepção ressalta que Roberto apreende, portanto, uma visão pejorativa a respeito da figura paterna uma vez que, ao identificar o pai como irresponsável e dizer que ele se comporta como um adolescente, demonstra que, para ele, ser adolescente é sinônimo de irresponsabilidade.

Cleide, estende-se ao falar sobre a visão que os pais têm sobre os adolescentes:

*Deixa-me pensar agora..., eu não sei tipo assim, falar um pouquinho da minha mãe agora, já que meu pai não possa dar nenhum..., a mãe também ela é tipo assim, até eu percebi nela que quanto mais ela pode evitar, quanto mais evitar que eu saia, evitar que a gente tenha contato com bebidas alcoólicas principalmente, ela sempre porque, ela disse assim, porque um dia eu conversei com ela sobre cerveja e eu disse para ela assim, mas, cerveja é ruim né mãe, ela disse é bom que você não goste mesmo ela disse, porque também eu não gostava e agora estou gostando e tomo moderadamente, mas, tomo é melhor que você não tenha esse contato. Ela sabe que os jovens..., ela sabe certinho tudo o que acontece, ela sabe das drogas que acontece com os jovens conforme o grupinho coisas, ela sabe dessas coisas cigarro também, que muitos usam drogas essas coisas assim. Eu acho que o ver da minha mãe sobre os adolescentes é essa coisa legal, essa coisa, como eu posso dizer jovens, diversão, convívio, trocar experiências,*

*trocar conhecimento, eu acho que é isso aí* (Cleide, 19 anos, estudante da 5ª fase de Educação Física).

Cleide inicia salientando que vai falar da sua mãe, já que o convívio com o pai parece restrito. Tal observação é explicitada no silêncio que interrompe a sua verbalização e demonstra que ela resiste em falar sobre o pai. Ela percebe que a sua mãe tenta evitar ao máximo que ela tenha uma vida social mais ativa, deixando transparecer que esse cuidado da mãe está relacionado ao receio de que ela possa vir a ter contato com bebidas alcoólicas. Relata, ainda, que a mãe percebe a adolescência como sinônimo de troca de experiências, convívio, troca de conhecimentos e diversão, mantendo, no entanto, a preocupação com o uso de drogas.

Mariana deixa transparecer um certo contentamento quando fala de seus pais. Para ela, muitos adolescentes não têm o relacionamento com os pais como o dela. Recebe dos pais apoio e orientação:

*Meus pais sempre me apoiaram muito, nunca foram mal comigo, sempre conversam comigo, falam quando eu erro, eles têm todo o direito de ficar bravos comigo, eles dizem que preciso ir com calma e assim eu aprendi. Quando crescer quero ser assim com meu filho, sabe! Eles tipo me dão apoio, eles sabem que eu nunca seria capaz de usar drogas, fazer coisas erradas, eu não iria jogar fora um ensinamento deles, porque tem muitos adolescentes que não tem o privilégio de ter um bom ensinamento* (Mariana, 15 anos, 2ª série do ensino médio).

Mariana relata que existe um bom diálogo entre eles. Revela que, quando faz coisas erradas, os pais estão corretos ao manifestarem desaprovação ante as falhas cometidas. Na sua fala, fica evidente a admiração que nutre pelos pais: “(...) *quando crescer quero ser assim com meu filho.*”

Paulo destaca, na sua fala, o aspecto da confiança, quando trata da visão que os adolescentes têm da percepção dos pais sobre eles:

*Com meus pais eles até confiam em mim, não dá para dizer que eles não confiam, mas, não assim a confiança tem até um certo ponto, totalmente não dá para dizer, é uma confiança que o cara tem que conquistar também. Tem coisas que eles deixam a gente fazer, ir num baile coisa assim, até eles deixam a gente ir à região, agora para outras cidades eles já não deixariam* (Paulo, 15 anos, 2ª série do ensino médio).

Paulo, ao falar, comenta que os pais confiam nele, embora não totalmente, fato que parece não o incomodar, pois em seguida ele informa que essa confiança deve ser conquistada gradativamente. Ao comentar sobre esse fato, ele utiliza como exemplo a permissão dos pais para freqüentar determinados lugares. Constatamos diante do discurso de Paulo o quanto ele percebe a questão relativa aos limites estabelecidos pelos pais.

Podemos salientar que os entrevistados utilizam como referência a relação que mantêm com seus próprios pais, quando se trata da percepção destes sobre os adolescentes em geral. Alguns mencionam os limites como responsabilidade dos pais, aqueles que devem educar seus filhos.

### **3.4 Visão que os adolescentes têm em relação ao que eles acreditam que os professores pensam deles**

<p>“Os professores eu acho que é a mesma coisa que os adultos.”</p> <p>“Ajudar os adolescentes para não ir para esse lado das drogas.”</p> <p>“Alunos que estudam a noite são muito preguiçosos só que na verdade não é isso.”</p> <p>“Olha! Assim..., irresponsáveis, que nunca fazem os deveres de casa, né.”</p> <p>“Os professores..., eu acho que também como eu tive um convívio com uma professora que foi muito legal, ela tipo assim, eu acho que ela pensa mesmo que os jovens são como eles são.”</p> <p>“Ela sabe o que acontece com os jovens, então ela deve ter um conhecimento a mais.”</p> <p>“Ah! eles estão sempre aí ensinando, sempre ali em cima do uso de drogas.”</p> <p>“O adolescente pensa ah! vou aprender com os erros.”</p> <p>“Seria quase a mesma coisa que os adultos pensam.”</p>
---

**QUADRO 4** – Verbalizações dos entrevistados sobre o que pensam ser a visão dos professores sobre os adolescentes

Em relação à percepção que os adolescentes têm a respeito do que os professores pensam sobre eles, na fala de dois, dentre os adolescentes pesquisados, essa visão se assemelha com o que os adultos em geral pensam, conforme apontado anteriormente. Observam que os professores têm representações diversificadas sobre os jovens, que abarcam adjetivações tanto negativas quanto positivas. Essas adjetivações vão desde o fato dos adolescentes serem irresponsáveis, preguiçosos, em relação à preocupação com os estudos, até identificações positivas, como é o caso de Cleide que traz no seu relato o exemplo de uma professora, em especial, que ocupa lugar de

destaque no seu conceito, como alguém que ensina e que compreende os adolescentes, sendo isso para ela algo importante.

Para Juliano, o que os professores pensam a respeito dos adolescentes é similar ao que os pais pensam:

*Os professores eu acho que é a mesma coisa que os adultos, só que eles tentam sempre ajudar, dar um incentivo, um apoio, explicar como é e como não é, ajudar os adolescente a não ir pra esse lado das drogas (Juliano, 18 anos, ensino médio completo).*

No discurso de Juliano, aparece algo interessante a ser analisado, já que, apesar de perceber que os professores têm uma visão parecida com a dos adultos sobre os adolescentes, revela que existem diferenças, pois os professores tentam apoiar os adolescentes, dando-lhes orientações para que não venham a se envolver com drogas, por exemplo. Temos a impressão, com esse relato, que Juliano não costuma conversar com os pais sobre esse aspecto em particular, ficando tal função sob a responsabilidade dos professores. Será que cabe somente aos professores o desempenho dessa tarefa?

Julia não poupa palavras para falar sobre a visão que os professores têm sobre os adolescentes:

*Bom, como na minha sala a maioria dos alunos que estudam a noite são do interior, então eles têm a relação tipo assim dos alunos que estudam à noite são muito preguiçosos só que na verdade não é isso, quem estuda à noite tipo tem uma opção, para trabalhar durante o dia, só que à noite tipo o pessoal já vem cansado do trabalho, e daí eles começam a passar matéria, escrever no quadro e tal, e daí muitos já não querem né, porque acham..., que já estão cansados de trabalhar durante o dia e ainda tem que escrever à noite. Daí eles começam a fazer bagunça e tal e as professoras ficam bravas, pedindo assim o porque disso e eles explicam, mas, daí..., elas..., acabam dizendo assim que eles são um bando de preguiçosos, porque se fosse para vocês saírem para ir em um baile, vocês estariam dispostos, agora para ir para a escola e fazer tipo os exercícios, aprender um pouco mais, eles não se esmeram (Julia, 16 anos, 3ª série do ensino médio).*

Julia traz uma vivência diferente daquela apresentada por Juliano. Para ela, os professores percebem os adolescentes como “preguiçosos”. Provavelmente, essa percepção faz parte da sua experiência de vida, pois estuda no período noturno e esse parece ser o fato que justifica a sua percepção dos professores sobre os adolescentes. De

acordo com ela, ao chegarem na escola à noite, os alunos demonstram um certo cansaço, o que faz com que os professores os denominem de “preguiçosos”. Dessa forma, as atividades que o professor trabalha parecem não ser atrativas, pois ela deixa transparecer que os alunos se dispersam em sala de aula, parecendo não se envolverem com o conteúdo que está sendo trabalhado. Cabe ressaltarmos que, da forma que Julia relata, a didática que o professor utiliza parece ser pouco atrativa, o que faz com que ocorra, provavelmente, a dispersão dos alunos adolescentes trabalhadores. O fato de trabalharem durante o dia certamente está associado ao cansaço percebido também.

Roberto percebe os professores de maneira distinta de Juliano e Julia. Caracteriza diferentes tipos de professores:

*Olha..., assim..., irresponsáveis, que nunca fazem os deveres de casa. E assim..., tipo têm vários tipos de professores, têm professores adolescentes né, têm alguns professores tipo são..., não são aquela idade avançada tem mais de 30, 38 anos, tem a idade inferior eles são também tipo descontraindo, tipo em sala de aula assim. Fazem coisas novas, buscando diversificar as aulas porque eles também já foram alunos e eles sabem como os adolescentes se acham é..., travados, chateados com aquela aula sempre a mesma coisa, o professor ir lá no quadro, escrever, você copia e estudar para a prova. Professores não já que buscam assim..., vamos fazer uma atividade tal, vocês vão buscar isso, vamos fazer um teatro, vão alguma coisa assim (Roberto, 17 anos, 3ª série do ensino médio).*

Observamos que, na percepção de Roberto, alguns dos seus professores buscam propor atividades que vão ao encontro dos interesses dos alunos. Isso pode ser visto como algo positivo, haja vista que ele demonstra entusiasmo e comprometimento no tocante às diferentes metodologias adotadas por alguns dos seus professores.

Cleide, ao falar sobre a visão dos professores em relação aos adolescentes, remete-se a uma professora de maneira especial:

*Os professores..., eu acho que também como eu tive um convívio com uma professora que foi muito legal, ela tipo assim, eu acho que ela pensa mesmo que os jovens são como eles são, como eu posso dizer assim, eles gostam de se divertir, eles gostam de sair, essas coisas, eu tinha um contato com uma professora que todos os finais de semana ela dava um toquezinho na gente, sabe a coisa assim legal! Ela dizia: cuidado pessoal, final de semana, vocês sabem, se divirtam, mas, com muito cuidado sempre se prevenindo de tudo ela dizia sempre no momento certo, a hora certa, essas coisas, sempre no lugarzinho certo. Daí até gostei disso. Porque a cabeça daquela professora, o jeito dela de pensar sobre nós é legal. Ela não pensou que os jovens*



*estão assim, sei lá..., estão perdidos vamos dizer assim. Mas, ela tem uma forma de ver já bastante, bem desenvolvida, ela sabe o que acontece com os jovens, então ela deve ter um conhecimento a mais* (Cleide, 19 anos, 5ª fase de Educação Física).

A vivência de Cleide aponta para uma realidade que se diferencia sobremaneira da percepção de Juliano e Julia sobre a visão dos professores, acerca dos adolescentes. Ela traz na sua fala a existência de uma professora, em especial, que ocupa um lugar importante na sua vida. Essa professora fala para aos seus alunos de uma forma tal que esses se sentem seguros, especialmente Cleide, que sente falta de um espaço para falar das suas questões. Cleide sente que essa professora compreende os adolescentes, acreditando que eles têm potencial. Todavia, com essa fala, ela demonstra ainda perceber que alguns professores desacreditam os adolescentes.

A fala de Mariana se assemelha com a de Juliano no que se relaciona ao aspecto que se refere às drogas:

*Ah..., eles estão sempre aí ensinando, sempre ali em cima do uso de drogas, explicando para a gente que pode acabar com a vida de qualquer um. O adolescente pensa..., Ah! vou aprender com os erros, claro que nem sempre pensa, vou errar agora, aí você vai e erra e fica grávida, aí não tem mais como voltar atrás, hoje estão sempre apoiando* (Mariana, 15 anos, 2ª série do ensino médio).

Mariana refere-se à visão dos professores sobre os adolescentes, remetendo-se à prevenção ao consumo abusivo de drogas. Fala que estão geralmente preocupados com os excessos que os adolescentes podem vivenciar. Comenta que estão prevenindo para que não venham a ser surpreendidos com, por exemplo, uma gravidez surpresa. Com essa fala, Mariana parece associar o consumo abusivo de drogas a excessos que poderão culminar em situações complicadas na vida do adolescente.

Paulo faz o seguinte comentário ao se referir sobre a visão dos professores em relação aos adolescentes: “*Seria quase a mesma dos adultos*”, dando a impressão de que não gostaria de se aprofundar no assunto. Vale lembrarmos que, na concepção de Paulo, os adultos pensam que os adolescentes não têm responsabilidades sobre os seus atos e que esses são o que ele denominou “aborrecentes”. Paulo deixa transparecer uma certa indignação ao fazer tal comentário, o que parece indicar que ele não concorda com essa visão.

Diante do exposto, é válido constatar que as percepções mencionadas e analisadas acerca da visão dos adolescentes sobre a percepção que os professores têm sobre eles guardam semelhanças com o que os adultos em geral pensam. Entretanto, aparece um certo comprometimento por parte de alguns professores voltados não somente para o conteúdo programático relativo às suas disciplinas, mas também para orientações mais gerais como: incentivos à criatividade, desenvolvimento da autonomia, estimulam os alunos a uma participação mais efetiva no seu processo ensino-aprendizagem, repassando orientações voltadas ao consumo abusivo de drogas em sentido preventivo.

### 3.5 Adolescentes da cidade

“Todos gostam de praticar esportes, ir numa festa, num baile. Conversar com..., moças adolescentes.”  
“A maioria não gosta de namorar, a maioria prefere ficar.”  
“Eles se preocupam mais em sair em baile, se divertir.”  
“Poucos são os que se preocupam em ficar tipo assim passando aquele tempo, fazendo lazer com a sua família ou praticando esportes.”  
“A maioria gosta mesmo é de uma badalação.”  
“Quando vão pra cidade vizinha ou vão aos jogos, eles querem andar o dia inteiro com o celular no ouvido.”  
“Aqui é uma cidade pequena, mais interiorzinho e tem uns que querem aparecer mais, que querem se mostrar mais, querem se vangloriar.”  
“Eles são muito na bebida. Eu vejo meninos que até meu! Muito conhecidos, fumando, mas fumando mesmo! não só cigarro, drogas mesmo, maconha essas coisas.”  
“Ingerir bebida alcoólica em demasia.”  
“Estão mais envolvidas em casa, uma na casa da outra, ensaiando teatro, coreografias de louvor e cantando.”  
“Tem uns que estão sempre em festa, apronta e se divertem.”  
“Todos são pessoas amigas da gente, a maioria dá pra se conciliar.”  
“Daí tem mais as minhas amigas, a gente anda sempre junto.”

#### QUADRO 5 – Verbalizações dos entrevistados sobre como são os adolescentes da sua cidade

Notamos que, embora a cidade onde foi realizada a pesquisa seja de pequeno porte, os adolescentes entrevistados têm percepções diferenciadas no que se refere ao aspecto relacionado aos adolescentes da cidade. No entanto, é possível salientarmos que as diferenças percebidas por eles, estão relacionadas as suas singularidades,

corroborando o que a literatura demonstra no que se relaciona aos sentidos que cada pessoa atribui a algo ou alguma coisa de acordo com a sua história de vida. Eles percebem que as práticas estabelecidas são variadas: cada um deles tem uma forma de relacionamento e de vivência baseada no funcionamento da família de origem. Deixam transparecer, em determinados momentos das entrevistas, que não estão satisfeitos com algumas dessas vivências. As suas percepções têm configurações diversificadas: vão desde o gosto pelo esporte até o frequentar bailes, que é um hábito comum no local onde a pesquisa foi realizada.

Para Juliano, os adolescentes da sua cidade gostam de atividades diversas. Ao relatar sobre tais atividades, a sua satisfação é evidente:

*Todos gostam de praticar esportes, ir numa festa, em um baile. Conversar com... moças adolescentes também né. Trocar idéias. Namorar também, apesar de que a maioria não gosta de namorar, a maioria prefere ficar. Eu também. Ninguém quer já, ninguém quer um compromisso mais sério. Gostam de hoje ficar com uma, amanhã com outra. E as meninas também querem isso. Isso é legal. (Juliano, 18 anos, ensino médio completo).*

Observa-se no discurso de Juliano a referência às relações afetivas vivenciadas pelos adolescentes. Ele percebe que eles preferem “ficar” a namorar e que essa é uma preferência não somente dos meninos. Ele próprio tem essa preferência. Essa parece ser uma tendência dos adolescentes na atualidade, denunciando com isso uma certa resistência em estabelecer o que ele denomina “*um compromisso mais sério*”.

Júlia fala dos adolescentes da sua cidade com a mesma percepção que Juliano no que se refere aos bailes. No entanto, percebe distinções em relação à convivência familiar e à prática de esportes:

*Eu acho que na maioria aqui da cidade, eles se preocupam mais em sair em bailes, se divertir. Poucos são os que se preocupam em ficar tipo assim, passando aquele tempo, fazendo lazer com a sua família ou praticando esportes assim, eu acho que a maioria gosta mesmo é de uma badalação (Julia, 16 anos, 3ª série do ensino médio).*

Júlia ainda comenta que os adolescentes da sua cidade costumam juntar-se para realizar atividades tais como:

*É que a maioria tipo assim sai, normalmente acontece assim deles pegar, se juntar, compram uma carne e ir lá no CTG (Centro de Tradições Gaúchas), à noite, fazer aquele churrasquinho e levar o aparelho de som, fazer a festinha deles lá, né. Mas, normalmente assim eles saem né (Júlia, 16 anos, 3ª série do ensino médio).*

Júlia sempre estudou na sua cidade de origem, portanto, a visão que ela traz está intimamente relacionada com tal vivência. Ela comenta que os adolescentes da sua cidade se preocupam especialmente com o fato de ir a bailes, com o objetivo de se divertirem. Na sua concepção, a maioria dos adolescentes da sua cidade preferem estar em uma “badalação”. É importante comentar que Julia fala que existem poucos adolescentes na sua cidade que valorizam o fato de estar na companhia da família ou se envolvendo na prática de esportes. Percebe-se que ela valoriza tais atividades. O fato de gostar da convivência com a sua família contraria a visão da maioria dos adolescentes entrevistados, visão que corrobora o que a literatura vem apontando a respeito da preferência dos adolescentes, que apreciam mais estar na companhia do grupo de pares.

Roberto refere-se aos adolescentes da sua cidade de forma distinta de Juliano e Júlia. Quando se remete a esse aspecto, a sua percepção é voltada para situações em que os adolescentes vivem outras experiências:

*Bom. Eles... eu vim lá de Joaçaba, aqui é uma cidade pequena, mais interiorzinho, e têm uns que querem aparecer mais, que querem se mostrar mais, querem se vangloriar “eu sou o cara” e não sei o que, e tem tipo dois três porque têm o celular, coisa que aqui não funciona né! Infelizmente eles ficam meio que..., quando vão pra Joaçaba ou, vão nos jogos, eles querem andar o dia inteiro com o celular no ouvido, né, fingindo que estão falando com alguém. Só pra aparecer, pensando que é a coisa enorme, coisa grande. Isso não me desce, né (Roberto, 17 anos, 3ª série do ensino médio).*

Em seguida, Roberto completa a sua fala fazendo alusão aos amigos que são da sua religião:

*Já os meus amigos evangélicos já, a gente procura assim, mais se descontrair juntos, chega se reúne, pega horário no ginásio ali, fazendo uma tarde de diversão, praticamos esportes né, depois vamos lá na igreja, tocamos música né. Coisas assim. Só isso (Roberto, 17 anos, 3ª série do ensino médio).*

Roberto, ao se referir aos adolescentes da sua cidade, inicia a sua fala informando que veio de outro município e que a cidade em que reside atualmente é pequena, a qual ele denomina de “*interiorzinho*”. Ele comenta que há alguns adolescentes que demonstram no seu comportamento que querem se sobressair aos demais, o que ele esclarece salientando que esses “*querem aparecer mais, querem se vangloriar*”. Tal atitude desses adolescentes está relacionada ao fato de terem o aparelho de telefone celular, cabendo esclarecer que na cidade não funciona esse sistema de telefonia. No entanto, existe o fato de, eventualmente, eles viajarem para participar de competições esportivas vinculadas à escola e, nessas ocasiões, aproveitarem para utilizar o telefone celular. Na opinião de Roberto, na maioria das vezes, eles não estão de fato falando com alguém ao telefone, ou seja, fazem isso somente para se diferenciarem dos demais, “*só pra aparecer*”, conforme ele relata. Cabe observar que o comportamento adotado por esses adolescentes pode estar relacionado ao fato de, ao utilizar o aparelho de telefone celular, procurarem se identificar com os adolescentes do local visitado. Roberto demonstra não concordar com tais comportamentos.

Roberto relata ainda sobre os seus amigos da cidade que são da sua religião, com os quais ele se reúne cotidianamente. Nesses momentos, eles buscam descontração juntos. As atividades que eles desenvolvem estão relacionadas à prática de esportes e à ida a igreja para tocar músicas. Dessa maneira, observamos que, na visão de Roberto, os adolescentes da sua cidade dividem-se em dois grupos: aqueles que preferem estar praticando atividades que não se relacionam aos seus gostos e predileções e aqueles que realizam tarefas com as quais ele se identifica, os adolescentes que fazem parte da sua religião.

Cleide, ao comentar sobre os adolescentes da sua cidade, ressalta o consumo de bebidas alcoólicas, bem como de outras substâncias psicoativas. No seu discurso, fica evidente a sua preocupação diante desse fato:

*Da minha cidade..., os adolescentes..., eu percebo assim que os adolescentes são poucos grupinhos, mas os que eu estou podendo presenciar assim né, é bastante jovens, muitos jovens, adolescentes com doze, treze, quatorze anos né, que eu acho que é uma idade, eles são muito... eles estão muito na bebida né, eu vejo meninos que até meu! Muitos conhecidos, fumando, mas fumando mesmo, não só cigarro, drogas mesmo, maconha essas*

*coisas, claro que a gente vê, a gente sabe, então eu acho bem triste isso, jovens daqui, por ser uma cidade pequena né, eu percebi que há bastante esse negócio de drogas, ingerir bebida alcoólica em demasia, é uma coisa bastante, eu percebi isso* (Cleide, 19 anos, 5ª fase de Educação Física).

Cleide traz concepções distintas daquelas estabelecidas por Juliano, Julia e Roberto. Os sentidos que ela atribui aos adolescentes da sua cidade estão relacionados ao excesso de consumo de substâncias psicoativas como: álcool, tabaco, maconha. Ela parece pasma ao fazer tal constatação, pois deixa transparecer na sua fala que, pelo fato de morar em um município pequeno, não deveria acontecer nele tal prática de consumo. Cleide relata que percebe adolescentes de 12, 13, 14 anos que consomem bebidas alcoólicas em quantidades excessivas, quantidades que ela não especifica. Porém, denota surpresa ao ver adolescentes “(...) *muito conhecidos, fumando, mas fumando mesmo! Não só cigarro, drogas mesmo, maconha essas coisas*”. Ela registra que se sente triste ao observar tal situação.

Mariana, que é uma adolescente evangélica, quando indagada sobre como são os adolescentes da sua cidade, faz alusão tanto ao comportamento dos adolescentes que são da sua religião, quanto daqueles que não são. Isso fica evidente quando ela faz o seguinte comentário:

*Depende, porque eu e minhas amigas estamos mais envolvidas em casa, uma na casa da outra ensaiando teatro, coreografia de louvor e tocando e a gente faz isso, a gente não sai nos bailes, festas nada, têm uns que estão sempre em festas, apronta e se divertem não estão nem aí, a maioria pensa em estudar para ter um bom futuro isso e aquilo. Agora têm outros que não estão nem aí para estudar, fazendo o que quer, gazeando aula, não estão nem aí, não prestam atenção, isso depende de cada um* (Mariana, 15 anos, 2ª série do ensino médio).

Mariana traz um sentido diferenciado dos demais adolescentes entrevistados. Ela divide os adolescentes em vários grupos: os da sua religião e aqueles que fazem parte de outras religiões, os que gostam de bailes e festas, os que estudam visando a um futuro promissor e aqueles que não pensam em estudar. Comenta que, com as suas amigas, as atividades se relacionam a encontros nas suas casas para ensaiar coreografias de louvor. Não vão a bailes e/ou festas, embora tenham amigos que o façam com frequência: “(...)

*apronta e se divertem*”. Ela salienta, também, que todas essas escolhas “(...) *dependem de cada um*”.

Paulo, diferentemente dos demais, traz na sua fala percepções diversas, já que é um dos dois adolescentes entrevistados que trabalha fora e tem horário a cumprir. No entender de Paulo:

*Todos são pessoas amigas da gente, a maioria da pra se conciliar, eu não tenho muito a dizer porque também tenho pouca convivência, ainda mais agora trabalhando, eu saio aos domingos, daí têm mais minhas amigas, a gente anda sempre junto, porque aqui nos finais de semana quase não tem ninguém, sair de casa, seria mais isso* (Paulo, 15 anos, 2ª série do ensino médio).

Paulo comenta que, em relação aos adolescentes da sua cidade, tem poucas considerações a respeito. Ele relata que, atualmente, o seu convívio com amigos é restrito, pelo fato de trabalhar fora, já que Paulo, dentre os adolescentes entrevistados, assim como Juliano, trabalha fora. Ele deixa transparecer que esse fato parece impedi-lo de se relacionar mais ativamente com outros adolescentes. Notamose que Paulo parece triste ao completar esse comentário, como se tivesse necessidade de incluir mais contatos em seu convívio diário. Ainda fala que, no município onde reside, nos finais de semana, há poucas pessoas, o que não favorece, também, que estabeleça mais relações.

Segundo Ozella (2003, p. 293):

*Toda a experiência que o trabalho propiciou de aprendizado, de perceber diferentes realidades, pode-se resumir na construção de uma vivência de aprendizado de independência familiar, em que construiriam seus próprios caminhos e sozinhos (...) O trabalho como experiência de vida traz a conotação de prazer. Não é feito por obrigação, por necessidade. Apesar de a rotina impedir, muitas vezes, os momentos de lazer e descanso nos finais de semana, não é sentido como algo que seja estressante ou que atrapalhe as reais obrigações destes adolescentes.*

Em contrapartida ao que foi exposto acima por Ozella, cabe comentar que Paulo aparenta ignorar os possíveis benefícios advindos do exercício do trabalho, de modo que verbaliza o trabalho como um fator impeditivo de estender sua rede social, por lhe tolher o tempo disponível às atividades de lazer com os amigos. Nesse caso, observar que, para ele, o trabalho não possui uma conotação prazerosa. Relembrando as informações contidas nas apresentações dos entrevistados, é pertinente mencionar que

Juliano, assim como Paulo, também exerce atividades de trabalho, porém, junto com seus pais, nos negócios desenvolvidos por sua família, em estabelecimento comercial.

De acordo com Ozella (2003), muitas vezes, os primeiros empregadores de adolescentes são os próprios pais, como é o caso de Juliano; todavia, ao assumirem a condição de empregados dos pais, parece que não questionam o que de fato os levou a aceitar essa condição. Cabe aqui, alguns questionamentos: eu recebo um salário ou uma mesada? Sou tratado da mesma maneira que os demais funcionários ou como o filho do patrão? Sou dependente ou independente financeiramente? Aceitei esse emprego por comodidade ou não?

O mesmo autor (2003, p. 287) pontua que:

A necessidade de independência financeira estava atrelada à independência familiar, à necessidade de mostrar ser capaz de fazer algo, de “ser alguém”, saindo da sombra protetora dos pais. O mais curioso e contraditório é que a busca por essa independência inicia com os próprios pais. Depois de tentarem alcançar emprego em outras atividades, aceitam seus pais como primeiros empregadores. Ou seja, buscou-se a independência, mas, ao mesmo tempo, novas relações são estabelecidas.

Em resumo, notamos que os adolescentes entrevistados atribuem múltiplos sentidos à forma como percebem os adolescentes da sua cidade. Algumas das suas observações guardam semelhanças entre si, ao passo que outras se mostram mais individualizadas, indo da preferência dos adolescentes em ficar a namorar até a percepção do consumo de bebidas alcoólicas em demasia.

### **3.6 Rotina de convívio com os amigos**

“Jogando futebol, indo em alguma festa, fazendo alguma coisa sempre.”

“Comer cheese salad e sair com os amigos.”

“Pega horário no ginásio de esportes, fazendo uma tarde de diversão, praticamos esportes e depois vamos lá na igreja, tocamos música.”

“Tenho amigos que estudam e amigos que não. Gostamos de sair bastante, se divertir, não perdemos oportunidades de sair e nos divertirmos, temos esse contato entre nós e tal a maioria estuda.”

“Gostamos de sair bastante, se divertir, se tem algum lugar pra sair com certeza eles saem, não perdem nenhuma oportunidade.”

“Antes eu não trabalhava eu saia mais com os meus amigos.”

“Agora que está escurecendo cedo é frio, o cara não tem muita convivência, além do



mais ninguém quer sair de casa por causa do frio.”
--

**QUADRO 6** – Verbalizações dos entrevistados sobre as suas rotinas de convívio com os amigos

Observamos que, os adolescentes entrevistados têm rotinas de convívio com os amigos que se assemelham. Três dentre os seis adolescentes entrevistados fazem referência aos esportes como algo que faz parte da sua rotina com os amigos: por meio dele, eles estabelecem uma maneira de conviver e, ao mesmo tempo, experimentam uma forma de lazer.

Outro aspecto que aparece na fala de uma das adolescentes entrevistadas está relacionado ao esporte como sinônimo de saúde. Ela associa o esporte a algo “proveitoso”, ao mesmo tempo em que revela encontrar nele algo satisfatório para ela, percebendo os seus benefícios.

Para dois dentre os adolescentes entrevistados, um de cada sexo, os dois evangélicos, percebe-se que aparecem práticas diferenciadas na rotina de convívio com os amigos em relação aos demais entrevistados nesta pesquisa. A menina não faz referência ao esporte como algo que faz parte da sua rotina de convívio com os amigos, já o menino, sim. Além de fazer referência ao esporte, que ele faz questão de salientar que pratica com os seus amigos evangélicos, ele também costuma ir na sua igreja para tocar músicas, prática que ele encara como satisfatória e uma forma de convivência com os demais de sua faixa etária.

Mariana, evangélica, fala que tanto ela quanto as suas amigas costumam freqüentar uma a casa da outra com o objetivo de ensaiar teatro, no qual elas interpretam personagens bíblicos, ou até mesmo, situações do cotidiano. Ela salienta também, assim como o menino, que ela e suas amigas costumam ensaiar coreografias de louvor. Tais relatos revelam o quanto a religião influencia a prática de convívio desses adolescentes.

Juliano relata que a sua rotina de convívio com os amigos transcorre da seguinte maneira: *“Fazem as mesmas coisas que eu, pois estamos sempre juntos, ou jogando futebol, indo em alguma festa, fazendo alguma coisa sempre”*. Ele deixa evidente com essa fala que a sua rotina de convívio com os amigos é satisfatória, tendo em vista que estão sempre juntos, revelando que, pelo fato de estar freqüentemente na companhia deles, realiza atividades diversas como jogar futebol e ir a festas.

Para Júlia, a rotina de convívio com os amigos difere da vivência de Juliano em alguns aspectos. Quando questionada sobre esse aspecto, faz o seguinte relato:

*Ah..., tipo assim, no meu grupo a gente procura mais tipo assim no final de semana, ir jogar bola juntos, fazer coisas que só venham a ter proveito na nossa saúde. Ah! tipo a gente vai comer cheese salada e sai com os amigos, mas não voltando muito tarde, sempre 21h, 22 h (Júlia, 16 anos, 3ª série do ensino médio).*

A sua rotina assemelha-se à de Juliano no que se refere ao esporte. Deixa transparecer que pratica esportes, uma vez que, além daquele praticado na escola, independente dessa ser uma das atividades obrigatórias relacionadas ao histórico escolar, ela também manifesta que essa é uma prática de final de semana. No entanto, diferencia-se em relação a festas, uma vez que Julia demonstra que não costuma freqüentá-las, ao contrário de Juliano. Ela relata que, além da prática de esporte, também costuma sair com os amigos, o que parece ocorrer nos finais de semana, quando freqüenta a lanchonete para comer lanches. Ao mesmo tempo, anuncia que não pode voltar tarde para casa, provavelmente sendo esta uma combinação com os seus pais.

Para Roberto, a rotina de convívio com os amigos assemelha-se com a de Júlia e a de Juliano no que se refere aos esportes:

*Já os meus amigos evangélicos, a gente procura assim, mais se descontrair juntos, chega se reúne, pega horário no ginásio de esportes ali, fazemos uma tarde de diversão, praticamos esportes né, depois vamos lá na igreja, tocamos música né. Coisas assim. Só isso (Roberto, 17 anos, 3ª série do ensino médio).*

Roberto, assim como Juliano e Júlia, costuma praticar esportes com os amigos. Cabe ressaltar que ele, ao se referir aos amigos, imediatamente se reporta, espontaneamente, aos seus amigos evangélicos, com os quais busca descontração. Observa-se que existe uma certa cumplicidade entre eles, já que, antes de irem ao ginásio de esportes, parece haver um momento em que eles se reúnem para marcar o horário, uma vez que lá vários adolescentes praticam atividades diferenciadas. O horário deve ser marcado com antecedência. Ele e seus amigos passam a tarde praticando esporte, o que ele associa a uma tarde diferente das demais, evidenciando, dessa maneira, que Roberto associa esporte à diversão.

Ele ainda traz a questão relativa a sua igreja. Após a saída do ginásio de esportes, eles vão até a igreja para tocar músicas, fato que ele parece vivenciar como algo que faz parte da sua rotina de convívio com os amigos, deixando transparecer que é algo prazeroso para ele. Sendo assim, observa-se que a sua rotina é intimamente relacionada aos amigos da sua igreja.

Cleide, ao se referir sobre a sua rotina de convívio com os amigos, fala:

*A maioria dos meus amigos estuda né. Os meus amigos.... Graças a Deus também fico feliz por isso. Alguns não estudam até por não ter oportunidades ou por não ter condições mesmo né. Daí não estudam, mas, também gostam de sair bastante, se divertir, se tem algum lugar pra sair com certeza eles saem conosco, não perdem nenhuma oportunidade de sair e se divertir, ter esse contato né entre nós e tal, a maioria estuda (Cleide, 19 anos, estudante da 5ª fase de Educação Física).*

Nota-se que Cleide, ao se referir à rotina de convívio com os amigos, comenta que a maioria deles estuda; entretanto, tem amigos que não estudam. Ao fazer tal referência, parece triste pelo fato deles não terem essa oportunidade. Com essa fala, observa-se que ela estabelece diferenças entre aqueles que estudam e os que não. Contudo, Cleide percebe que os adolescentes que estão matriculados na rede municipal e estadual de ensino interagem com aqueles amigos que não estão estudando, ou seja, os adolescentes buscam uma certa integração entre eles. Ela demonstra não tratar de maneira diferenciada os que não estudam. Explica a sua observação comentando que aqueles que estão sem estudar, não o fazem por terem dificuldades econômicas ou por “falta de oportunidade”, esse é o comentário estabelecido por ela para explicar a realidade deste fato no que se refere aos amigos. No entanto, o fato de ser ou não estudante não dificulta que ela e seus amigos possam conviver juntos. Ela e seus amigos costumam sair habitualmente. Cleide não fala dos locais para os quais eles costumam sair; porém, da maneira que ela fala, parece ser a festas e a bailes, o que aparece em outro momento da entrevista.

Mariana não se estende ao falar sobre esse tópico: “*Eu e minhas amigas estamos mais envolvidas em casa, ensaiamos teatro, coreografias de louvor e tocando*”.

Mariana traz na sua fala aspectos diferenciados, uma vez que a sua rotina de convívio com os amigos mostra-se distinta, principalmente das outras duas adolescentes entrevistadas. Ela comenta que normalmente está com as amigas ensaiando coreografias

de louvor, as quais são apresentadas durante a realização do culto. Ela e suas amigas tocam instrumentos musicais diversos e habitualmente se revezam uma na casa da outra para realizarem as atividades em comum.

O discurso de Paulo sobre a rotina de convívio com os amigos difere sobremaneira dos demais:

*Antes eu não trabalhava, eu saia mais com os amigos, agora trabalhando de segunda e até na sábado a gente também quase sempre trabalha, porque estamos meio atrasados no serviço. Daí de manhã o cara fica em casa, à tarde tenho curso até as três horas da tarde, eu saio das três às cinco da tarde, agora que está escurecendo cedo e está frio, o cara não tem muita convivência, além do mais não tem ninguém que saiu de casa, a mesma turma está sempre junto (Paulo, 15 anos, 2ª série do ensino médio).*

Paulo, ao contrário dos demais, demonstra que a sua rotina de convívio com os amigos se modificou desde que começou a trabalhar. Fica evidente que antes ele tinha uma rotina diferenciada e, atualmente, não é possível manter os mesmos hábitos devido ao excesso de trabalho.

Em resumo, no que se relaciona à rotina de convívio com os amigos entre os adolescentes entrevistados, um aspecto que merece destaque está relacionado ao tema “trabalho”. Dois dos adolescentes entrevistados exercem atividades laborais. Um deles, Juliano, trabalha com a família, fato que parece não impedi-lo de conviver com os amigos, ou seja, ele administra tais atividades de maneira satisfatória sem que ocorram interferências no trabalho. No caso de Paulo, observa-se que o fato de trabalhar parece impedi-lo de conviver com os amigos, haja vista que, ao se referir sobre esse assunto, ele inicia a sua fala com o seguinte comentário: “(...) *antes eu não trabalhava* (...)”, esse comentário parece revelar que ele sente que a atividade laboral que exerce atualmente o impede de desfrutar de maneira mais intensa da companhia dos amigos. Ele também se refere à questão do frio, pois na época em que Paulo foi entrevistado era inverno. Ele faz referência ao frio como um fator impeditivo para que possa estar mais tempo próximo dos amigos.

Observa-se que os adolescentes evangélicos entrevistados priorizam a realização de atividades religiosas com seus amigos de igreja. Parecem existir implicações da religião e o consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes, uma vez que as prescrições religiosas evangélicas proíbem tal prática.

### 3.7 Amizade

“Tipo aplicados com os colegas e tudo.”  
“Os da igreja a gente se encontra nos finais de semana ou quando vamos ensaiar teatro ou música.”  
“A turma de sala de aula a gente joga bola, joga taco, jogamos basquete, fazemos praticamente esportes sempre juntos ou vamos ao bar, jogamos sinuca.”  
“Contam-me as coisas e eu sempre tento ajudar no que eu posso.”  
“Amigas de sala de aula tenho uma só e tenho os meus amigos da igreja, estudo junto com eles e normalmente a gente fica junto um ajudando os outros.”  
“São amigos que são como irmãos pra mim.”  
“Amigos assim que diz do peito não são muitos, mas tenho vai de uns dez a quinze, que dá para confiar bem nos caras. Amigo que dá pra confiar, dá para falar coisas com eles assim que tem mais convivência com eles também.”  
“São uns três ou quatro bem amigos.”  
“Falamos um monte de coisas, carro principalmente, mulher, de bailes que vai ter, que fomos, conta histórias um pouco de tudo.”  
“Têm a mesma idade que eu.”

#### QUADRO 7 – Verbalizações dos entrevistados sobre o aspecto amizade

A amizade é vista como algo importante para os adolescentes pesquisados. Nesse sentido, é válido verificarmos os sentidos que eles atribuem a esse aspecto tão importante nas relações interpessoais.

Juliano não se estende ao falar sobre esse aspecto: “*Tenho bastante amigos*”. Ele, ao se reportar ao tema amizade, não se desdobra, restringe-se a informar que possui “bastante” amigos. Ele parece estar satisfeito com os amigos que possui, provavelmente, por isso, não quer se desdobrar ao falar sobre eles. Observa-se que Juliano, ao falar sobre amizade, demonstra tranquilidade. A sua expressão é de contentamento.

Júlia parece ter diferentes tipos de amigos:

*Ah... tipo assim, no meu grupo a gente procura mais tipo assim, no final de semana ir jogar bola, fazer coisas que só venham a ter proveito na nossa saúde. Já digamos os meus amigos que não tenho muita ligação, não vêm a hora de chegar tipo o final de semana, pra ir num baile, sair com os amigos, encher a cara né (Júlia, 16 anos, 3ª série do ensino médio).*

Júlia completa salientando:

*Porque eu sou assim, de aproveitar meu tempo e..., estudando, aperfeiçoando o estudo, porque hoje o mundo está mais centralizado no estudo, se você tiver um bom estudo você arranja um emprego muito bom. E eles (alguns dos amigos) não, eles já estão mais preocupados em aproveitar a vida. Tipo assim se eles morressem amanhã, hoje eles sairiam fazendo um pouco de tudo na rua, então para eles não importa se eles encherem a cara tipo todo final de semana ou assim, eles querem é aproveitar a vida (Júlia, 16 anos, 3ª série do ensino médio).*

Júlia diferencia os amigos de duas formas: aqueles com os quais ela costuma se encontrar para praticar esportes, deixando claro que esse é um aspecto que faz bem à saúde, e os que preferem festas e badalações. Para ela, os últimos mencionados não pensam no futuro. Segundo a sua verbalização eles vivem intensamente sem se preocupar com o amanhã.

Roberto caracteriza os seus amigos de duas formas:

*Bom. Tenho dois tipos de amigos né. Tenho os que são os amigos da minha igreja né evangélicos, e os meus amigos que não fazem parte da minha igreja, que são os amigos de colégio, assim..., que passa o maior tempo junto. Os que são da igreja né..., a gente só se encontra nos finais de semana ou quando vamos ensaiar teatro ou músicas né. Já os de turma assim, de aula, coisas assim de colégio, já não, a gente joga bola, joga taco, jogamos basquete, praticamos esportes sempre juntos ou vamos ao bar, jogamos sinuca coisas assim (Roberto, 17 anos, 3ª série do ensino médio).*

Roberto costuma praticar esporte com os amigos da sala de aula e encontrar-se com os amigos evangélicos para exercer atividades comuns da igreja, visto que ele apontou anteriormente as diferenças percebidas entre os dois tipos de grupos classificados anteriormente. Roberto parece apreciar ambos os tipos de amigos, sejam evangélicos ou não. No entanto, a sua preferência é relativa aos amigos evangélicos, visto que é possível identificar que a maior parte do tempo é com eles que ele convive.

Na vivência de Cleide, destacamos que possui amigos com características diversificadas:

*Eu tenho bastante e de vários estilos, vamos dizer, eu tenho grupos de meninas de 12, 13 anos que são minhas amigas, amiguinhas que tá louco! Me contam as coisas e eu sempre tento ajudar no que eu posso, o que eu gostaria de ser se eu não tivesse optado pela Educação*

*Física eu gostaria de ser psicóloga, uma coisa que eu acho tão fundamental na vida de uma pessoa sabe, que nem antes eu falei, eu tenho vários grupos de faixas etárias diferentes de amigas e amigos sabe eu tenho até as minhas colegas de trabalho mais adultas, tenho essas meninas de 12, 13 anos que vem e me pedem esse contato comigo, esse conhecimento, então é legal, eu vejo assim, que por exemplo, essas meninas de 12, 13 anos elas também percebi que estão muito avançadas no ponto de ter evoluído bastante, sabe adolescentes têm aquela coisa (Cleide, 19 anos, estudante da 5ª fase de Educação Física).*

Cleide já traz uma vivência de amizade que se diferencia dos demais adolescentes entrevistados. Ela tem amigos de faixas etárias distintas. No entanto, relaciona-se bem com todos. Cleide, que tem 19 anos, tem amigos de 12 e 13 anos de idade e com eles ela parece manter uma relação que se assemelha a de uma conselheira, pois essas amigas contam intimidades para ela e isso parece sugerir a ela um lugar de destaque, uma vez que se sente orgulhosa pelo fato dessas lhe confiarem seus segredos.

Comenta ainda sobre as amigas de trabalho que são mais velhas do que ela, com as quais parece manter uma boa relação. Finaliza com um comentário sobre as alterações percebidas no comportamento das meninas de 12 e 13 anos nos dias atuais, percebendo-as como positivas, já que na sua história de vida não tinha espaço para falar de si. Cabe lembrar que Cleide foi criada pela avó materna e tal fato pode estar relacionado à sua facilidade de manter contato com pessoas de faixas etárias distintas, já que, além do convívio com a avó, residem com ela um casal de tios, na faixa etária entre 25 e 30 anos, e uma sobrinha de aproximadamente 6 anos de idade.

Mariana fala da sua vivência de maneira distinta dos demais:

*Amigas de sala de aula tenho uma só, e tenho meus amigos da igreja, estudo junto com eles e normalmente a gente fica junto um ajudando o outro. Eles (aqui Mariana refere-se aos amigos de sala de aula) são diferentes de mim, mas, eles nunca me desprezaram, por que eu sou de outra religião, porque tem gente que despreza, mas a gente tem amizade normal, assim todo mundo é igual, normal (Mariana, 15 anos, 2ª série do ensino médio).*

O discurso de Mariana em relação à amizade mostra-se contraditório. No primeiro momento da sua verbalização, ela pontua algo de fundamental importância, sugerindo que tem preferência em estar na companhia dos amigos da sua religião.

Observa-se que a fala de Mariana remete a um determinado reducionismo no momento em que ela anuncia que possui uma amiga na escola. Provavelmente a referida amiga não pertença a sua religião. No segundo momento da sua fala, ela afirma que os amigos que não são da sua religião são diferentes dela. No entanto, comenta que esse não é um fator que impede o relacionamento, relata que não se sente menosprezada por eles e que a amizade transcorre normalmente; entretanto, durante todo o seu discurso fica implícito que sua afirmação foi incoerente.

Para Paulo, a amizade é um aspecto encarado da seguinte maneira:

*Amigos assim que diz do peito não são muitos, mas tenho vai de uns 10 a 15 dá para confiar bem nos caras. Amigo que dá para confiar dá para falar coisas com eles assim que tem mais convivência com eles também. Troco confidências com alguns, uns 3 ou 4 são bem amigos, daí a gente costuma conversar mais, os outros não. Falamos um monte de coisas, carro principalmente, mulher, de bailes que vai ter, que fomos, conta história, um pouco de tudo (Paulo, 15 anos, 2ª série do ensino médio).*

Paulo, diferentemente dos demais adolescentes entrevistados, faz referência aos “*amigos do peito*”, que na sua concepção são aqueles nos quais pode-se depositar confiança. Com esses amigos, ele troca confidências, fala sobre assuntos variados que vão das amenidades às intimidades. Paulo denuncia com essa fala o quanto o aspecto confiança mostra-se importante na sua vida. Apesar de fazer referência aos amigos que ele nomeou de 10 a 15, os amigos do peito são aqueles que ocupam lugar de destaque na sua vida e é exatamente com esses que ele “*(...) conta história, um pouco de tudo*”.

Em suma, é válido lembrar que os entrevistados classificam os amigos de maneiras diversas: amigos do peito, amigos que não têm muita ligação, amigos de diferentes religiões, amigos de vários estilos, amigos de sala de aula, amigos de várias idades. Nota-se que os adolescentes atribuem sentidos diferentes a esses vários tipos de amigos, porém, dando a devida importância a cada um deles, bem como percebendo as suas diferenças e semelhanças. Evidenciam seus gostos, predileções, demonstrando os seus critérios de escolha dos amigos.



### 3.8 Primeira experiência com bebidas alcoólicas

“Estava entre amigos mesmo.”  
“No pavilhão da igreja, numa festa.”  
“No meu aniversário. Estava tudo reunido... os homens da família.”  
“Uma vez num baile que por coincidência, eu estava junto com amigos.”  
“Tu vê como acontece as coisas e um pouco é a influência.”  
“Acho que foi em casa eu e meu pai.”  
“O pai me ofereceu um golinho.”

#### **QUADRO 8** – Verbalizações dos entrevistados sobre a primeira experiência com bebidas alcoólicas

Nota-se que todos os adolescentes entrevistados apresentam vivências distintas quanto à primeira experiência com bebidas alcoólicas. Dois dentre eles não tiveram tal experiência, Júlia e Mariana. Júlia que é católica e Mariana evangélica. Os demais, cada um à sua maneira, tiveram essa experiência, tanto em locais distintos, quanto em faixas etárias.

Juliano comenta que a sua primeira experiência com bebidas alcoólicas ocorreu do seguinte modo:

*Faz tempo, mais ou menos com 7 anos, 8 anos de idade. Eu não posso te dizer quando..., eu não lembro. Foi aqui mesmo na cidade. Estava entre amigos mesmo (...). No pavilhão da igreja (...). Numa festa (Juliano, 18 anos, ensino médio completo).*

Juliano comenta que teve a sua primeira experiência com bebidas alcoólicas em uma idade precoce: aos 7 ou 8 anos de idade. Ao relembrar esse fato, ele parece se reportar ao passado, parece nostálgico e não se recorda exatamente onde ocorreu. Lembra que foi na sua cidade de origem, fala que estava, na ocasião, entre amigos e que aconteceu, provavelmente, no pavilhão da igreja, em uma das festas realizadas naquele local. É importante lembrar que o pavilhão da igreja é um dos locais onde acontecem as principais festas realizadas na cidade, tanto aquelas que se relacionam às comemorações religiosas, como aquelas que não se relacionam.

Juliano fala que, entre os amigos com os quais ele estava, encontravam-se amigos mais velhos que ele e, que foram eles que compraram a bebida, cerveja e vinho. Revela que, no momento atual, a quantidade de bebida alcoólica necessária para causar alterações no seu comportamento é o equivalente a três ou quatro latas de cerveja ou

duas taças de vinho. O efeito sentido quando da ingestão de bebida alcoólica é o de se sentir “(...) *mais solto, mais alegre*”.

Para Juliano, o consumo de bebidas alcoólicas ocorre quando vão a festas, bailes, normalmente na companhia de amigos. Na sua visão, quando consome bebida alcoólica, dança melhor e se sente mais desinibido. Os efeitos sentidos quando da ingestão de bebidas alcoólicas são agradáveis e desagradáveis e estão relacionados a ficar mais desinibido (agradável) e, no dia seguinte após a ingestão, a dores de cabeça e ressaca (desagradáveis). Juliano revela que já ficou “*de fogo*” e que tal fato ocorreu há cerca de três meses da data da realização da entrevista. Na ocasião, ele estava no estado do Mato Grosso realizando estágio de conclusão de curso. Estava em uma fazenda convivendo com adolescentes de vários estados do país. Juliano comenta que aquela não foi a primeira vez que “*ficou de fogo*”.

Relata que costuma ingerir bebida alcoólica habitualmente. Todos os dias, durante o almoço, ele ingere um cálice de vinho. Revela que esse hábito surgiu a partir de uma determinada aula, em que o professor comentou que o fato de ingerir duas taças de vinho por dia é benéfico à saúde. O professor ensinou que o consumo de dois cálices de vinho ao dia previne o enfarte e que 35% a 40% das pessoas que têm esse hábito tem mais chances de não enfartar. Comenta que os seus pais falam que o fato dele ingerir uma taça de vinho por dia não é um fator problema. No entanto, não querem que aumente esse consumo. Bebe também para acompanhar os seus amigos e retoma a importância de cuidar da saúde. Relata que todos os seus amigos bebem, no entanto, essa ingestão ocorre em maior quantidade nos finais de semana. Em geral, bebe quando está na companhia dos amigos, quando vão a bailes à noite.

Júlia é categórica ao responder a essa pergunta: “*Não. Nunca experimentei*”. Júlia, ao ser indagada sobre a primeira experiência com bebidas alcoólicas, é enfática na sua resposta, salienta que nunca experimentou. No seu discurso, fica evidente que os amigos com os quais ela se relacionava anteriormente consomem bebidas alcoólicas e que, se tivesse continuado mantendo contato com eles, provavelmente teria experimentado. Ela deixa transparecer que se tivesse feito essa experiência, possivelmente teria se arrependido. Júlia deixa claro que o consumo de bebidas alcoólicas apresenta-se como algo destrutivo ao organismo, chegando a comentar que

pode ser algo dramático. Ela relata sobre palestras que teve no seu colégio relativas ao consumo de bebidas alcoólicas.

Um aspecto importante na fala de Júlia durante a entrevista é quando ela comenta sobre o fato de ter colegas que pararam de estudar devido ao consumo excessivo de bebidas alcoólicas. Tais colegas tiveram que fazer tratamento em clínica especializada para desintoxicação e tratamento. Segundo ela, esses colegas já se encontravam com sérias complicações orgânicas. Para Júlia, esse fato parece ter sido marcante. Quando ela e seus colegas de sala ficaram sabendo da internação de um dos colegas, houve certa mobilização, os alunos pesquisaram sobre o tema e o resultado dessa pesquisa foi tema de debate.

Mariana, da mesma forma que Júlia, ao ser indagada sobre a primeira experiência com bebida alcoólica, responde: “Não”. Ela revela que jamais experimentou bebidas alcoólicas. Ao falar sobre esse aspecto, percebemos que ela não deseja se estender sobre o assunto.

Roberto fala da sua experiência de maneira distinta da experiência de Juliano e Júlia:

*Já, com 10 anos de idade, meus pais ainda não eram separados, eu ainda era católico. No meu aniversário. Foi..., estavam todos reunidos, os homens da família e eu descemos lá embaixo, né. Conversar perto da carne, do churrasco e eu vi a jarrinha de vinho, pertinho ali, eu bha! Mais credo se não! Fui até lá peguei um copo de guaraná. Tomei todo mais que rapidamente e comecei encher o copo com vinho, parecendo que era guaraná né e tomava e virava, acho que virei uns 6 copos. Daí na hora do almoço, subi a escada meio tonto, e quando eu sentei à mesa, no caso no chão, porque não tinha lugares para todos os convidados na mesma mesa grande, daí as crianças foram numa mesa improvisada na sala, aí eu fui sentar numa almofada, escorreguei e derramei todo o prato de comida no meu colo, daí fui colocando tudo de volta no meu prato pra minha mãe não perceber né, e comi meio tonto e depois fui andar de bicicleta, quase me quebrei todo, mas, tudo bem (Roberto, 17 anos, 3ª série do ensino médio).*

Roberto teve a sua primeira experiência com bebidas alcoólicas aos 10 anos de idade, na sua festa de aniversário. Na sua fala, fica evidente que ele faz questão de apontar que, na ocasião, seus pais “ainda” estavam casados, bem como ele “ainda” era católico. Os seus pais prepararam churrasco, o qual estava sendo regado a vinho. Ele manifesta que estavam os familiares reunidos. Em seguida, é categórico ao falar que “os

*homens da família*” estavam reunidos na ocasião. Com essa fala, Roberto denuncia o modelo masculino como aquele no qual é aceito o consumo de bebidas alcoólicas.

Roberto demonstra que se sentiu envolvido pelo momento. Estava tomando guaraná; porém, ao perceber que era possível beber sem que fosse notado, esvaziou o seu copo de guaraná e encheu seu copo de vinho. Ele informa que acredita ter tomado o equivalente a seis copos de vinho aproximadamente sem que os adultos ali presentes notassem. Ele não demonstra ter certeza quanto a isso. Próximo ao horário do almoço, já se sentia tonto e, após servir o seu prato, escorregou derramando todo o conteúdo no chão. Sem que a sua mãe percebesse, colocou todo o conteúdo de volta no prato e almoçou, sem que fosse notada a sua embriaguez. Ele não considera que esse tenha sido “um porre” pelo fato de ter apenas 10 anos de idade. Fato curioso, pois segundo o seu relato, todas as evidências levam a pensar que ele estava embriagado.

Roberto manifesta que teve essa experiência porque “(...) *queria parecer igual a eles*”. Ao fazer essa constatação, ele fica alguns minutos em silêncio e, em seguida, completa informando que gostaria de parecer com os homens da família. Esse parece ser um modelo masculino que está relacionado à permissividade do consumo de bebidas alcoólicas pelo sexo masculino, pois, ao falar isso, ele demonstra dar importância a tal atitude dos homens da sua família. Os homens da família, além de estarem bebendo na sua festa de aniversário, estavam conversando, jogando baralho. Roberto confessa que sentiu vontade de poder fazer as mesmas coisas que eles, “*eu quero também*”.

Quanto aos efeitos sentidos, revela que não foram agradáveis, somente desagradáveis como: tontura, dor de cabeça e dores nos braços. As dores nos braços foram provavelmente decorrentes de uma queda que ele levou, pois, após o almoço, ele foi andar de bicicleta na tentativa de amenizar a tontura.

Cleide fala sem poupar palavras sobre essa experiência:

*Já. Vamos ver se eu consigo lembrar, então..., eu acho que até não pode ser essa, mas eu vou te colocar essa, porque eu me lembro que realmente eu não tinha posto um gole de álcool na minha boca. Foi até uma vez num baile que por coincidência eu estava junto com amigos, só que assim, eles estavam numa boa, só que tinha uma amiga que estava com um copo de cerveja na mão e na brincadeirinha, olha só, eu..., uma que não devia ter aceitado pra começar né, mas, tu vês como acontecem as coisas e um pouco é a influência né, ela chegou e só disse isso aí, eu digo que foi mais mesmo para ver se eu tomava mesmo, se eu..., e disse não me dê o copo e eu tomei né, foi a primeira vez que eu coloquei álcool na boca*

*ou a cerveja no caso que eu experimentei, tomei o copo inteirinho, mas, depois bha! Não é que eu fiquei mal, mas, eu me senti mal por ter tomado aquele copo entende?* (Cleide, 19 anos, estudante da 5ª fase de Educação Física).

Após essa fala de Cleide a pesquisadora fez o seguinte questionamento: como assim? Cleide volta a relatar: *“(...) por ter feito isso sabe..., pensei bah! Porque eu fui tomar né, só porque ela disse não, se você for mulher mesmo você vai tomar, um teste mesmo, para ver o que eu faria, qual a minha reação, e eu tomei”*. É importante comentar que Cleide, no seu discurso, deixa transparecer certo pesar por ter bebido naquela ocasião. No seu relato, ela deixa claro que não devia ter aceitado o copo de bebida alcoólica que lhe foi oferecido, como se estivesse arrependida do que fez.

Ela não tem clareza sobre a data exata de quando aconteceu a primeira experiência com bebida alcoólica, mas estava com mais ou menos 17 anos de idade. Estava em um baile no qual foi com a sua mãe. Na ocasião, encontrava-se na companhia de amigos e uma das amigas ofereceu-lhe um copo de cerveja e ela imediatamente aceitou, tomando todo o conteúdo de uma só vez. Relata que se sentiu mal por ter feito aquilo; porém, é importante destacarmos que esse se sentir mal não estava relacionado aos efeitos causados pela bebida e sim por ter tomado aquela atitude. Cleide deixa transparecer que o fez porque a amiga falou: *“(...) se você for mulher mesmo você vai tomar”*. Cleide considera que o que a amiga fez foi testá-la e ela deixou-se levar pelo momento. O sentido que ela atribui à primeira experiência com bebidas alcoólicas parece estar relacionado à influência do grupo de pares. Cleide revela que bebe esporadicamente e que, quando acontece, as bebidas que faz uso são: cerveja e cuba (*“uíisque”* com coca-cola). Os tipos de bebidas alcoólicas que já experimentou são: cerveja, cuba, amarula, martini, caipirinha, champanhe e vinho. A bebida que mais consome é a cerveja. Quanto aos efeitos sentidos quando da ingestão de bebidas alcoólicas, Cleide comenta que se sente mais *“alegre e divertida”*. Fala que é uma pessoa que apresenta essas características; porém, quando consome bebidas alcoólicas, parece que tais características tornam-se mais evidentes. Esclarece, ainda que, porque não perde o senso de realidade, permanecendo dentro dos *“limites”*, percebe quando deve interromper o consumo.

Os efeitos que ela cita se confundem, pois parece não diferenciar os efeitos agradáveis dos desagradáveis, sua resposta é ambígua, visto que, por ela se considerar

uma pessoa extrovertida e sociável, parece temer que tais características se acentuem quando sob o efeito do álcool, sendo, dessa maneira, mal-interpretada pelas pessoas.

Cleide consumiu bebida alcoólica pela última vez na semana anterior à semana em que foi entrevistada. Informa não se recordar da penúltima vez em que consumiu. Bebe quando sai com o namorado e com outros casais. Ela comenta que geralmente são os rapazes quem compram as bebidas, denunciando, dessa maneira, que essa tarefa é atribuída socialmente ao homem. Ela ainda consome bebidas alcoólicas quando está na companhia de amigos. Já tomou vinho com a mãe, mas esta última parece não gostar que Cleide beba com frequência e ela própria relata que evita fazê-lo. No que se relaciona aos horários em que costuma consumir bebidas alcoólicas, ocorrem geralmente à noite.

A primeira experiência de Paulo com bebida alcoólica aconteceu de maneira diferenciada dos demais adolescentes entrevistados:

*Acho que foi em casa, eu e meu pai, ele também bebe, também não é exagerado, mas, ele sempre tem em casa, principalmente o vinho que ele gosta, daí foi em casa com os familiares. Não lembro que idade eu tinha (Paulo, 15 anos, 2ª série do ensino médio).*

Paulo teve a sua primeira experiência com bebida alcoólica na sua casa, na companhia do pai. Relata que o pai costuma ter sempre vinho em casa e que esse é um hábito de família. O relato de Paulo vem ao encontro de estudo realizado por Araújo e Gomes (1998, p. 26), no qual os autores observam que tanto a experimentação de bebidas alcoólicas com a família, quanto o consumo posterior com o grupo de amigos, parecem parte integrante da transição ao comportamento adulto, demonstrando, dessa maneira, que a primeira experiência com bebidas alcoólicas ocorre também em ambiente familiar. Ele não recorda a idade que tinha na ocasião em que bebeu pela primeira vez. Além do vinho, a sua família costuma consumir cerveja, mas somente quando têm visitas em casa. Paulo revela que não sabe precisar a quantidade de bebida necessária para causar alterações no seu comportamento. Observa que não costuma consumir bebida alcoólica em demasia e que não sente prazer em fazê-lo. Paulo salienta que nunca se embriagou. Além de beber com o pai, ele costuma beber na companhia dos amigos quando vão aos bailes. Os horários nos quais ele ingere são geralmente à noite, em casa ou nos bailes.

Quanto aos aspectos relativos às diferenças percebidas entre a quantidade de bebidas alcoólicas ingeridas por meninos e meninas, Paulo revela que os meninos tendem a ingerir álcool em maior quantidade que as meninas. Ele observa que as meninas “*se cuidam mais*”, apesar de salientar que há algumas meninas que não se preocupam tanto com isso. Em relação ainda às diferenças entre a quantidade de bebidas alcoólicas ingeridas entre os adolescentes do sexo masculino e do sexo feminino, Cleide verbaliza que os meninos consomem em maior quantidade que as meninas. Ela comenta que os meninos têm mais facilidade de ingerir bebidas alcoólicas e que essa sua percepção é um questionamento que ela própria se faz: por que os meninos bebem mais do que as meninas? ela demonstra não ter resposta para o questionamento. Notamos que Paulo, da mesma forma que Roberto, teve a primeira experiência com bebidas alcoólicas em casa. Paulo, ao que parece, teve o consentimento do pai, ao contrário de Roberto que o fez escondido.

Quanto ao aspecto relativo à idade, é válido lembrar que, dentre os entrevistados que experimentaram bebidas alcoólicas e que recordam da idade na época, o consumo aconteceu em momentos diferenciados. Mais especificamente entre os 7 e 17 anos de idade. Tal observação vem ao encontro do trabalho publicado por Godoi *et al.* (1991), em que os autores realizaram um estudo e observaram que, no tocante à idade, a primeira experiência com bebidas alcoólicas ocorre nas faixas etárias de 13 e 16 anos. Ainda, no mesmo estudo, chamam a atenção para o fato de que uma percentagem expressiva de jovens teve essa experiência pela primeira vez em idades mais precoces, idades essas inferiores aos 10 anos.

Vale ratificar que as informações trazidas nesse estudo apontam que essa primeira experiência não somente ocorre em relação ao álcool, mas também em relação ao tabaco e a outras drogas. Os dados levantados pelos autores demonstram que existe uma tendência de início precoce do consumo de álcool pelos adolescentes, em concordância com este trabalho de dissertação que reitera a confluência dessa tendência, por meio dos resultados obtidos com as entrevistas realizadas.

### **3.9 Bebida na família de origem**

“É comum o consumo de vinho.”

“Lá em casa ninguém bebe.”

“Agora não, lá em casa álcool não entra mais. Meu pai bebia bastante.”

“Acho que não, até porque eu percebo que pouco eles saem.”  
“Meu pai, todo dia ele toma, toma vinho, já o resto da família não, o pai dele também, meu avô, no caso, ele também bebe bastante.”

**QUADRO 9** – Verbalizações dos entrevistados sobre o consumo de bebidas alcoólicas na família de origem

Os adolescentes trazem visões diversificadas no que se refere ao consumo de bebidas alcoólicas na família de origem. Nota-se que aparecem percepções voltadas aos hábitos de consumo relacionados ao fato dos pais beberem, bem como a experiências negativas pela ocorrência de problemas com o consumo excessivo vindo a ocasionar a busca de tratamento. No caso de um dos adolescentes pesquisados, o pai esteve internado para tratamento do alcoolismo por duas vezes. É importante perceber que aparece no discurso de uma das adolescentes entrevistadas que na sua família não existe o consumo de bebidas alcoólicas. Tal fato demonstra ter relação com o comportamento e a vivência dessa adolescente.

Notamos que, na fala de uma das adolescentes entrevistadas, aparece uma certa contradição, já que ela comenta que acha que os seus pais não bebem, mas, ao mesmo tempo, ela fala que o consumo entre eles “*não é tão diário*”. Fica a impressão que ela não quer comentar sobre tal comportamento dos pais. É importante salientar o relato de Roberto no que se refere ao consumo de bebidas alcoólicas na família de origem como um fato importante na sua vida, já que tal consumo parece ter sido um dos motivos que contribuiu para o fim do casamento dos seus pais.

Juliano, quando questionado sobre o consumo de bebidas alcoólicas na sua família de origem, fala:

*É comum o consumo de vinho. O meu pai era alcoólatra e ele fez dois tratamentos para conseguir parar de beber. Ele teve um problema por causa da bebida ficou entre a vida e a morte..., aí, depois disso, foi internado numa clínica (nesse momento ele cita o nome dos dois municípios onde o pai esteve internado), depois disso foi a última vez que ele ficou internado. Agora fazem oito anos que ele não bebe mais (Juliano, 18 anos, ensino médio completo).*

Juliano, com esse comentário, revela que o consumo de bebidas alcoólicas apresenta-se como um fator que demonstra ter um sentido singular na sua vida, tendo em vista, que quando ele menciona esse fato, demonstra uma certa tristeza no olhar. O



fato de o seu pai ter apresentado problemas com o consumo excessivo de bebida alcoólica parece ter relação com o discurso e o silêncio ao lembrar o acontecimento. Cabe ressaltar que, apesar de ter existido essa situação na sua família, o consumo de bebidas alcoólicas ainda se faz presente na sua rotina diária, uma vez que, lembrando o que foi informado anteriormente, Julianio habitualmente costuma ingerir um cálice de vinho durante o almoço. Vale salientar que o consumo de vinho foi tema de debate em sala de aula, em que o seu professor informou que ingerir vinho é benéfico para a saúde em certo grau.

Júlia traz uma experiência diferenciada da vivência de Julianio:

*Não. Porque lá em casa ninguém bebe sabe, meu pai já quando ele era mais novo, antes de casar com minha mãe sim, ele bebia e tudo, mas, depois que ele casou com a minha mãe, ele parou então, ele não quer tipo assim que ninguém beba. Não porque ele impõe que ninguém beba, mas, porque ele sentou e ele explicou, se vocês beberem vai acontecer isso, isso e isso, agora se vocês não beberem vai acontecer isso, isso e isso né, então você já vai tendo uma certa..., uma certa diferença de beber e não beber (Júlia, 16 anos, 3ª série do ensino médio).*

Júlia menciona que, na sua casa, atualmente, não existe o hábito de consumo de bebidas alcoólicas. No entanto, esse foi um hábito que o seu pai já apresentou outrora. Ela parece evasiva nesse momento, ou seja, ao se referir a esse aspecto, tendo em vista que, dos seis adolescentes entrevistados, ela foi uma das que mais se estendeu ao ser questionada. Falar sobre esse assunto pareceu, em certa medida, ter lhe causado um certo incômodo.

Roberto traz uma experiência que parece não causar boas recordações:

*Agora não. Lá em casa álcool não entra mais. Meu pai bebia bastante, muito né, e depois que meu pai e minha mãe se separaram..., até esse foi um dos motivos a gente..., a mãe ficou muito triste né, que se separou e tudo..., e ela foi numa igreja evangélica e se achou lá e evangélico não bebe e agora não bebemos mais..., a mãe não bebe, acompanhava meu pai nas caipirinhas assim, mas, agora nem isso ela faz mais (Roberto, 17 anos, 3ª série do ensino médio).*

Roberto, assim como Júlia, não demonstra conforto ao falar sobre esse assunto. O fato de o seu pai ter vivenciado uma experiência, ao que parece embaraçosa, em relação ao consumo de bebida alcoólica, contribuiu para que ele não se prolongasse no assunto. O fato de o pai consumir em demasia parece ter sido um dos motivos do fim do

casamento do casal. É válido observarmos que Roberto menciona que, após o término do casamento, a sua mãe encontrou na religião uma forma de ajuda para lidar com a nova realidade. Vale lembrarmos que a mãe de Roberto acompanhava o marido nas “caipirinhas”. Atualmente, ela não consome bebida alcoólica.

Cleide faz o seguinte comentário ao falar sobre o consumo de bebidas alcoólicas na família de origem:

*Acho que não..., até porque eu percebo que pouco eles saem, tipo em lugares mais abertos, mais amplos assim..., onde tenha bebidas alcoólicas para vender, não é assim diário né, ou assim muito freqüente, eu percebo assim* (Cleide, 19 anos, estudante da 5ª fase de Educação Física).

Cleide demonstra uma certa contradição ao responder ao questionamento relativo ao consumo de bebidas alcoólicas na família de origem. Pois, ao mesmo tempo em que ela diz que a mãe e o padrasto não bebem, ela fala que as saídas não acontecem de uma maneira “*tão diária*”. É válido comentar que Cleide parece associar consumo de bebidas alcoólicas a lazer. Percebe-se isso no momento em que ela fala que a mãe e o padrasto saem pouco, dando a impressão de que o fato de sair de casa para praticar atividades de lazer mostra-se como sinônimo de consumo de bebidas alcoólicas. Cleide não menciona o pai ao falar sobre o assunto em questão.

Mariana não se alonga ao falar sobre o consumo de bebidas alcoólicas na família de origem. Sua resposta é categórica: “*Não. Ninguém bebe*”. Vale lembrar que ela é evangélica e que as pessoas que fazem parte dessa religião não consomem bebidas alcoólicas.

Segundo Dalgarrondo *et al.* (2004), em artigo intitulado: “Religião e uso de drogas por adolescentes”, há uma correlação negativa entre consumo de álcool e drogas e frequência de atividades religiosas. No referido estudo, foi alvo da amostra um número expressivo de estudantes adolescentes, regularmente matriculados no primeiro e segundo graus. Informa o referido artigo que, em nosso país, a maior pesquisa realizada no tocante a esse tema foi em 1992, ressaltando também que os resultados apontaram que os jovens entrevistados que praticam atividades religiosas apresentam uma tendência menor ao consumo de álcool e drogas. Tal observação é pertinente ao discurso de Mariana. De acordo com Dalgarrondo (2004, p. 10):

Ao se analisar a relação da religiosidade com o perfil sócio-demográfico dos estudantes e tipo de escola, verificou-se que as garotas afirmam mais que os rapazes ter religião e ter tido uma educação mais religiosa, assim como se consideram significativamente mais religiosas do que eles. Uma maior religiosidade no gênero feminino é um dado muito recorrente em diversas culturas (inclusive as ocidentais), relativamente bem documentado na literatura sociológica. Não se verificou diferenças em relação às variáveis religiosas e idade. Os alunos de escolas públicas periféricas tendem a ser mais evangélicos históricos ou pentecostais e menos freqüentemente espíritas. Assim como se consideram mais religiosos, têm uma maior freqüência aos cultos e tiveram com mais freqüência uma educação muito religiosa na infância. Em suma, os estudantes mais intensamente religiosos são garotas e alunos de escolas públicas da periferia.

Diante do exposto, cabe comentar que, no tocante ao aspecto gênero, ao contrário do que foi observado pelos autores citados, nota-se, neste trabalho de dissertação, que entre os dois entrevistados: Roberto e Mariana, ambos evangélicos, não se observaram diferenças correlacionadas à religiosidade e gênero. Ou seja, ambos demonstram exercer as atividades religiosas de maneira similar. Isso fica evidenciado nas suas falas no momento em que revelam que as atividades religiosas são praticadas com a mesma intensidade: ensaiam coreografias de louvor, teatros, tocam instrumentos musicais, freqüentam os cultos semanalmente etc.

Paulo é o único entre os adolescentes entrevistados que traz uma experiência distinta dos outros cinco adolescentes participantes da pesquisa no que tange ao consumo de bebidas alcoólicas na família de origem:

*Meu pai. Todo dia ele toma, toma vinho, já o resto da família não. O pai dele também, meu avô, no caso ele também bebe bastante, que nem todos os dias eu acho, por isso meu pai é assim também, tipo minha mãe e minha irmã e eu não, a gente bebe só de vez em quando (Paulo, 15 anos, 2ª série do ensino médio).*

Paulo, conforme observado na sua resposta, apresenta uma experiência diferenciada dos demais adolescentes entrevistados. Na sua família, o consumo de bebidas alcoólicas parece ser um hábito rotineiro. O seu pai consome vinho todos os dias, assim como o seu avô paterno, o que parece ser um dos motivos apontados por ele que contribuiu para que o seu pai tenha adquirido o mesmo hábito. No seu discurso, fica

evidente que o seu avô bebe em grande quantidade. No entanto, Paulo não deixa transparecer se esse fato chega a ser algo que comprometa a saúde do avô, a convivência com a família, ou seja, algo que se apresente como um fator problema.

Paulo menciona que tanto ele, quanto a mãe e a irmã, bebem eventualmente, o que foi comentado quando da realização da entrevista e ele relata que isso acontece nos finais de semana. Com isso, observa-se que, apesar do pai ter esse hábito, os filhos não o acompanham diariamente na ingestão de vinho, assim como a mãe.

### **3.10 Motivos que levam os adolescentes a consumir bebidas alcoólicas**

<p>“Me sinto mais solto, mais alegre.”</p> <p>“É o caso de ficar mais desinibido mesmo.”</p> <p>“Eu acho que fui acostumado desde pequenininho, o pai saía em algum lugar em bares.”</p> <p>“Meu pai já me deu desde pequenininho, agora tem que fazer igual a ele.”</p> <p>“Que elas saíram em festas e que as amigas dela disseram, ah! Se você não experimentar, nós não olhamos mais pra tua cara.”</p> <p>“Eu fui porque queria parecer igual os adultos.”</p> <p>“Por ele estar sozinho.”</p> <p>“Pelo simples fato de não ter com quem dançar.”</p> <p>“Adolescentes que estão sofrendo, não tiveram ensinamento dos pais. Acredito que tenha algum problema por causa disso ou por causa daquilo, querendo jogar o problema fora bebendo pensando que vai resolver.”</p> <p>“Para esquecer da vida, por causa que a vida não está indo como ele gostaria que ela fosse.”</p>
--

**QUADRO 10** – Verbalizações dos entrevistados sobre os motivos que levam os adolescentes a consumir bebidas alcoólicas

O fato dos adolescentes beberem tem motivos diversos na percepção dos adolescentes entrevistados. Observa-se que os motivos que eles atribuem a esse fato estão relacionados a problemas como dificuldade de socialização e inibição, bem como a hábitos de família, entre outros, que serão descritos ao longo do texto.

Diante das idéias expostas, mostra-se pertinente informar a respeito das concepções expressas por Baus , Kupek e Pires (2002, p. 41), em artigo intitulado: “Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares”, em que os autores chamam a atenção para algumas, dentre as diversas questões que se referem às políticas de saúde pública relativas ao consumo de drogas por adolescentes escolares no país, incluindo, conforme já foi mencionado no decorrer deste trabalho de dissertação, as bebidas alcoólicas enquanto um dos tipos de drogas de uso lícito

utilizado por alguns adolescentes. Tais idéias remetem a pensar sobre a necessidade de modificações nesse cenário e, conseqüentemente, na adoção de novas atitudes no que se refere ao fenômeno que se mostra como o principal alvo de reflexões no estudo em questão.

O uso de droga na idade escolar é uma das maiores preocupações de saúde pública. Tanto estudos de comportamento de risco em geral quanto aqueles com enfoque no uso de drogas nessa idade mostraram a importância dos fatores sociodemográficos como idade, sexo e classe social, e fatores psicossociais como a influência dos amigos e as relações interpessoais dentro da família para o desenvolvimento e o tratamento desse problema de saúde. No Brasil, a única pesquisa sistemática de abrangência nacional sobre uso de drogas na idade escolar e alguns fatores de risco foi realizada pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas psicotrópicas (CEBRID), há aproximadamente 15 anos.

Juliano fala que bebe porque: *“Me sinto mais solto, mais alegre. É o caso de ficar mais desinibido mesmo”*. Juliano, ao comentar sobre o porquê dos adolescentes beberem, mostra a influência dos amigos nesse comportamento. Ele manifesta que o fato de acompanhar os amigos, bem como ficar mais *“solto e desinibido”*, são fatores que influenciam o consumo de bebidas alcoólicas. Ainda verbaliza que um dos motivos que leva os adolescentes a consumirem bebidas alcoólicas é o fato de estarem na companhia dos amigos e, conseqüentemente, adotar as mesmas atitudes e comportamentos que eles.

Segundo Silva *et al.* (1998), o adolescente pode adotar o consumo de droga como uma forma de contestação, de modo que essa atitude não está dissociada da busca do prazer. Nesse caso, podemos associar o fato de Juliano assinalar os benefícios alcançados ao consumir bebidas alcoólicas à obtenção de prazer, contribuindo para a repetição do comportamento de consumo.

Júlia, apesar de não ter experimentado bebida alcoólica, tem a sua opinião sobre os motivos pelos quais os adolescentes bebem:

*Bom. Eu acho que os outros, que nem tipo eu falei que uns não têm opiniões próprias, mas, os outros..., eu acho que tipo assim a outra parte da maioria que bebe, eu acho que foi acostumada desde pequenininho, o pai saía em algum lugar, em bares, Ah esse é meu filho! Experimenta aí um pouco né e daí eles vão acostumando desde*

*pequenininho, que daí quando é grande, ele já tem uma noção do que é, ah! meu pai já me deu desde pequenininho, agora tem que fazer igual a ele, eu tenho que seguir ele* (Júlia, 16 anos, 3ª série do ensino médio).

Júlia apresenta duas situações como fatores que contribuem para o consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes. A primeira está voltada para o fato de alguns adolescentes, na sua concepção, não apresentarem o que ela denomina de “*opinião própria*”. Ela manifesta, dessa forma, que alguns adolescentes são volúveis e que alguns fazem o uso por receio de não serem aceitos pelo grupo. Essa observação se evidencia no momento em que ela salienta: “*Ah! Se você não experimentar você não é mais meu amigo, tem bastante disso*”. Dessa maneira, fica evidente que um dos motivos que Júlia atribui à primeira experiência com bebidas alcoólicas por adolescentes está relacionado à inserção e à aceitação no grupo. A segunda situação é relativa ao fato dos adolescentes meninos obedecerem a um modelo masculino em que eles são levados a reproduzir nas suas vidas. O fato dos adolescentes, desde crianças, receberem incentivo dos pais para acompanhá-los aos bares, por exemplo, e, em sua companhia, serem incentivados ao consumo, apresenta-se como um fator constitutivo na manutenção desse modelo, já que na sua visão, esse adolescente tenderá a se tornar parecido com o pai e, conseqüentemente, querer agir como ele. Dessa maneira, observa-se que os motivos atribuídos por Júlia ao fato dos adolescentes consumirem bebidas alcoólicas têm estreita relação com o se deixar levar pela opinião dos outros, ou seja, à vulnerabilidade e ao modelo masculino no caso dos meninos que deve ser mantido.

De acordo com as verbalizações de Júlia acima mencionadas, vê-se que a seguinte reflexão de Araújo e Gomes (1998, p. 30-31) apresenta uma estreita relação não somente pelo que foi discutido por ela, bem como por outros entrevistados:

(...) A família que provê a experimentação, deve orientar não só o beber do jovem, mas o seu próprio beber. O pai que bebe um uísque “pra relaxar”, uma caipirinha para “abrir o apetite” e a mãe que bebe um licor “pra fazer a digestão”, a cerveja “pra refrescar”, o conhaque “pra esquentar” estão colocando funções ou indicadores de uso de bebidas. Seguir esta regra geral formulada pelos pais não é diferente de seguir as regras do grupo de amigos: “pra ter coragem”, “pra mostrar que é macho”, “pra ficar com o cara”, “pra chegar na guria”, “pra esquecer”, “pra aproveitar melhor a festa”, etc. A criança vai observando e aprendendo a respeito desses efeitos, o adolescente testa essas expectativas.

Para Roberto, o fato dos adolescentes beberem tem motivos diferenciados daqueles mencionados por Juliano:

*Eu fui porque queria parecer igual os adultos, já os adolescentes acham que tipo por que..., agora é proibido pra menores de 18 anos eles querem algo proibido né. Então vão em cima né. E tipo eles querem..., eles acham que bebendo eles vão estar se divertindo e tudo mais, se divertindo..., com mais facilidade, se vangloriando mais, porque vão bebendo tantas né, e ninguém falou nada, coisas assim né, e por causa de ser proibida eles acham que com a bebida eles vão estar se divertindo mais, não sei (...) (Roberto, 17 anos, 3ª série do ensino médio).*

Roberto traz uma visão que se assemelha em certa medida com a de Júlia. Ao se referir sobre o porquê dos adolescentes consumirem bebidas alcoólicas, remete-se a ele próprio. Fica evidente na sua fala que ele consumiu com o objetivo de se tornar parecido com os homens adultos. Uma fala significativa de Roberto sobre esse aspecto é quando ele menciona a proibição de bebidas alcoólicas para adolescentes. Ele se refere à proibição da venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos e, em seguida, informa que os adolescentes “*querem algo proibido*”. Roberto deixa a impressão de que o proibido é mais desafiador e, ao mesmo tempo, mais divertido. Sendo assim, percebe-se que os motivos que Roberto atribui ao fato dos adolescentes consumirem bebidas alcoólicas estão relacionados à identificação com os adultos e ao gosto por praticar atividades para as quais eles não têm permissão legal.

Podemos retomar um dos momentos mais importantes durante o relato de Roberto, conforme citado anteriormente, com relação à sua primeira experiência com bebidas alcoólicas, no qual se refere à ocasião em que salienta que experimentou porque desejava parecer igual aos homens adultos, ou seja, a identificação com o modelo masculino.

Na percepção de Cleide, o fato dos adolescentes beberem tem relação com a solidão e a falta de companhia feminina:

*Talvez..., vamos dizer né, no meu ver aqui pode ser muitos amigos por exemplo, eu percebi no meu amigo ontem, já é um exemplo, ele está sozinho, então se ele está sozinho, ele não tem alguém para ficar junto né, ou até pelo simples fato de não ter com quem dançar, ou coisas parecidas, eles vão na bebida, sabe? Então eu já percebi isso, muitos por estarem sozinhos, ou por não saberem dançar, ir num baile e não*

*saber dançar, então já é mais difícil para o rapaz, ele não pega e não chega numa moça porque não sabe dançar, então seria mais fácil se ele soubesse dançar e chegava, convidava para dançar então ele tinha alguma coisa para..., se retirar um pouco dançar, se divertir. Mas como eles pegam, chegam e estão sozinhos, não tem aonde ir ou com quem ficar, então eles vão na bebida e ali começam a beber, a beber e a beber e isso eu percebi nos meus amigos. Então eu acho que esse seja um dos pontos* (Cleide, 19 anos, estudante da 5ª fase de Educação Física).

Cleide, ao falar sobre esse aspecto, não poupa palavras para expressar a sua opinião. Inicialmente, ela comenta que os adolescentes devem saber o que querem. Observa-se, com esse comentário, a crítica à influência do que os outros pensam e o fato de que consumir bebida alcoólica é uma questão de decisão própria. Outros aspectos apontados por Cleide são: dificuldade de socialização, timidez, solidão e seu enfrentamento. Cleide faz outra reflexão acerca do referido aspecto:

*Eu digo que existe até certo ponto..., é você quem deve saber o teu, se você quer ou se você não quer, então não é só os seus amigos que vão estar te influenciando, se você a partir do momento está fazendo também é porque você quis, não só porque os seus amigos vão estar te influenciando* (Cleide, 19 anos, estudante da 5ª fase de Educação Física).

Para Mariana, o fato dos adolescentes beberem está relacionado a sofrimento:

*Adolescentes que estão sofrendo, não tiveram ensinamentos dos pais, eles nunca foram conversar sobre os ensinamentos, acredito que tenha algum problema por causa disso ou por causa daquilo, querendo jogar o problema fora pensando que vai resolver (...) Eu tenho amigos que bebem. Os meus amigos que tomam bebidas alcoólicas eles tomam mais por diversão, sabe ele acha uma diversão ele tomar, às vezes até ficar bêbados eles acham legal assim, eu no meu ver, de certa forma ele desmoraliza a pessoa, ficar bêbada, fazer escândalo, tem gente que toma normalmente, que é o certo. Adolescentes se bebem às vezes aprontam colocam coisa na bebida de outros também para viciar outros, tem muita gente que apronta* (Mariana, 15 anos, 2ª série do ensino médio).

Essa fala de Mariana tem estrita relação com o que a literatura já assinalou. Araújo e Gomes (1998, p. 29), comentam que a existência de regras claras por parte dos pais no que se refere ao consumo de bebidas alcoólicas mostra-se eficaz na prevenção ao consumo de tais substâncias. Os autores ainda lembram que pais que não apregoam



normas adequadas no tocante ao álcool tendem a uma maior probabilidade de ter filhos que bebem do que aqueles que as lembram.

Mariana estende-se mais ao falar desse aspecto:

*As minhas amigas que bebem, elas falam que vão nos bailes, bebem, dançam, comentam assim sabe, na diversão, elas nunca passaram dos limites, beber além da conta, fazer escândalo, ficar bêbada, daí pensar que tudo é festa, acaba se jogando por cima das outras pessoas, garotas que se jogam por cima dos rapazes, porque está bêbada você fica meio fora (Mariana, 15 anos, 2ª série do ensino médio).*

Mariana traz uma visão diferenciada sobre por que os adolescentes bebem. Ela utiliza o termo “*sofrimento*” como um dos motivos pelos quais o adolescente consome bebida alcoólica. Outro fator apontado por ela se refere à falta de ensinamentos dos pais, como se os pais fossem figuras representativas no sentido de impedir tal contato. Ainda cita a questão relacionada à fuga de problemas como algo que contribui para o consumo de bebidas alcoólicas na adolescência.

Essa questão trazida por Mariana remete ao que foi discutido por Bucher (1991), em seu livro “Prevenção ao uso indevido de drogas”, no qual ele discorre sobre o consumo de drogas relacionado à fuga por meio do prazer solitário. Essa sua observação se relaciona ao que foi citado por Mariana, visto que, segundo o autor, o prazer proporcionado pela droga tem relação com a fuga. Situações como: rotina, incerteza, rápidas transformações no mundo atual, o consumismo exacerbado e voltado principalmente às populações jovens são fatores que podem constituir para o público adolescente representações desprovidas de prazer. Assim sendo, uma das possibilidades, senão a única escolha possível, demonstra ser o consumo de um determinado tipo de droga, que o fará, ainda que por alguns momentos, esquecer a realidade.

Para Paulo, o fato dos adolescentes beberem pode estar relacionado aos seguintes aspectos:

*Tenho alguns amigos que já falaram que bebem por alguma coisa, para esquecer da vida, porque a vida não está indo como ele gostaria que ela fosse, bebe para esquecer um pouco de outro, sei lá..., por costume também, uns até amigos que eu tenho acho que seria por causa disso que leva mais ao consumo (Paulo, 15 anos, 2ª série do ensino médio).*

O discurso de Paulo assemelha-se ao de Mariana, principalmente quando fala sobre o fato de alguns dos seus amigos consumirem bebidas alcoólicas com o objetivo de “*esquecer da vida*”, dando a impressão de fuga dos problemas.

Nesse sentido, cabe trazer uma contribuição de Noto e Silva. (2002, p. 92).

As autoras comentam:

Nesse contexto histórico, o consumo de drogas passou a ocupar novas funções, como a busca de prazer individual, alívio imediato de desconforto físico ou psíquico, entre outros. Nas últimas décadas, o consumo também passou a ganhar espaço entre a população jovem e a representar alvo de preocupação em vários países.

Observa-se que tais apontamentos apresentam alguma relação com as verbalizações de Paulo, principalmente no que se refere ao alívio de desconforto psíquico ou físico, podendo, também, relacionar-se à fuga de problemas. Paulo ainda traz outra percepção relacionada ao que ele denomina de “*costume mesmo*”. Esse comentário remete a pensar que o fato de Paulo comentar que os adolescentes bebem “*por costume mesmo*” parece algo natural para ele, ou seja, não vê problemas nesse comportamento de consumo, pois a entonação e a sua expressão facial ao estabelecer tal comentário demonstram que é algo trivial para ele.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de dissertação teve como objetivo identificar os sentidos atribuídos por adolescentes da região Meio-Oeste catarinense ao consumo de bebidas alcoólicas, por meio das verbalizações e percepções dos próprios adolescentes. Os resultados obtidos apresentam que sentidos significativos e diversos são atribuídos pelos adolescentes ao consumo de bebidas alcoólicas. Essa afirmação é respaldada pelas verbalizações dos entrevistados referentes ao seu entendimento concernente à correlação do consumo do álcool com os fatores que consideram preditivos e incitadores desse tipo de comportamento adotado por muitos adolescentes.

Os sentidos atribuídos à prática do consumo de bebidas alcoólicas que mais comumente se destacam são relacionados a: desejo de fazer parte do mundo adulto; hábitos da família de origem advindos da própria cultura familiar; desejo de ser aceito pelo grupo de amigos; prazer em realizar atos proibitivos para a idade; dificuldade de socialização; dificuldade em manter relações afetivas; fuga de problemas; sentimentos de solidão e de dúvida. Esses sentidos são principalmente de ordem sociocultural e se entrelaçam às necessidades e aos fatores de ordem psicológica e, portanto, emocional desses adolescentes (de forma concomitante).

Em relação aos sentidos de ordem sociocultural, destacam-se as vicissitudes oriundas da convivência familiar, que envolvem inúmeras características que compõem e definem parte do contexto das relações familiares, o qual é permeado por costumes, hábitos e por estímulos emocionais que acompanham o desenvolvimento psíquico e orgânico dos sujeitos envolvidos, influenciando de forma expressiva o comportamento adolescente que está sendo adaptado e construído socialmente. Dentre eles, pode-se observar os hábitos de consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes, tendo em vista que eles demonstram, de alguma maneira, como esse hábito pode-se iniciar em ambiente familiar.

Em contrapartida, observa-se que a influência da família é tão acentuada que, naquelas em que a religiosidade é extremamente valorizada, o uso do álcool é praticamente relativo à abstenção. O presente trabalho reforça nitidamente o que já foi demonstrado pela literatura nacional, tendo em vista que diversas dimensões da religiosidade mostram-se como fatores relevantes na modulação do uso e abuso de

bebidas alcoólicas por uma diversidade populacional, particularmente adolescentes e jovens.

Outro fator importante é o desejo de identificação com os adultos, principalmente com a figura de gênero idêntica, isso para os meninos (pai ou outra figura expressamente representativa). A realização desse desejo ocorre por meio de comportamentos proibitivos aos adolescentes, porém permissivos aos adultos, fator esse que denota uma intensa tendência à busca de auto-afirmação, natural à fase da adolescência, em que o processo da construção da própria identidade e o desejo de aceitação no seu grupo de pares (amigos), que constituem a sua rede social, incitam a um comportamento que realce um perfil idealizado de adolescente pelo próprio adolescente. Esse perfil é construído, inserido e internalizado pela interação do adolescente com seu meio sociocultural, devendo, dessa maneira, merecer um olhar mais detalhado.

As relações de trabalho são muito significativas nessa proposição, visto que os adolescentes atribuem significados singulares ao exercício do trabalho. Na visão dos adolescentes entrevistados, fazer parte do mundo adulto é realizar atividades que os adultos comumente exercem, proibitivas ou não, assumindo suas posturas, atitudes e comportamentos. Em outras palavras, buscam sua independência, desprendendo-se do “*ninho*”, da proteção e do controle exercido pelos pais sobre si, quando passam a tomar decisões do que fazer e de como fazer, no tempo em que assumem para si direitos e deveres até então outorgados apenas aos adultos. Nesse sentido, se é permitido lutar pela própria liberdade, exercendo atividades de trabalho que requerem a assunção de inúmeras responsabilidades, também, ao seu ver, lhes é permitido ingerir bebidas alcoólicas se assim o decidirem fazer.

O fator trabalho, um dos indicativos dos sentidos atribuídos pelos adolescentes ao consumo de bebidas alcoólicas, sugere ainda que os adolescentes adentram em um universo no qual há carga horária a ser cumprida, que requer responsabilidade profissional. Essa responsabilidade impõe prazos estipulados na realização das tarefas e exigências quanto ao desempenho profissional, o que pode limitar as atividades de lazer e o consumo de bebidas alcoólicas. Por outro lado, o grau de satisfação com o ambiente de trabalho, o tipo de controle e de supervisão exercida pela organização, o grau de satisfação com a remuneração recebida, as mudanças freqüentes nas condições de

trabalho, a competição entre os profissionais desencadeiam uma mudança de comportamento no adolescente, o qual passa a vivenciar preocupações e agruras, comuns aos trabalhadores adultos. Por conseguinte, os adolescentes tendem a assumir precocemente e a internalizar com maior veemência uma identidade adulta. Em equivalência, esse fato pode apresentar características negativas. Ou seja, pode ser um indicador de risco e desencadear problemas futuros, ou ainda, torná-los mais suscetíveis a desenvolver sintomas diversos posteriormente, comuns a tantos trabalhadores, tais como ansiedade e tensão, que propiciam a incidência do aparecimento de problemas psicológicos e físicos, assim como dificuldades relativas ao uso e abuso de substâncias psicoativas, enquanto que, paradoxalmente, fazem a sutil passagem para o mundo dos adultos.

Ainda sobre o trabalho, as peculiaridades inerentes às atividades que exercem podem vincular-se às características pessoais e às situações individuais, tais como: vulnerabilidades psicológicas, eventos de vida, situações socioeconômicas, dentre outras. Assim, o nível de tensão aumenta diante de situações adversas que causam desconforto e insatisfação, resultando em inadequação ao meio por não conseguirem superar as dificuldades que surgem das situações adversas.

Esta pesquisa apresenta os sentidos atribuídos pelos adolescentes ao consumo de bebidas alcoólicas, produtos do seu ambiente sociocultural, como uma fonte promotora do consumo de bebidas alcoólicas. A análise indica que os adolescentes pesquisados buscam construir de forma saudável sua identidade; entretanto, não demonstram uma clareza dos motivos que os movem a assumir esse ou aquele comportamento. A ambigüidade é freqüente nas suas expressões. Para eles, ser adolescente é simplesmente: ser. A visão adolescente assinala que eles não se autoquestionam rigidamente. Para eles, não há muito o que questionar sobre suas atitudes. Eles apenas justificam o que pensam e o que acham ser, sem se preocupar em comprovar suas verdades. Sugerem que se bebem é porque há motivos, sejam eles os mais triviais e corriqueiros, ou sociais e culturais, ou por mero prazer, ou ainda por fuga dos problemas a que estão sujeitos. Eles aparentam relegar questionamentos mais aprofundados ao encargo dos adultos, embora demonstrem estar construindo um jeito diferenciado de perceber e sentir a si mesmos e o mundo que os cerca. Eles são singulares em sua genuinidade e apresentam uma

autenticidade que é ímpar nesse processo de construção de seu próprio jeito de ser, do seu próprio modo, enquanto interagem com o mundo circundante.

A expectativa é que os resultados obtidos nesta pesquisa possibilitem a elaboração de novas estratégias que resultem em benefícios para a melhoria da qualidade de vida dos adolescentes. Talvez seja necessário reavaliar as condições que propiciam o envolvimento do adolescente com o consumo de bebidas alcoólicas, ouvindo o que os adolescentes têm a relatar a respeito dessa correlação. Eles desejam ser ouvidos, para além daquilo que é expresso por meio das palavras. Desejam que lhes seja outorgada uma posição de respeito que lhes confira a dignidade que lhes é de direito. Pelas considerações realizadas até o momento atual, sugerem-se mais estudos e pesquisas futuras necessárias para a comunidade científica com o objetivo de avançar a produção de conhecimentos relacionados ao fenômeno que se fez alvo de estudo neste trabalho.

Nesse sentido, faz-se mister retomar as descobertas realizadas neste estudo. Ou seja, os sentidos atribuídos por adolescentes da região Meio-Oeste catarinense ao consumo de bebidas alcoólicas, trazendo aqueles que aparecem em maior incidência: dificuldades de socialização, inibição, hábitos de famílias, busca do prazer, vulnerabilidade, identificação com o modelo masculino, identificação com os adultos, solidão, timidez, fuga da realidade. Entre os múltiplos aspectos que carecem de maior investigação, apresentam-se algumas questões para o desenvolvimento de futuras pesquisas: quais as implicações do consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes em relação à religiosidade? Quais as implicações do consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes em relação ao trabalho? Quais as implicações do consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes em relação aos hábitos de consumo na família de origem?

É apropriado lembrar que, atualmente, vem se observando um crescimento de estudos voltados à importância dos próprios adolescentes e de suas vivências, suas percepções, configurações de sociabilidade e também atuação em relação ao que se observava outrora.

No que se refere às políticas públicas, é imprescindível ressaltar que, no nosso país, ao contrário de outros, não é comum uma tradição de políticas públicas integradas, especialmente reservadas aos jovens, como as de educação, saúde, lazer e cultura de forma a instituir outras possibilidades de inserção deles no mundo social. Ainda cabe

lembrar que algumas prefeituras e governos estaduais vêm tentando formular políticas específicas para esse segmento da nossa população, envolvendo programas como: formação profissional e serviços específicos de lazer, saúde e cultura. No entanto, essas tentativas têm se mostrado pouco eficientes. No município onde a pesquisa foi realizada, observa-se a inexistência de uma política de cultura e lazer especialmente voltada ao público jovem, sendo essa inexistência uma das prováveis causas do consumo de bebidas alcoólicas pelos adolescentes, conforme apontado neste trabalho de dissertação.

È válido comentar que a pesquisa em questão buscou resgatar os sentidos atribuídos por adolescentes da região Meio-Oeste de Santa Catarina, tendo como cuidado lançar um olhar para além das teorias patologizantes sobre os adolescentes. Observou-se que os adolescentes necessitam ser ouvidos, respeitando as suas características e comportamentos, típicos dessa etapa do desenvolvimento.

A pesquisa rompe com o modelo de alcoolismo como problema intrapsíquico e, ao mesmo tempo, nota-se que as respostas obtidas acerca dos motivos atribuídos pelos adolescentes ao consumo de bebidas alcoólicas, denuncia este modelo esclarecendo que eles consomem bebidas alcoólicas por motivos diversificados.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre tematização da juventude no Brasil. **Revista Brasília de Educação**, Belo Horizonte, 1997. Número Especial.

ARAÚJO, L. B. e GOMES, William B. Adolescência e as expectativas em relação aos efeitos do álcool. **Psicologia Reflexão Crítica**. [online]. 1998, vol.11, nº.1, p.05-33. Disponível em: World Wide Web: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721998000100002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000100002&lng=pt&nrm=iso) . ISSN 0102-7972. Acesso em 19 Novembro 2003.

BAUS, José; KUPEK, Emil e PIRES, Marcos. Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. **Revista Saúde Pública**. [online]. fev. 2002, vol. 36, nº.1, p. 40-46. Disponível em: World Wide Web: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102002000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102002000100007&lng=pt&nrm=iso) . ISSN 0034-8910. Acesso em: 15 Novembro 2003

BOCK, A. M. B.; MARCICHINA, M. G. e FURTADO, G. O. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001.

BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação de ser humano: a adolescência em questão. **Caderno Cedes**, v. 24, nº. 62, Campinas, SP, abr. 2004.

BUCHER, R. **Prevenção ao uso indevido de drogas**/ Organização de Richard Bucher. 2.ed. Brasília, DF, Editora Universidade de Brasília, 1991.

BUENO, S. **Mini dicionário da língua portuguesa**. Editora FTD, São Paulo, 2000.

CEBRID, Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas da Unifesp, 1997.

CONTINI, M. L. J. e KOLLER, S.H. Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas. Conselho Federal de Psicologia, Rio de Janeiro, RJ, 2002.

COUTINHO, M. L. R. Análise do discurso em Psicologia: algumas questões, problemas e limites. In SOUZA, Lídio de Freitas, QUINTAL Maria de Fátima de e RODRIGUES,



M. M. P.. **Psicologia: Reflexões (im)pertinentes**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p. 328-329.

DALGALARRONDO, P. *et al.* Religião e uso de drogas por adolescentes. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. V.26, n.2, São Paulo, jun. 2004.

EDWARDS, G. **O tratamento do alcoolismo/ Griffith Edwards**, 2ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 1995, p 10.

FILHO, W.M. *et al.* Tentativas de suicídio por substâncias químicas na adolescência e juventude. **Revista Adolesc. Latinoam**. Nº 3, n 2, Porto Alegre. 2002.

GODOI, A. M. M, *et al.* Consumo de substâncias psicoativas entre estudantes da rede privada. **Revista Saúde Pública**. V.25 nº 2, São Paulo, 1991.

GÓES, M. C. R. de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Caderno Cedes**. [online]. abr. 2000, vol. 20, no.50, p. 9-25. Disponível na World Wide Web: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622000000100002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622000000100002&lng=pt&nrm=iso). ISSN 0101-3262. Acesso em: 15 Novembro 2003.

GROPPO, L. A. **Juventude: Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

LYRA, J. *et al.* "A gente não pode fazer nada, só podemos decidir sabor de sorvete". Adolescentes: de sujeito de necessidades a um sujeito de direitos. **Caderno Cedes** . [online]. ago. 2002, vol. 22, no.57 p.9-21. Disponível na World Wide Web: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622002000200002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622002000200002&lng=pt&nrm=iso). ISSN 0101-3262. Acesso em: 15 Novembro 2003.

MARTINS, P. O. , *et al.* O ter e o ser: Representações Sociais da adolescência entre Adolescentes de Inserção Urbana e Rural. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. 2003, vol.16, no.3, p.555-568.

MEDRADO, B. e LYRA, J. A. Adolescência “desprevenida” e a paternidade na adolescência: uma abordagem geracional e de gênero. In: SCHOR, **Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 1999.

MELO, M. T. de. **Um estudo sobre gravidez na adolescência no Hospital Regional de São José** – Homero de Miranda Gomes – SC. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia). UFSC, Florianópolis – Santa Catarina, 2000.

MOLON, S. I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vigotsky**. São Paulo: EDUC, 1999.

MUZA, G..M., B. *et al.* . Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto. **Revista de Saúde Pública**, vol. 31 n 1, São Paulo.

NOTO, A. R. e SILVA, E. A. Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas. **Conselho Federal de Psicologia**. Rio de Janeiro, 2002.

OMS – ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. Necessidades de Salud de los Adolescentes. **Série de Informes Técnicos** (609). Genebra: OMS. 1997.

OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Ed. Cortez, 2003.

PINTO, A. L. T. *et al.* **Estatuto da criança e do adolescente**. Ed. 10°. São Paulo: Saraiva, 2000.

SCHENKER, M. e MINAYO, M. C. de S. A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. **Ciênc. saúde coletiva**. [online]. 2003, vol.8, n°.1, p. 299-306. Disponível na World Wide Web: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232003000100022&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000100022&lng=pt&nrm=iso) . ISSN 1413-8123. Acesso em: 15 Novembro 2003.

SILLAMY, N.. **Dicionário de Psicologia Laroussei**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SILVA, M. S. *et al.*, **Se liga! O livro das drogas**. 3° ed., Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998.

SIQUEIRA, M. J. T. Paternidade Adolescente: Seu lugar nos programas públicos na área reprodutiva na região de Florianópolis. **Relatório final de pesquisa: FUNPESQUISA**, 2000.

TAVARES, B. F. ; BÉRIA, J. U. e LIMA, M. S. de. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. **Rev. Saúde Pública**. [online]. abr. 2001, vol.35, no.2 p.150-158. Disponível na World Wide Web: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-)

891020010002000008&lng=pt&nrm=iso . ISSN 0034-8910. Acesso em: 15 Novembro 2003.

TOROSSIAN, S. RIBEIROL, T. W., PERGHER, N. K. e D. . Drogas e adolescência: uma análise da ideologia presente na mídia escrita destinada ao grande público. **Psicologia Reflexão Crítica**. [online]. 1998, vol.11, no.3, p.421-430. Disponível na World Wide Web: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-797219980003000003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-797219980003000003&lng=pt&nrm=iso) . ISSN 0102-7972. Acesso em: 15 Novembro 2003.

## **ANEXOS**

# **Mestrado em Psicologia UFSC – UNOESC**

Mestranda: Esp. Ana Patrícia Parizotto

Orientadora: Dra. Maria Juracy Filgueiras Tonelli

## **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

### **BLOCO 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Nome:

Idade:

Data de nascimento:

Sexo: ( ☐ ) Feminino ( ☐ ) Masculino

Naturalidade:

Cidade de origem:

Etnia:

Religião:

Renda familiar:

Endereço:

Escolaridade:

Residência: ( ☐ ) própria ( ☐ ) alugada ( ☐ ) outros:

Casa: ( ☐ ) madeira ( ☐ ) tijolos

Quantos cômodos têm a casa?

Composição familiar:

Tem aparelhos eletrodomésticos? Quais?

Ocupação:

### **BLOCO 2 – FAMÍLIA DE ORIGEM**

Com quem mora:

Irmãos:

Localização na constelação familiar:

Profissão do pai:

Profissão da mãe:

Religião do pai:

Religião da mãe:

Escolaridade do pai:

Escolaridade da mãe:

Idade do pai:

Idade da mãe:

### **BLOCO 3 – ADOLESCÊNCIA**

- Para você o que é ser adolescente?
- O que os adolescentes fazem?
- Como os adultos vêem os adolescentes?
- O que você acha que os adultos pensam sobre os adolescentes de hoje?
- Que papel / lugar os adolescentes ocupam hoje na sociedade?
- Como são os adolescentes da sua cidade?
- E os seus amigos?

### **BLOCO 4 – EXPERIÊNCIA COM BEBIDAS ALCOÓLICAS**

(em relação ao consumo de bebidas alcoólicas)

- Você já experimentou algum tipo de bebida alcoólica?
- Primeira experiência com álcool. Quando? Onde? Porque?
- Qual o tipo de bebida de álcool que você geralmente ingere?
- Qual a quantidade de bebida alcoólica necessária para causar alterações no seu comportamento?
- O que você sente quando bebe?
- Quais desses efeitos que você citou são agradáveis e quais são desagradáveis para você?
- Qual a quantidade de bebida alcoólica que você precisa para “ficar de fogo”?
- Com que frequência você faz uso de bebidas alcoólicas?

- Por que você bebe?
- Com quem você costuma beber?
- Em quais locais você costuma beber?
- Em que horários você costuma beber?
- Para você, o que leva o adolescente a fazer uso de álcool?

## **BLOCO 5 – CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS NA FAMÍLIA DE ORIGEM**

- Presença de consumo de bebida alcoólica na família de origem.
- Caso a resposta anterior seja afirmativa, situações em que ocorre o uso.
- Frequência de consumo na família.
- A sua família sabe sobre o seu consumo de bebida alcoólica?
- O que os seus pais dizem quando você bebe?
- O que os seus pais pensam sobre o consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes?
- Você costuma conversar com os seus pais sobre assuntos relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes?